UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

HUGO DE MELO RODRIGUES

PATRIMÔNIO CULTURAL DE BARBALHA NA FORMAÇÃO ESTÉTICA DE PROFESSORES DO ENSINO BÁSICO: ELEMENTOS DO CÍRCULO ESTÉTICO-DIALÓGICO

FORTALEZA - CEARÁ
2016

HUGO DE MELO RODRIGUES

PATRIMÔNIO CULTURAL DE BARBALHA NA FORMAÇÃO ESTÉTICA DE PROFESSORES DO ENSINO BÁSICO: ELEMENTOS DO CÍRCULO ESTÉTICO-DIALÓGICO

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE da Universidade Estadual do Ceará - UECE, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em educação. Área de Concentração: Formação de Professores.

Orientador: Prof. Dr. José Albio Moreira de Sales

FORTALEZA - CEARÁ

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Rodrigues, Hugo de Melo.
Patrimônio cultural de Barbalha na formação estética de professores do ensino básico: elementos do Círculo estético-dialógico [recurso eletrônico] / Hugo de Melo Rodrigues. - 2016.
1 CD-ROM: il.; 4 ¾ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 128 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Educação, Mestrado Acadêmico em Educação, Fortaleza, 2016.
Área de concentração: Formação de Professores.
Orientação: Prof. Ph.D. José Álbio Moreira de Sales.

1. Patrimônio Cultural. 2. Formação Docente. 3. Estética. I. Título

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos vinte dias do mês de abril de dois mil e dezesseis, **HUGO DE MELO RODRIGUES** aluno(a) regularmente matriculado(a) no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UECE) Curso de Mestrado Acadêmico (CMAE), na área de concentração em Formação de Professores, defendeu a dissertação intitulada **PATRIMÔNIO CULTURAL DE BARBALHA NA FORMAÇÃO ESTÉTICA DE PROFESSORES DO ENSINO BÁSICO: ELEMENTOS DO CÍRCULO ESTÉTICO-DIALÓGICO.** A Banca de Defesa foi composta pelos professores: Dr. José Albio Moreira de Sales (Presidente – PPGE/UECE), Dra. Ângela Maria Bessa Linhares (UFC), Dra. Maria Socorro Lucena Lima (PPGE/UECE) e Dr. José Rogério Santana (UFC). A defesa ocorreu das 9:00 às 11:00, tendo sido o(a) aluno(a) submetida à arguição, dispondo cada membro da banca de tempo hábil para tal. Em seguida, a banca reuniu-se em separado e concluiu por considerar APROVADO o(a) mestrando(a) **Hugo de Melo Rodrigues**, por sua dissertação e sua defesa pública terem recebido conceito SATISFATÓRIO e nota 10,00. Eu, José Albio Moreira de Sales, que presidi a Banca de Defesa de Dissertação, assino a presente ata, juntamente com os demais membros, e dou fé.

Prof. Dr. José Albio Moreira de Sales (Presidente – PPGE/UECE)

Profa. Dra. Ângela Maria Bessa Linhares (UFC)

Profa. Dra. Maria Socorro Lucena Lima (PPGE/UECE)

Prof. Dr. José Rogério Santana (UFC)

Dedico este trabalho aos meus familiares, em especial a minha esposa Cicera Sineide Dantas Rodrigues, ao meu filho Arthur Vitor Dantas Rodrigues e a minha filha Maria Julia Dantas Rodrigues, por darem sentido à minha vida.

Dedico em especial ao leitor, que um dia há de debruçar-se sobre a minha pesquisa, em busca de conhecer os caminhos por mim percorridos para realizá-la.

AGRADECIMENTOS

A Deus por minha vida, pelos meus familiares e amigos e pelos caminhos que trilhei, muitas vezes na incerteza, mas sempre na esperança da chegada.

Aos meus pais Manuel Miguel Rodrigues e Maria de Melo Rodrigues (em memória), pelos caminhos e descaminhos na estrada da vida.

Ao Sr. Alfons Lonsing (em memória) e a Sra. Bernadete Bezerra Lonsing, por me acolherem na minha adolescência de sonhos, em um *Caldeirão de Crianças*.

Aos meus familiares, deixo aqui o meu registro de carinho e afeto por todos eles.

À minha amada esposa Cicera Sineide Dantas Rodrigues, e aos meus amados filhos Arthur Vitor Dantas Rodrigues e Maria Julia Dantas Rodrigues, razão da minha vida.

Ao meu orientador, o Profº. Dr. José Albio Moreira de Sales, imensamente sou grato, por sua acolhida, seu carinho, sua atenção e por aceitar orientar a minha pesquisa de mestrado.

Aos professores que ao longo da minha trajetória de estudante, me conduziram ao caminho do saber.

Aos docentes do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), que durante a minha estada como mestrando, tive a oportunidade de tê-los como professores: Antônio Germano Magalhães Junior, Betânia Moreira de Moraes, Claudia Sales de Alcântara, Fátima Maria Leitão Araújo, Frederico Jorge Ferreira Costa, Heraldo Simões Ferreira, Isabel Maria Sabino de Farias, Isaíde Bandeira da Silva, José Albio Moreira de Sales, José Deribaldo Gomes dos Santos, Maria das Dores Mendes Segundo, Maria Socorro Lucena Lima e Ruth Maria de Paula Gonçalves.

À professora Dra. Isabel Maria Sabino de Farias, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), pela dedicação e zelo.

À professora Dra. Maria Socorro Lucena Lima e ao Professor Dr. Pedro Rogério pelas contribuições no momento da qualificação deste trabalho.

Aos funcionários do (PPGE), em especial a Maria Jonelma Lemos Marinho, secretária do (PPGE) pela atenção e zelo com todos os alunos.

À professora Dra. Lia Machado Fiúza Fialho, pela oportunidade da minha primeira publicação em capítulo de livro.

Aos colegas do mestrado e doutorado do (PPGE), que juntos formamos uma grande família, unindo diferentes culturas, num processo de formação docente.

Aos amigos do grupo de pesquisa: Investigação em Arte, Ensino e História (IARTEH), pela troca de experiências e a vivência de momentos agradáveis, em especial aos mestrandos e doutorandos orientados pelo professor Dr. José Albio de Sales, que relaciono a seguir o nome e o ano de ingresso no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Ceará (UECE): Mateus Bonie Campos Braga (2016); Maira Gutierres Gonçalves (2015); o meu ingresso no PPGE foi no ano de (2014); Ana Valéria Roldan Viana, Bruno Pinheiro Teixeira (2013); Gardner de Andrade Arrais, Jacqueline Rodrigues Peixoto (2012); Iany Bessa Silva Menezes, Francisco Dilton Chaves Barreto (2011); Marcos Aurélio Moreira Franco, Nertan Dias Silva Maia (2010); Conceição de Maria Cunha (2009); Francisco Sebastião de Paula (2007); Jacqueline Holanda Tomaz de Oliveira (2006); Tânia Maria de Sousa França (2005) e Maria Fabiana Skeff de Paula Miranda (2004). Da mesma forma, agradecimento aos doutorandos: Wendel Alves de Medeiros (2016); Jacqueline Rodrigues Peixoto (2015); Austelino Fernandes Lopes Tavares, Gardner de Andrade Arrais (2014) e Tânia Maria Sousa França (2013).

Aos oito docentes que colaboraram com essa pesquisa participando ativamente do Círculo estético-dialógico. Agradeço a cada um pelo compartilhamento de saberes e fecundas aprendizagens.

Ao diretor da Escola Senador Martiniano de Alencar, o professor José Rosinaldo Rodrigues da Paixão, por ter proporcionado a realização deste trabalho na referida escola.

Aos membros das entidades culturais, em especial ao Instituto Cultural do Vale Caririense – (ICVC), Instituto Cultural do Cariri (ICC), Sociedade dos Poetas de Barbalha e a Sociedade dos Poetas de Araripe.

À professora Jane Lima, quem primeiramente após uma visita à escola, me forneceu a lista dos possíveis colaboradores da pesquisa.

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) pelo apoio e financiamento desta pesquisa.

Imagem extraída da página do *facebook* do escritor português José Luís Peixoto, com ilustração de Hugo Makarov.

RESUMO

O patrimônio cultural na formação estética de professores é o tema central desse estudo. Nesse sentido, a investigação objetivou compreender as possibilidades e os limites de formação estética no trabalho colaborativo com professores do ensino básico, a partir de elementos do patrimônio cultural da cidade de Barbalha. Assim, buscou-se conhecer a concepção dos professores sobre o tema patrimônio cultural, caracterizando os elementos do patrimônio cultural barbalhense elencados pelos docentes pesquisados, além de procurar entender de onde provêm os saberes de formação estética que os docentes utilizam para interpretar o patrimônio cultural de Barbalha. Para o desenvolvimento do presente estudo foram utilizadas como categorias centrais: patrimônio cultural (CHOAY, 2006), (MARTINS, 2006), (HORTA, 1999) (VARINE, 2012) e formação estética docente. Deste modo, formação docente (NÓVOA, 1995), e estética (DUARTE JUNIOR, 2003, 2005 e 2009) se interligam compondo uma categoria relevante da pesquisa. A metodologia fundamentou-se em uma abordagem qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994), (RODRIGUES, 2007), (GHEDIN; FRANCO, 2011), orientada pela pesquisa-ação crítico-colaborativa (FRANCO, 2005; BARBIER, 2007; PIMENTA e LIMA, 2005, 2006; PIMENTA, 2008), tendo como eixo teórico a Pedagogia Cultural que se vincula aos Estudos Culturais (SILVA, 2000). O campo de investigação foi a Escola de Ensino Fundamental Senador José Martiniano de Alencar, sediada no município de Barbalha. Os colaboradores constituíram-se de oito docentes da referida escola. Para a pesquisa de campo realizou-se um curso investigativo-formativo de caráter colaborativo. Os encontros grupais ocorreram por meio do *Círculo estético-dialógico*. Foram desenvolvidos exercícios, tais como: Carta docente; Chão escolar; Cidade imaginária; Citações de textos; Desenho; Diário formativo; Entre ruas e imagens; Leitura e análise de texto; Olhos vendados; Patrimônio afetivo; Tirinhas pedagógicas e recortes; Vídeo-documentário e Varal de imagens. Para fortalecer a interação entre os participantes, foi criado ainda um grupo virtual no *facebook*, intitulado *Formação estética docente*, composto pelos pesquisadores e colaboradores. Realizou-se entrevista semi-estruturada em áudio com os participantes, fez-se registro filmado e fotográfico dos encontros. As análises evidenciaram que o carregamento do pau da bandeira de Santo Antônio foi considerado como o bem patrimonial mais expressivo do município, seguido da Igreja do Rosário, da Matriz de Santo Antônio e das edificações históricas da cidade e, embora, o município de Barbalha apresente uma diversidade de grupos folclóricos, manifestações culturais e edificações históricas, esse

patrimônio cultural, normalmente, não é discutido ou contextualizado na formação de professores e no contexto escolar. Assim, se fez necessário considerar que os espaços urbanos e as práticas culturais devem se constituir como mecanismos importantes para o processo de formação estética docente. A pesquisa-ação realizada, provocou mudanças nas concepções e práticas pedagógicas dos colaboradores do estudo. Estes passaram a utilizar discussões e vivências acerca do patrimônio cultural em suas salas de aula do ensino básico e fundamental. Deste modo, o estudo permitiu perceber que o patrimônio cultural da cidade foi ressignificado no diálogo de saberes e no trabalho cotidiano dos professores, contribuindo para que estes se percebessem como sujeitos participantes da cultura local. Desse modo, a pesquisa possibilitou a transformação de saberes e práticas permeadas pelo movimento da formação estética dos professores desta pesquisa.

Palavras-chave: Patrimônio cultural. Formação docente. Estética.

ABSTRACT

Cultural heritage in the aesthetic teachers' formation is the central theme of this study. In this sense, the research aimed to understand the possibilities and boundaries of aesthetic formation in collaborative work with primary school teachers, from elements of the cultural heritage of the town of Barbalha. Thus, it sought to ascertain the teachers' conceptions about the cultural heritage theme, featuring the elements of cultural heritage of Barbalha listed by the surveyed teachers, plus seek to understand from where the aesthetic formation knowledge that teachers use to interpret the cultural heritage of Barbalha come from. For the development of this study were used as main categories: cultural heritage (CHOAY, 2006), (MARTINS, 2006), (HORTA, 1999) and (VARINE, 2012); and teaching aesthetic formation. This way, teacher formation (NÓVOA, 1995) and aesthetics (DUARTE JUNIOR, 2003, 2005 and 2009) interconnects composing a relevant category of research. The methodology was based on a qualitative approach (BOGDAN; BIKLEN, 1994), (RODRIGUES, 2007) and (GHEDIN; FRANCO, 2011), driven by critical-collaborative action-research (FRANCO, 2005; Barbier, 2007; PEPPER & LIMA, 2005, 2006 and PEPPER, 2008), with the Cultural Education linked to the Cultural Studies (SILVA, 2000) as a theoretical axis. The research field was the Elementary School Senator José Martiniano de Alencar, settled in the town of Barbalha. The staff consisted of eight school teachers from the referred school. For the field research, an investigative-training course of collaborative nature was carried out. The group meetings occurred through the *Aesthetic-dialogical circle*. Exercises have been developed, such as: "Teaching Carta", "School floor", "Imaginary city", texts quotations, drawing, formative diary, "Between streets and images", reading and text analysis, "Blindfolded", "Affective heritage", educational comic strips and cutouts, documentary video and "Clothesline of images". To strengthen the interaction between the participants, it has created a virtual group on *Facebook* named *Formação estética docente* composed of researchers and collaborators. A semi-structured audio interview with the participants has been conducted; video and photographic record of the meetings has been taken. The analysis showed that the carrying of St. Anthony flagpole was regarded as the most significant patrimonial heritage of the city, followed by the Rosary Church, St. Anthony 'mother church' and town's historical buildings; and although the city of Barbalha presents a diverse folklore groups, cultural manifestations and historical buildings, this cultural heritage isn't usually discussed or contextualized in teacher formation and school context. Thus, it was necessary to consider that urban spaces

and cultural practices should be an important mechanism for teaching aesthetic formation. The action-research performed in this study caused changes in the researchers' pedagogical conceptions and practices. These began to use discussions and experiences on cultural heritage in their classrooms of primary education. Thus, the study allowed to realize that the cultural heritage of Barbalha was reframed in the knowledge dialogue and in the daily work of teachers, contributing to these perceived themselves as crucial part of the local culture. Thus, the research made possible the knowledge transformation and permeated practices by the movement of aesthetic teachers' formation of this research.

Keywords: Cultural heritage. Teachers Formation. Aesthetic.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Ilustração e texto: Decifra-me... ou devoro-te, mas primeiro tenta decifrar..... 16
Figura 2- Ilustração e texto: Ninguém caminha sem aprender a caminhar 30
Figura 3- Ilustração Igreja do Rosário e fachada da Escola de Ensino Fundamental Senador Martiniano de Alencar em Barbalha 42
Figura 4- Tabela dos colaboradores 44
Figura 5- Ilustração e texto: cultura não é o que entra pelos olhos e ouvidos, mas o que modifica o jeito de olhar e ouvir 47
Figura 6- Ilustração e texto: Raquel de Queiróz - Cada coisa tem sua hora e cada hora o seu cuidado 64
Figura 7- Fonte - Revista TAM Nas Nuvens. Setembro de 2014 66
Figura 8- Fonte - Revista Istoé Gente. Abril de 2014 67
Figura 9- Fonte - Revista TAM Nas Nuvens. Setembro de 2014 68
Figura 10- Fonte - Revista TAM Nas Nuvens. Setembro de 2014 69
Figura 11- Fonte - Revista Istoé Gente. Abril de 2014 70
Figura 12- Fonte - Revista TAM Nas Nuvens. Setembro de 2014 71
Figura 13- Fonte - Revista TAM Nas Nuvens. Setembro de 2014 72
Figura 14- Fonte - Revista Istoé Gente. Abril de 2014 73
Figura 15- Ilustrações de três Tirinhas pedagógicas 79
Figura 16- Ilustração Janela aberta 82
Figura 17- Ilustração do exercício P7-2015 88
Figura 18- Ilustração do exercício P8-2015 88
Figura 19- Ilustração do exercício P4-2015 90
Figura 20- Grupo Mateu de Teatro 92
Figura 21- Ilustração do exercício P1-2015 94
Figura 22- Ilustração do exercício P3-2015 95
Figura 23- Ilustração do exercício P6-2015 96
Figura 24- Ilustração do exercício P2-2015 98

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CCCS	Centre for Contemporary Cultural Studies
CE	Ceará
CRAJUBAR	Crato, Juazeiro e Barbalha
CREDE	Centro Regional de Educação
EEF	Escola de Ensino Fundamental
FACED	Faculdade de educação
FAFOPST	Faculdade de Formação de Professores
FEMUB	Festival de Música de Barbalha
FIG	Figura
FUNCAP	Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico
IARTEH	Investigação em Arte, Ensino e História
ICC	Instituto Cultural do Cariri
ICVC	Instituto Cultural do Vale Caririense
IPHAN	Instituto do Patrimônio, Histórico, Artístico Nacional
ORG	Organização
PE	Pernambuco
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
PROARES	Programa de Apoio às Reformas Sociais do Ceará
SPB	Sociedade dos Poetas de Barbalha
SPHAN	Serviço de Patrimônio Histórico, Artístico Nacional
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFC	Universidade Federal do Ceará
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
URCA	Universidade Regional do Cariri
UVA	Universidade do Vale do Acaraú

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 16

1.1. A vivência familiar 17

1.2. O caminho da escola e a sala de aula 19

1.3. Instituições educacionais, sociais, culturais e religiosas 21

1.4. Experiências profissionais: magistério e a função de Técnico em Cultura 22

1.5. O problema de pesquisa 25

1.6. Objetivos 26

1.7. Justificativa 26

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS 30

2.1. Eixo teórico 32

2.2. A pesquisa-ação como método utilizado 34

2.3. Instrumentos para produção dos dados 35

2.4. Campo de investigação 41

2.5. Colaboradores da pesquisa 43

2.6. Processo de análise de dados 46

3 TECENDO AS CATEGORIAS DE ANÁLISE 47

3.1. Patrimônio cultural 47

3.2. Formação estética docente 58

4 MOMENTOS NO CÍRCULO ESTÉTICO-DIALÓGICO 64

4.1. Primeiro Encontro: Grupo no *facebook*; Varal de imagens; Desenho; Leitura e análise de texto 64

4.2. Segundo Encontro: Patrimônio afetivo; Carta docente; Cidade imaginária e Entre ruas e imagens 74

4.3. Terceiro Encontro: Chão escolar; Citações de texto; Leitura e análise de texto 75

4.4. Quarto Encontro: De olhos vendados pela cidade; Vídeo-documentário; Leitura e análise de texto 77

4.5. Quinto Encontro: Tirinhas pedagógicas e colagens; Leitura e análise de texto 79

4.6. Sexto Encontro: Diários Formativo 80

5 BARBALHA: A CIDADE REVELADA NO OLHAR DOS PROFESSORES PELA JANELA DA ESCOLA 82

6 CONSIDERAÇÕES 108
REFERÊNCIAS 112
APÊNDICES 118
APÊNDICE A - PROGRAMAÇÃO DO CURSO FORMATIVO-INVESTIGATIVO SOBRE O PATRIMÔNIO CULTURAL DE BARBALHA 119
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO DO PROFESSOR COLABORADOR 123
APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 125
APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA CONCEPÇÕES SOBRE PATRIMÔNIO 128

1 INTRODUÇÃO

Figura 1

Decifra-me ou devoro-te! Esse era o desafio da Esfinge de Tebas. Ela eliminava aqueles que se mostrassem incapazes de responder a um determinado enigma.[1] Assim ocorre a cada instante na minha trajetória formativa, que vai se construindo, de maneira lenta, gradativa e contínua, entre dúvidas, certezas e enigmas. As andanças da vida me possibilitam a vivência de experiências subjetivas e estéticas sob a mediação da cultura, de pessoas, lugares e fatos que me instigam a buscar compreender esse fenômeno que me seduz, ganha um contorno diferenciado, tornando-se um corpo, um objeto que precisou ser decifrado.

O objeto investigado nesse estudo desvelou-se em várias fases do meu percurso formativo. Sob esta lógica, compreendo que "[...] a formação deve ser encarada como um processo permanente [...]" (NÓVOA, 1995, p. 29). Nesse processo, entendo que as minhas andanças, não são apenas minhas. Elas trazem e conduzem aos diversos "eus" que habitam nos outros e os "eus" que habitam em mim. Assim, reflito que "[...] sou muitos. Tem-se a impressão de que se trata da mesma pessoa porque o corpo é o mesmo. De fato, o corpo é um, mas os 'eus' que moram nele são muitos" (ALVES, 2007, p. 29).

Nesta perspectiva, as minhas andanças foram se constituindo em histórias, imagens e cenas cotidianas, que contribuíram em meu processo formativo, pois "[...] o indivíduo humano vive cada instante de sua vida como o momento de uma história: história de um instante, história de uma hora, de um dia, de uma vida [...]" (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 525).

Deste modo, as experiências que me conduziram ao objeto trazido para o Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Ceará (UECE) se constituíram nessas andanças da minha vida, na caminhada por vários espaços formativos, "uma história de vida

[1]Na mitologia grega, uma esfinge guardava a entrada da cidade grega de Tebas, permitindo a passagem apenas de viajantes que conseguissem responder seu enigma: "Que criatura anda com quatro pernas pela manhã, duas pernas à tarde e três pernas ao anoitecer? A resposta: O ser humano! Engatinha quando bebê, anda sobre dois pés quando adulto e recorre a uma bengala na velhice.

que se costura [...] pelas ruas, vilas, vielas e becos; que salta passeios e praças invadindo catedrais de conservação [...]" (MATOS, 2007, p. 16). As experiências que compartilho nessa pesquisa foram edificadas na vivência familiar; no caminho da escola e nas salas de aula por onde passei; nas instituições educacionais, sociais, culturais e religiosas; no exercício da profissão e no cotidiano. Assim, estas experiências que passo a descrever, me conduziram a constituir um problema de pesquisa, seus objetivos e justificativa, conforme a seguir.

1.1. A vivência familiar

Penso inúmeras vezes sobre os lugares e as casas em que morei, e o significado destes espaços para a minha formação. Os lugares em que morei e vivi me proporcionaram experiências, que se constituíram em memórias. Nestes lugares, aprendi a conviver com o meio ambiente, com outras pessoas e culturas diferentes.

A convivência em diversos espaços trouxe conhecimento e experiências que me ajudaram a compreender e perceber a importância que o patrimônio e a cultura exercem sobre uma cidade e os seus moradores, contribuindo para o processo formativo dos seus habitantes.

Falar de si é falar do outro. É buscar na memória, as lembranças de um caminho que foi percorrido e simbolicamente encontra - se coberto de folhagens verdes, que representam os bons acontecimentos e os ramos secos, que representam os acontecimentos difíceis, causando estranheza no caminhar entre as folhagens verdes e os ramos secos. Assim, faço esse caminho de volta ao passado e revisito lugares e tempos que ficaram registrados em minha memória, considerando que a memória é uma evocação do passado, pois "[...] não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou antes que declarássemos nos lembrar dela" (RICOEUR, 2007, p. 40).

Percorrer o passado é, num fechar de olhos, lembrar-nos de pessoas, vozes, cheiros, sabores e cores de um tempo que foi retomado e ressignificado na memória. Sobre as lembranças, é importante destacar que elas, também são "[...] coletivas e nos sãos lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós [...] porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas [...]" (HALBWACHS, 2006, p. 30). Assim, compreendo que a lembrança se constitui uma experiência temporal, pois "[...] a lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais. É nossa primeira e mais fundamental experiência do tempo [...]" (CHAUI, 2000, p. 158).

Para retornar ao passado é preciso certificar-me de quem sou, fortalecendo a minha identidade, reconhecendo as minhas realizações, os meus anseios, as minhas frustrações e os meus desejos, para não me perder no momento do desencontro. Recorrer ao passado é entrar em um labirinto na tentativa de refazer o caminho que ficou para trás. É fazer uma viagem, para um reencontro comigo mesmo.

Tenho poucas recordações do período da infância. Lembro-me que pelo fato da minha família morar de aluguel, vivi em muitas casas, na infância e juventude. Em cada casa, em cada espaço e lugar, a lembrança de um tempo, das pessoas e suas culturas, compondo a cena daquele momento, construída por diálogos, encontros e desencontros, compreendendo que: "não há diálogo [...] se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda [...]" (FREIRE, 1987, p. 79).

Rememorando a história da minha vivência familiar, percebo que muitos foram os caminhos percorridos e ao longo dessa trajetória, fui obrigado a trilhar caminhos involuntários e a lembrança de parte da trajetória da minha vida, me faz perceber que ao retornar em busca das minhas raízes na tentativa de tecer uma rede, a faço com pedaços de retalhos.

Cedo, fui aprendendo a ocupar meu lugar no mundo, pois, é no mundo que vivemos as nossas experiências, "[...] é nos lugares que se forma a experiência humana, que ela se acumula, é compartilhada, e que seu sentido é elaborado, assimilado e negociado. E é nas cidades, nos lugares, que os desejos se desenvolvem e ganham forma, alimentados pela esperança de realizar-se [...]" (BAUMAN, 2009, p. 13).

Hoje percebo o quanto a vida é mutante, que os meus posicionamentos diante dos acontecimentos mudam e que cada instante precisa ser pensado, ser vivido, considerando a conjuntura do momento, assim, as minhas experiências nos lugares, nas casas em que passei, me ajudaram a ser quem sou hoje, pois "[...] a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo [...]" (BACHELARD, 2008, p.24).

Minha trajetória familiar me fortaleceu e me fez refletir sobre o valor da vida e das inúmeras possibilidades que surgiram em minha caminhada, a exemplo da participação nos grupos de jovens, nos conselhos municipais, no desenvolvimento de atividades educacionais e na coordenação de atividades culturais. E assim, passei a compreender que "a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca [...]" (LARROSA, 2014, p. 18).

1.2. O caminho da escola e a sala de aula

Quando comecei a estudar, o caminho da escola me fascinava. A Escola de Primeiro Grau Tiradentes, primeira escola em que estudei ficava sediada em Juazeiro do Norte no Ceará, no bairro Novo Juazeiro, onde eu morava. Comecei a conhecer sobre o bairro, as casas, seus moradores e suas histórias. Nessa experiência do olhar em volta de mim, foi possível observar o mundo, e que "[...] o mundo fora de minha cabeça tem janelas, telhados, nuvens [...]" (ABREU, 2015, p. 39).

Ao conhecer a cidade, o patrimônio e a cultura do lugar onde nasci e cresci, vi que poderia também conhecer outras culturas e outros lugares. Isto me conduziu à reflexão sobre a importância das cidades, seus contornos, suas histórias, manifestações culturais e, sobretudo, conhecer e valorizar as pessoas que vivem nestes lugares. Assim, comecei a refletir que "[...] por cidade não se deve entender apenas um traçado regular dentro de um espaço [...] um conjunto de edifícios representativos e utilitários [...]", mas um espaço composto, sobretudo de pessoas (ARGAN, 1992, p. 43).

Nesse percurso da minha trajetória, me vejo menino, encantado com as aulas de arte, que muito contribuiu para o meu desenvolvimento pessoal e profissional, me fazendo compreender que a arte é capaz de transformar as pessoas e o meio em que essas pessoas estão inseridas.

Destaco que ao longo da minha vida, me deparei com a arte e suas múltiplas possibilidades, considerando que a arte acompanha e contribui para o desenvolvimento social. Através da arte percebo que podemos interpretar e modificar a realidade da cidade, pois "[...] se pretendemos uma educação [...] humanizadora, a necessidade da arte é ainda mais crucial para desenvolver a percepção e a imaginação [...] desenvolver a capacidade criadora necessária à modificação desta realidade" (BARBOSA, 2004, p.5).

Foi, no entanto, nas séries iniciais da educação básica que comecei a me envolver mais diretamente com a arte. Aos dez anos de idade, fui apresentado à poesia que deveria ser declamada no dia das mães. Declamei a poesia mesmo com a ausência da minha mãe, que já havia falecido. Na ocasião, o meu pai (em memória), no meio das mães dos outros alunos me ouvia atentamente a declamar o poema "Minha Mãe", de Martins Fontes.[2] Aquela simples

[2]Minha Mãe: Beijo-te a mão, que sobre mim se espalma, para me abençoar e proteger, teu puro amor o coração me acalma; provo a doçura do teu bem-querer. Porque a mão te beijei, a minha palma, olho, analiso, linha a linha, a ver, se em mim descubro um traço de tua alma, se existe em mim a graça do teu ser. E o M, gravado

poesia, minha primeira declamação, a emoção daquele momento, deixou em mim boas lembranças e me fez sentir a arte atuar como uma ferramenta capaz de abrir caminhos, de transformar e traduzir a realidade de cada momento. Assim, compreendo com o poeta espanhol Antônio Machado que "não há caminho, se faz caminho ao andar".

Com lágrimas nos olhos, pela ausência da minha mãe e, ao mesmo tempo feliz pela presença do meu pai, declamei a poesia. E foi assim como tudo começou. Fui a partir daí construindo o gosto pelo encantado mundo da educação e da arte. Nessa trajetória, foram muitos os professores e professoras que me conduziram aos caminhos da aprendizagem, me fazendo entender "[...] a prática educativa como um exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos [...]" (FREIRE, 2002, p.164-165).

Nesse período, participei de aulas, em que os professores além de ensinar o conteúdo, mantinham uma relação de aproximação com os alunos, proporcionando aulas diferenciadas. Isto requer do professor um comprometimento pedagógico, onde o mesmo utiliza meios que facilitam o processo de ensino e aprendizagem, onde "o professor prepara a sua aula [...] vai traçando os mapas [...] se a aula for boa os alunos irão comer e beber as suas palavras. O mundo ficará luminoso. Uma aula bem dada é como a execução de uma sonata" (ALVES, 2001, p. 119-120). Assim, tive professores que através da arte me apresentaram diferentes maneiras de aprender as matérias e perceber o mundo.

Ao rever a minha trajetória formativa, percebo que a aprendizagem da vida, me fez ir além dos muros escolares e me possibilitou conhecer lugares, ruas, casas e pessoas que moravam ao meu redor. Conheci a história dessas pessoas e elas conheceram a minha. Sei que "contar histórias é uma arte [...] é ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido [...]". (ABRAMOVICH, 1989, p. 18). Ficava imaginando se seria possível registrar aquelas histórias, fotografar aqueles lugares, ruas, casas e pessoas e guardar a imagem para que a posteridade também pudesse conhecê-la, saber que existiu, mesmo entendendo que "[...] o homem sábio é o que sabe que há coisas que nunca vai saber. Coisas maiores que o pensamento" (COUTO, 2003, p.159).

A oportunidade de adentrar o universo escolar, de pisar o chão da sala de aula, inicialmente como aluno e depois na condição de professor do ensino básico e superior me

---

sobre a mão aberta, pela sua clareza, me desperta, um grato enlevo, que jamais senti: Quer dizer - Mãe! Este M tão perfeito, e, com certeza, em minha mão foi feito, para, quando eu for bom, pensar em ti (FONTES, 2014).

tornou apto a continuar sempre aprendendo, buscando pesquisar e compreender o fenômeno da educação, despertando a minha condição de eterno aprendiz.

1.3. Instituições educacionais, sociais, culturais e religiosas

No bairro Novo Juazeiro, desenvolvi trabalhos culturais e alfabetização de adultos. Na Paróquia Menino Jesus de Praga, no mesmo bairro, coordenei grupo de jovens, encenei e dirigi peças teatrais de cunho religioso. Participei de oficinas de teatro, comecei a ministrá-las também. A primeira oficina de teatro que desenvolvi foi concluída em 17 de julho de 1992, ano em que dei início a Companhia de Teatro XI-RÔ em Juazeiro do Norte.

Continuei realizando oficinas de teatro em outras cidades do interior cearense, cujo trabalho repercutiu na imprensa local. O Jornal do Cariri em 05 de outubro de 2003 publicou nota sobre o trabalho realizado com o título: *O teatro para as comunidades carentes:* "Há trabalhos que a mídia logo divulga [...] e existem os excepcionais, que vivem no anonimato [...] É o caso do trabalho de Hugo Rodrigues [...] São facetas do Cariri que [...] a mídia nunca imaginou existir [...]" (JORNAL DO CARIRI, 2003, p.6).

A participação em algumas instituições culturais, a exemplo do Conselho Municipal de Cultura (2009) e Estadual de Cultura (2010-2015), e a eleição para ocupar uma vaga no Instituto Cultural do Vale Caririense - ICVC (2005); no Instituto Cultural do Cariri - ICC (2012); e da Fundação da Sociedade dos Poetas de Barbalha - SPB (2010) me possibilitou conhecer muitos trabalhos culturais desenvolvidos em outros municípios do Estado do Ceará.

Ingressei em algumas instituições, tais como: Associação de moradores, entidades estudantis, grupo de jovens, grupo de teatro, grupos religiosos, partido político, conselhos municipais e estaduais. Estas instituições foram importantes para me ajudarem a discutir problemas do cotidiano da cidade, tais como desenvolvimento urbano, preservação de monumentos históricos, valorização de fatos históricos ocorridos na cidade, desenvolvimento educacional e o destaque da atuação de pessoas que contribuíram para o desenvolvimento humano.

Propus e coloquei em prática ideias através de encontros, seminários temáticos e da realização de diversas atividades sociais. A participação em movimentos e instituições educacionais e culturais gestaram a compreensão da necessidade de participação em grupos

de pesquisa ligados à universidade, para através destes e da realização de pesquisas, ter uma melhor compreensão do fenômeno estudado.

Destaco também o encontro com professores da educação básica para discutir o tema: "Ser professor hoje". Esse trabalho teve a cobertura da imprensa (rádio, jornal e Televisão). O Jornal Diário do Nordeste em 17 de outubro de 2006 noticiou: *Professores elaboram propostas de melhorias para a educação*, enfatizando que:

> [...] professores da rede privada e pública deste Município realizaram, no dia do professor [...] encontro para debater a situação atual do ensino e propostas de melhorias para o profissional docente [...] Com o tema "Ser professor Hoje" [...] trata das questões básicas relacionadas sobre três vertentes: o que somos, o que temos e o que queremos. Segundo o coordenador do encontro, Hugo Rodrigues, uma das principais dificuldades é reunir a classe docente, num momento em que pode haver mudanças na educação e que se torna importante poder mostrar as necessidades dos professores [...] (DIÁRIO DO NORDESTE. 2006, p.2).

O evento citado ajudou a perceber que o exercício do magistério nos dias de hoje requer uma constante vigilância e uma análise da prática pedagógica na atividade docente. É preciso ver o trabalho do professor em sua totalidade, considerando os desafios do trabalho docente.

Por meio dessas experiências percebo que o exercício da docência não deve ocorrer de forma neutra, "[...] ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra [...]" (FREIRE, 2002, p. 86), considerando que ser professor implica em um compromisso constante conosco, com o próximo e com o meio onde me faço presente, na clareza da minha prática.

1.4. Experiências profissionais, o magistério e a função de Técnico em Cultura

Quando criança, por volta dos dez anos de idade, precisei trabalhar para ajudar na renda da família. Assim, vendia lanche de porta em porta no bairro onde eu morava e depois, no início da adolescência, ajudava em um pequeno comércio na casa dos meus pais adotivos.

Na adolescência, quando passei a morar na Fundação Caldeirão da Criança, cuidei de crianças e adolescentes. Nesta mesma instituição assumi também as funções de bibliotecário, auxiliar de escritório e funções administrativas, participando da diretoria da instituição.

A experiência na docência veio ocorrer logo após o término do curso de Licenciatura em História, na Faculdade de Formação de Professores de Serra Talhada - PE. Nessa trajetória docente, fiquei inicialmente por alguns meses na função de professor substituto, na educação básica, na disciplina de História na Escola de Ensino Fundamental e Médio Tiradentes em Juazeiro do Norte, no bairro onde moro por muitos anos.

Na docência do ensino superior, a experiência ocorreu logo após a realização do curso de especialização em Psicologia Aplicada à Educação. Assumi algumas aulas nos cursos de licenciatura plena em Letras e Biologia, na disciplina de Psicologia da Educação, em cursos ofertados pela Universidade Regional do Cariri - URCA nas cidades de Nova Olinda e Milagres, também no interior cearense. Essa atividade na docência do ensino básico e superior aconteceu em horários alternados com o horário do trabalho que assumia na instituição em que eu morava e trabalhava.

Posteriormente, quando eu já não estava mais trabalhando no Caldeirão da Criança, devido o encerramento das atividades da referida instituição. Fui aprovado em uma seleção para professor temporário do Estado do Ceará. Fui convocado para lecionar no ensino fundamental, no período da manhã e tarde, do 6º ao 9º, lecionando as disciplinas de Arte, História e Geografia em 18 turmas por semana.

A experiência na docência do ensino básico, considerando a carga horária extensiva e a diversidade de disciplinas, me causou desânimo com a atividade docente, considerando as lacunas, fragilidades e as dificuldades do trabalho docente, sobretudo, no ensino básico.

No ano de 2008, ingressei como funcionário efetivo no serviço público por meio de concurso no município de Barbalha como Técnico em Cultura. No ano seguinte, assumi a coordenação responsável pelo patrimônio cultural do município. Ajudei a mobilizar a comunidade para o pedido de registro da "Festa do Carregamento do Pau da Bandeira de Santo Antônio"[3], reconhecendo essa manifestação cultural como patrimônio imaterial do Brasil junto ao Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, instituição responsável pelo tombamento e registro do patrimônio cultural brasileiro.

No ano de 2010, ocasião em que ocupava a presidência do Instituto Cultural do Vale Caririense - ICVC, apresentei oficialmente o pedido de registro da referida festa junto ao

[3] Festa realizada em Barbalha, cidade cearense, onde os moradores após escolherem uma árvore, cortam e carregam-na em cortejo para fixarem em frente a Matriz da cidade em festividades realizadas em louvor à Santo Antônio, padroeiro da cidade.

IPHAN, juntamente com outras entidades. O reconhecimento do registro da Festa do Carregamento do Pau da Bandeira de Santo Antônio, em Barbalha - CE, como patrimônio cultural do Brasil, só aconteceu oficialmente em 17 de setembro de 2015, em reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural no IPHAN, com a presença de diversas lideranças de Barbalha.

Em 2012, participei e obtive êxito em outro processo seletivo para professor substituto do ensino básico na Escola de Ensino Fundamental Senador Martiniano de Alencar em Barbalha. Fui conciliando essa atividade com a função de Técnico em Cultura.

Vale ressaltar que, após a Licenciatura em História, iniciei outro curso de Licenciatura em Teatro. Paralela a essa formação fui vivenciando a experiência como professor de Arte. Essa vivência teórico-prática evidenciou algumas lacunas educacionais, pois, no contexto do trabalho docente, eu era submetido a lecionar conteúdos do ensino de arte, dança e música, embora a licenciatura que estava cursando fosse em Teatro. É importante também destacar que não havia uma sala específica para a aula de Arte, além de ter que conviver com a baixa disponibilidade de recursos didáticos para este campo.

Vale ressaltar que, em Barbalha, fiquei por mais de cinco anos na função de Técnico em Cultura. A experiência obtida na Secretaria de Cultura de Barbalha aproximou-me de vivências no campo do patrimônio cultural. Assim, compreendo que o patrimônio se constitui em uma "[...] herança comunitária, da comunidade familiar à comunidade de vizinhança" (VARINE, 2012, p. 34).

A minha atividade docente na Escola Senador Martiniano José Martiniano de Alencar e a experiência no campo da cultura, provocou inquietações que me instigaram a compreender os elementos do patrimônio cultural na formação estética dos professores dessa cidade. É esse o objeto investigativo que apresento no presente estudo.

Vale dizer que a formação estética ajuda a ver e a interpretar o patrimônio cultural da cidade. De fato, o objetivo da educação estética é ensinar a capacidade de perceber e entender arte e a beleza em geral (LEONTIEV, 2000). "A arte é algo assim como a tentativa de se tirar um instantâneo do sentir" (DUARTE JUNIOR, 2009, p.44).

Sob este ponto de vista, enxergo o mundo como se fosse um museu, e o ser humano é alguém que sempre acrescenta algo novo a esse imenso museu da vida, dando-lhe novos significados, construindo uma nova história, pois "cada geração tem direito de olhar e interpretar a história de uma maneira própria, dando um significado à história que não tem significação em si mesma" (BARBOSA, 2004, p. 37-38).

Com base nessas compreensões e tendo em vista o objeto investigado, discorro a seguir, de forma mais específica, sobre o problema e os objetivos desta pesquisa[4].

1.5. O problema de pesquisa

Formular um problema é descrever o que se pretende pesquisar sobre o objeto citado. Neste sentido, compreende-se que "ao formularmos perguntas ao tema e ao assunto proposto, estaremos construindo sua problematização [...] Um problema decorre, portanto, de um aprofundamento do tema [...]" (MINAYO, 2004, p. 37-38). Assim, é importante que possamos elaborar perguntas para melhor definir nossa temática de pesquisa. Elas surgem do nosso dia-a-dia, da nossa vida cotidiana. Assim, é certo que "toda investigação se inicia por um problema com uma questão, com uma dúvida ou com uma pergunta, articuladas a conhecimentos anteriores, mas que também podem demandar a criação de novos referenciais" (MINAYO, 2004, p. 18).

Nessa perspectiva, compreendemos que as perguntas se constituem como o ponto de partida do problema e as respostas, o ponto de chegada, considerando que " [...] O ponto de partida de todo processo de pesquisa está na elaboração da pergunta. A pergunta (P) se processa a partir do mundo da necessidade que se traduz em indagações e questões que se qualificam em perguntas [...] distintas e concretas" (GAMBOA, 2012, p. 76).

Como ponto de partida, a nossa pesquisa busca responder o seguinte problema: Quais as possibilidades e limites de formação estética no trabalho colaborativo com professores do ensino básico, envolvendo elementos do patrimônio cultural de Barbalha?

Para refletir sobre esta questão, intencionamos alcançar os objetivos Geral e os objetivos específicos descritos a seguir.

[4] Essa primeira parte do texto foi apresentada na primeira pessoa do singular por discorrer diretamente sobre a história pessoal do autor. A partir do subcapítulo 1.5 o texto será apresentado na primeira pessoa do plural.

1.6. Objetivos:

Geral: Compreender possibilidades e limites de formação estética no trabalho colaborativo com professores do Ensino Básico, a partir de elementos do patrimônio cultural da cidade de Barbalha.

Objetivos Específicos:

- Conhecer a concepção dos professores sobre o tema patrimônio cultural;
- Caracterizar os elementos do patrimônio cultural barbalhense elencados pelos docentes pesquisados;
- Entender de onde provêm os saberes de formação estética que os docentes utilizam para interpretar o patrimônio cultural de Barbalha.

Nessa direção, intencionamos buscar respostas para as seguintes perguntas:

a) Qual a concepção dos professores do ensino básico, sobre o tema do patrimônio cultural?
b) Como esses professores identificam e caracterizam o patrimônio cultural barbalhense?
c) De onde provêm os saberes de formação estética que os docentes utilizam para interpretar o patrimônio cultural de Barbalha?

1.7. Justificativa

A pesquisa que desenvolvemos preocupou-se em entender o tema do patrimônio cultural na formação estética de professores do ensino básico. Há, desse modo, uma tentativa de compreender o caráter formativo do patrimônio cultural na profissão docente.

A pesquisa foi suscitada, principalmente, após a experiência que tivemos na Secretaria de Cultura de Barbalha no Cariri cearense, na função de Técnico em Cultura e na experiência de professor substituto do ensino básico na Escola de Ensino Fundamental Senador Martiniano de Alencar.

Assim, compreendemos que estas vivências foram decisivas na escolha do nosso objeto de pesquisa, pois "[...] os pensadores [...] não separam seu trabalho de suas vidas. Encaram a ambos demasiado a sério para permitir tal dissociação, e desejam usar cada uma dessas coisas para o enriquecimento da outra [...]" (MILLS, 1965, p. 211-212).

Reiteramos que a vivência na função de técnico em cultura e a de professor do ensino básico nos despertou o desejo de compreender como o fenômeno existente neste

patrimônio cultural atua nas concepções de professores do ensino básico. Queremos assim, entender, o elo que esses profissionais da docência estabelecem com a cultura desse lugar, seja aquela definida como cultura popular ou erudita, pois um "conjunto de crenças, códigos de comportamentos próprios das classes consideradas subalternas, pode caracterizar-se como cultura popular e esta definição surge da relação com a cultura erudita, entendida como uma produção mais requintada [...]" (COLARES, 2001, p.27-28).

Defendemos que a escola deve ser percebida como um espaço de interculturalidade. Para isso, se faz necessário que nela estejam presentes possibilidades diversificadas de manifestações culturais, elaboradas e ressignificadas no âmbito da sociedade.

É importante saber como o patrimônio cultural barbalhense se faz presente na formação estética dos professores do ensino básico. Sabemos que a consequência mais direta de um debate dessa natureza recai na criação de possibilidades estéticas de ensino e aprendizagem.

São caminhos para o desvelamento de elementos que narram a história de um povo, através de arquiteturas, crenças, costumes e tradições que nos ajudam a compreender "a relação entre a educação e sociedade no tempo e no espaço [...]" (SALES; OLIVEIRA, 2009, p. 38).

A inclusão da temática do patrimônio cultural e formação estética no sistema regular de ensino se constitui como elemento fundamental que contribui para a compreensão da história e memória do lugar e de sua gente, considerando que

> os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais (NORA, 1993, p. 13).

Sentimos a necessidade de pesquisar a educação patrimonial na formação estética dos professores do ensino básico, sobretudo, porque almejamos aproximar os docentes das suas heranças culturais e, desta maneira, fortalecer o relacionamento destes com estes bens, percebendo sua responsabilidade pela valorização e preservação do patrimônio cultural.

Os resultados da articulação entre o patrimônio cultural e a formação estética de professores, só poderão ser melhor avaliados com o passar dos anos, pois entendemos que a

inserção de novos saberes e novas práticas, necessitam de um tempo para serem absorvidas e interiorizadas pelos professores.

Nessa perspectiva, entendemos que a internalização do conhecimento ultrapassa as paredes das salas de aula. Para fazer sentir e pensar de forma mais intensivamente humana, a instituição escolar deve explorar os espaços que estão ao seu redor em suas múltiplas possibilidades. Nessa direção, a escola deve trabalhar mais especificamente os espaços que têm histórias para contar, que estão recheados de conhecimentos crenças e valores do povo, representadas pela diversidade cultural e arquitetônica de cada lugar específico.

Reconhecemos que o "espaço arquitetônico não é o produto da conjunção de larguras, comprimentos e alturas dos elementos construtivos que o delimitam, mas, sobretudo, resultado do ambiente interior em que andam e vivem as pessoas" (SALES; OLIVEIRA, 2009, p. 38).

Instigados por essas ideias, percebemos que a cidade de Barbalha, reconhecida como cidade histórica, possui muitos espaços educativos, edificações que carregam histórias, saberes e conhecimentos, assim como, as manifestações vivenciadas por diversos grupos culturais. Tudo isso se constitui como representação patrimonial, pois dela extraímos o alimento, a água, o ar e as ferramentas culturais essenciais para a existência humana e animal.

De fato, da nossa convivência com o meio e com os nossos semelhantes, constituímos os bens culturais que vão desde os recursos materiais, palpáveis, até a construção dos nossos saberes e modos de pensar e fazer, constituindo assim o nosso patrimônio cultural. Com base nessa premissa, é válido dizer que,

> O processo de produção da existência humana implica, primeiramente, a garantia da sua subsistência material com a consequente produção, em escalas cada vez mais amplas e complexas, de bens materiais; tal processo nós podemos traduzir na rubrica 'trabalho material'. Entretanto, para produzir materialmente, o homem necessita antecipar em ideias os objetivos da ação, o que significa que ele representa mentalmente os objetivos reais [...] tais aspectos, na medida em que são objetos de preocupação explicita e direta, abrem a perspectiva de uma outra categoria de produção que pode ser traduzida pela rubrica 'trabalho não-material' (SAVIANI, 2003, p. 12).

Desse modo, nesse estudo, associamos a discussão específica sobre patrimônio cultural e formação estética acreditando que estes elementos ajudaram aos pesquisadores e colaboradores, a pensarem uma nova concepção de educação e valorização do patrimônio cultural, fontes humanas do 'trabalho material' e do 'trabalho não-material'.

A pesquisa teve como colaboradores os professores do ensino básico da Escola de Ensino Fundamental Senador Martiniano de Alencar em Barbalha-Ceará. A presente Dissertação está organizada em cinco capítulos, descritos a seguir:

No primeiro capítulo, já apresentado, discorremos sobre a nossa aproximação com a temática investigada, apresentando os objetivos e a problemática da pesquisa, se constituindo os elementos principais da investigação.

No segundo capítulo, apresentamos a metodologia na qual a pesquisa foi desenvolvida, na qual se insere na abordagem qualitativa, tendo como eixo teórico os estudos culturais e a pedagogia cultural, cuja pesquisa-ação enfocamos o Curso investigativo-formativo, o qual denominamos de Círculo estético-dialógico, realizado com os professores colaboradores na Escola Senador Martiniano de Alencar em Barbalha.

No terceiro capítulo tratamos das categorias de análise desta pesquisa, onde elegemos o patrimônio cultural e a formação estética-docente, como categorias centrais, trazendo concepções sobre o patrimônio cultural e a estética-docente que passa pela experiência dos sentidos.

No quarto capítulo, destacamos os momentos realizados no Círculo estético-dialógico, distribuídos em seis encontros, por meio da realização de exercícios que possibilitaram aos participantes uma maior aproximação do objeto estudado.

No quinto e último capítulo apresentamos Barbalha, uma cidade que se revelou no olhar dos professores colaboradores da pesquisa, a partir da janela da escola.

Fechamos esse nosso trabalho com as Considerações acerca dos principais achados da pesquisa e as referências dos autores citados ao longo do texto.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

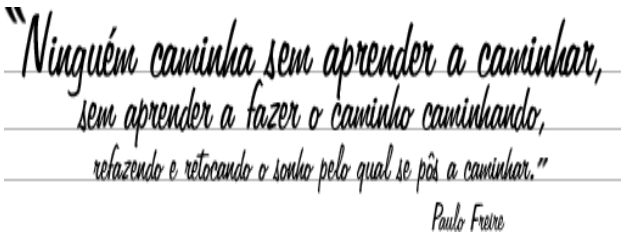


Figura 2

No presente capítulo descrevemos os caminhos que foram percorridos para desenvolvermos a pesquisa, percebendo e interpretando o fenômeno e suas particularidades.

Vale ressaltar que a metodologia da pesquisa se fundamentou em uma abordagem qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994), (MINAYO, 2004), (RODRIGUES, 2007), (GHEDIN; FRANCO, 2011), orientada pela pesquisa-ação crítico colaborativa (FRANCO, 2005), (BARBIER, 2007), (PIMENTA; LIMA, 2005/2006) e (PIMENTA, 2008), tendo como eixo teórico a Pedagogia Cultural (SILVA, 2000).

Em uma investigação, quando se pensa sobre os caminhos metodológicos a serem seguidos, é preciso compreender, antes de tudo, que a metodologia se constitui "o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade" (MINAYO, 2004, p. 16). O caminho possibilita colocar em prática as ideias, permitindo criar elos entre pensamento e ação.

Portanto, compreendemos que "[...] vê-se com os olhos, mas só se sabe o que as coisas são por meio do pensamento. Ver não é apenas perceber o objeto, mas fundamentalmente interpretá-lo" (GHEDIN; FRANCO, 2011, p.74). Assim, realizamos esse trabalho vendo, percebendo e interpretando o fenômeno em foco, educando o nosso olhar, que configurou - se na aprendizagem do pensar sobre aquilo que foi visto.

Com base nessa reflexão, salientamos que o método utilizado ajudou-nos a compreender o fenômeno e as suas particularidades através de aprofundamento teórico e a utilização de técnicas apropriadas para mantermos um contato mais próximo com o objeto de estudo, sempre tendo em vista que "se o meu compromisso é realmente com o homem concreto, com a causa de sua humanização, de sua libertação, não posso por isso mesmo prescindir da ciência, nem da tecnologia, com as quais me vou instrumentando para melhor lutar por esta causa" (FREIRE, 1976, p. 22-23).

No âmbito desse debate, faz-se relevante entender que, a metodologia utilizada, o aprofundamento teórico e o uso das técnicas foram vistos como mecanismos que favoreceram o desenvolvimento da pesquisa, mas sem inibir o processo criativo nosso e dos colaboradores.

Nesse sentido, o método configura-se como "[...] um conjunto de procedimentos lógicos e de técnicas operacionais que permitem o acesso às relações causais constantes entre os fenômenos" (SEVERINO, 2007, p. 102), procedimentos e técnicas que foram utilizados a serviço de um desvelar, compreender e apresentar o objeto de pesquisa.

Compreendemos ainda que "Método é a maneira de dizer, realizar, fazer ou ensinar uma coisa, pautando-se em certos princípios e numa determinada ordem [...]" (SALES; NÓBREGA-THERRIEN, 2011, p. 144-145).

Ao utilizarmos o método da pesquisa-ação percebemos que este caminho nos proporcionou uma orientação respaldada teoricamente para encontrarmos a resposta para o problema apresentado na pesquisa.

Ressaltamos que a nossa pesquisa preocupou - se em entender como o patrimônio cultural de Barbalha atua na formação estética dos professores da Escola de Ensino Fundamental Senador José Martiniano de Alencar, situada no referido município. Nessa direção, foi dado destaque especial aos significados que os professores colaboradores da pesquisa, atribuíram ao patrimônio cultural e como se apropriaram desses bens que cercam o seu cotidiano.

Tendo em vista a compreensão dos significados expressos por esses colaboradores acerca do patrimônio cultural da cidade, como dissemos, a presente investigação se apoiou na abordagem qualitativa, pois, esta abordagem ofereceu possibilidades fecundas de interpretação do fenômeno pesquisado. Em conformidade com o que pesquisamos e da abordagem escolhida, partimos do entendimento de que

> Qualitativa é a pesquisa que - predominantemente - pondera [...] analisa e interpreta dados relativos à natureza dos fenômenos, sem que os aspectos quantitativos sejam a sua preocupação precípua [...] sintetizando: qualitativa é denominação dada à pesquisa que se vale da razão discursiva [...] (RODRIGUES, 2007, p. 38-39).

Reiteramos assim que, a pesquisa desenvolvida foi do tipo qualitativa, pois, trabalhamos "[...] o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes [...]" (MINAYO, 2004, p. 21-22), partindo de técnicas e instrumentos interpretativos que nos orientaram nesse trabalho investigativo.

Na busca de tentar compreender os elementos do patrimônio cultural na formação estética do professor do ensino básico e considerando que a pesquisa qualitativa contempla diversos aspectos da vida educativa, é importante destacar cinco características básicas que definem a investigação qualitativa. Segundo Bogdan e Biklen (1994) na pesquisa qualitativa,

> [...] a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal [...]; é descritiva [...]; os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos [...]; os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva [...]; o significado é de importância vital na abordagem qualitativa [...] (p.47-52).

Indubitavelmente a pesquisa qualitativa tem o potencial de favorecer uma maior "[...] participação dos sujeitos pesquisados na análise dos processos e dos resultados da pesquisa" (GHEDIN; FRANCO, 2011, p.57). Foi com base nessa abordagem que fizemos nossas escolhas e vivências da pesquisa realizada.

2.1. Eixo teórico

A pesquisa teve como eixo teórico a pedagogia cultural, que é vinculada aos estudos culturais, contemplando em nosso campo de estudos a cultura visual, considerando que o nosso objeto de pesquisa relaciona - se ao patrimônio cultural, apropriando-nos também da utilização de imagens do patrimônio cultural barbalhense manifestado na formação estética dos professores do ensino básico. Nesse sentido, os nossos estudos se concentram na maneira como o patrimônio cultural do município manifesta-se na formação estética desses professores.

Sobre os estudos culturais, é historicizado que na Universidade de *Birmingham*, Inglaterra, no ano de 1964, foi fundado o "*Centre for Contemporary Cultural Studies - CCCS*" - Centro para Estudos de Cultura Contemporânea. Destacamos que os estudos culturais fazem parte do campo de teorização e investigação do referido CCCS, apresentando outras possibilidades do significado de cultura e adotando um posicionamento crítico a tendências mais homogeneizadoras e reducionistas da cultura. Para a perspectiva dos estudos culturais, a compreensão de cultura abarca as diversas experiências vivenciadas nos mais diferentes grupos sociais.

O ano de dois mil e quatorze registrou o aniversário de cinquenta anos do CCCS, onde destacou-se a sua atuação e importância na conjuntura internacional. Mas, é importante considerar que

> Se originalmente os Estudos Culturais foram uma invenção britânica, hoje, na sua forma contemporânea, transformaram-se num fenômeno internacional [...] isto não significa, no entanto, que exista um corpo fixo de conceitos que possa ser transportado de um lugar para outro e que opere de forma similar em contextos nacionais ou regionais diversos (SILVA, 1999, p. 136).

A abordagem dos estudos culturais expandiu-se consideravelmente nos últimos anos, propiciando o desenvolvimento de um campo importante e influente de teorização e investigação social, nela, a cultura é teorizada como campo de luta entre os diferentes grupos sociais, pois "[...] à identidade cultural só pode ser compreendida em sua conexão com a produção da diferença, concebida como um processo social discursivo" (SILVA, 2000, p. 69).

A Pedagogia Cultural vai além dos espaços escolares e sociais em que saberes são constituídos, relações de poder são vividas e experiências são interpretadas e as verdades são disputadas. Neste sentido, destacamos que: "Pedagogia cultural na nomenclatura de analistas como Shirley Steinberg e Henry Giroux, inspirada nos Estudos Culturais, é qualquer instituição ou dispositivo cultural [...] que, como a escola, esteja envolvido - em conexão com relações de poder - no processo de transmissão de atitudes e valores[...]" (SILVA, 2000, p. 88).

A pedagogia cultural influencia o currículo escolar reorganizando-o de forma interdisciplinar pela diversidade cultural que caracteriza a escola e o seu redor, pois é preciso pensar a escola como possibilidade de transformação social em constante diálogo com a sociedade. A pedagogia cultural "[...] enquadra a educação numa variedade de áreas sociais, incluindo, mas não se limitando à escola" (STEINBERG; KINCHELOE, 2001, p. 14).

Ao nos fundamentarmos na abordagem dos estudos culturais, nos alimentamos da ideia de que o professor deve estar comprometido não somente com a sala de aula e a escola, mas também com o patrimônio cultural que a cidade possui, oferecendo-lhe a possibilidade de construir, desconstruir e reconstruir as relações de pertencimento com a cultura da cidade e nela podendo intervir.

De fato, a pedagogia cultural possibilita analisar o fenômeno cultural, considerando que as práticas escolares repercutem na cidade assim como o patrimônio

cultural da cidade repercute na formação estética de docentes e discentes, pois "a escola é um palco fundamental para a teatralização do patrimônio" (CANCLINI, 2003, p. 164-165).

2.2. A pesquisa-ação como método utilizado

Utilizamos o método da pesquisa-ação por ser um importante caminho de aperfeiçoamento e mudanças. Desse modo "[...] pesquisa e ação podem e devem caminhar juntas quando se pretende a transformação da prática. No entanto, a direção, o sentido e a intencionalidade dessa transformação serão o eixo da caracterização da abordagem da pesquisa-ação" (FRANCO, 2005, p. 485).

Para aplicar essa metodologia, consideramos as seguintes etapas: planejamento, ação, observação, reflexão e nova ação, que foram desenvolvidas de forma colaborativa entre os sujeitos da pesquisa.

Há diferentes classificações para a pesquisa-ação. Seguimos a proposta defendida por Barbier (2007, p. 42-43). Segundo esse autor, a pesquisa-ação representa

> Pesquisas utilizadas e concebidas como meio de favorecer mudanças intencionais decididas pelo pesquisador. O pesquisador intervém de modo quase militante no processo, em função de uma mudança cujos fins ele define como estratégia. Mas a mudança visada não é imposta de fora pelos pesquisadores. Resulta de uma atividade de pesquisa na qual os atores se debruçam sobre eles mesmos. Se o processo é induzido pelos pesquisadores, em função de modalidades que eles propõem, a pesquisa é efetuada pelos atores em situação e sobre a situação destes. A ação parece prioritária nesse tipo de pesquisa, mas as consequências da ação permitem aos pesquisadores explorá-las com fins de pesquisa mais acadêmica.

Concordamos com Ibiapina (2008) que a pesquisa-ação desenvolvida com o propósito de transformar as escolas em comunidades críticas de professores que problematizam, pensam e reformulam práticas, tem em vista a emancipação profissional, à medida que postula que o professor é um sujeito que compartilha com os pesquisadores a atividade de transformar as práticas, a escola e a sociedade. Portanto, as pesquisas que se orientam pelo método da pesquisa-ação deixam de investigar sobre o professor e passam a investigar com o professor.

Pimenta (2008) acrescenta ainda que ao desenvolvermos a pesquisa-ação crítico colaborativa, não nos restringimos apenas à coleta de dados, considerando que neste momento, promovemos a reflexão e a orientação dos professores colaboradores, proporcionando o contato desses com subsídios teóricos e instrumentais. Nesta pesquisa, esse

processo ocorreu por meio do Círculo estético-dialógico, que foi idealizado por nós, no decorrer da pesquisa.

Pimenta e Lima (2005/2006, p. 16), esclarecem que, a pesquisa na valorização dos profissionais, "vem se firmando concomitantemente ao reconhecimento do professor como produtor de saberes é a de uma epistemologia da prática docente, capaz de conferir estatuto próprio de conhecimento ao desenvolvimento dos saberes docentes".

2.3. Instrumentos para produção dos dados

A pesquisa de campo se constituiu um momento significativo da investigação, pois permitiu a interação mais de perto com o objeto de estudo. Inicialmente, realizamos a pesquisa bibliográfica, elencando o material teórico disponível, fruto de pesquisas anteriores sobre a temática que estudamos.

Buscamos ainda identificar a existência de material escrito sobre o patrimônio cultural de Barbalha. Nos apropriamos de documentos como jornais, fotografias, folhetos de cordel e vídeos que retratavam a temática em questão, considerando que a noção de documento foi revista e ampliada, compreendendo que a história se constitui com documentos escritos, mas a história também "[...] pode fazer-se [...] sem documentos escritos, se os não houver [...] com palavras. Com signos. Com paisagens e telhas [...] com tudo aquilo que pertence ao homem [...]" (FEBVRE, 1985, p.249).

Neste sentido, iniciamos a nossa pesquisa e não dispensamos as informações documentais necessárias, pois quem pesquisa e "consulta fontes que ensinam a procurar fontes, não terá problemas em localizar abundantes referências bibliográficas, restando-lhe o desafio da seleção dos textos em meio a tantas referências" (RODRIGUES, 2007, p. 19).

Entramos em contato com a direção da Escola de Ensino Fundamental Senador Martiniano de Alencar com o intuito de coletar dados sobre esta instituição e, para estabelecer o contato com os colaboradores da pesquisa, que foram os professores que aderiram ao convite de participação no Curso investigativo-formativo sobre o patrimônio cultural barbalhense.

Ghedin e Franco (2011, p.104) afirmam que "A pesquisa em educação em virtude de suas peculiaridades, enfrenta constante desafio na busca de procedimentos e concepções que auxiliem o pesquisador a interagir com a realidade que pretende conhecer, compreender e até transformar".

Realizamos com os colaboradores da pesquisa, um Curso investigativo-formativo, que denominamos de Círculo estético-dialógico, que trata - se do trabalho pedagógico didaticamente idealizado por nós, onde apresentamos o nosso trabalho de pesquisa, explicitando as motivações, objetivos, categorias e metodologia utilizadas, cuja programação do referido curso, foi construída no decorrer dos encontros, onde os colaboradores, socializaram seus conhecimentos no intuito de responderem ao problema apresentado pela pesquisa.

A importância de se trabalhar em círculo parte das experiências dos Círculos de Cultura que foram realizados nos movimentos de educação popular inspirados, desde a década de 1960, por Paulo Freire. Sobre os Círculos de Cultura, Almeida (2008, p. 44) esclarece que:

> Através dos Círculos de Cultura, grupos de produção, discussão e difusão de trabalhos artísticos-culturais, atuantes nos anos 60 em todo Brasil, alguns educadores despertaram para novos saberes estéticos, saberes estes comprometidos fundamentalmente com a construção da consciência crítica da classe trabalhadora.

O Círculo estético-dialógico foi organizado e dividido em seis encontros, sendo que em todos eles, proporcionamos um contato direto dos participantes com cidade e alguns elementos do patrimônio cultural de Barbalha, proporcionando a esses, um debruçar sobre a sua cidade, em busca de outras cidades a serem reveladas, partindo de uma cidade objetiva para outras subjetivas.

Para alcançarmos os nossos objetivos, realizamos diversos exercícios no Círculo estético-dialógico, tais como: (1) Carta docente; (2) Chão escolar; (3) Cidade imaginária; (4) Citações de textos; (5) Desenho; (6) Diário formativo; (7) Entre ruas e imagens; (8) Leitura e análise de texto; (9) Olhos vendados; (10) Patrimônio afetivo; (11) Tirinhas pedagógicas e recortes; (12) Varal de imagens; (13) Vídeo-documentário e (14) Criação de um grupo no *facebook,* intitulado Formação estética docente, composto pelos colaboradores, orientando e orientador da pesquisa para serem postadas fotografias, filmagens e relato das atividades realizadas durante a realização dos encontros. Realizamos entrevista semi-estruturada em áudio com os participantes, fizemos registro filmado e fotográfico dos encontros. A principal característica do Círculo estético dialógico é seu potencial de permitir um trabalho colaborativo e reflexivo.

Para a realização deste procedimento ocorreram seis encontros entre pesquisadores e colaboradores. Como dissemos, além dos encontros presenciais, foi criado

um grupo virtual, com a finalidade de estreitar as relações e manter um canal virtual de diálogo entre todos os participantes do curso, possibilitando a postagem da programação dos encontros, comentários dos exercícios, análises e repercussão na prática pedagógica dos trabalhos envolvidos no referido curso.

A seguir enumeramos e descrevemos os exercícios que foram realizadas por nós, sem necessariamente terem ocorridos na sequência apresentados:

Exercício 1: Carta docente

Objetivo: Utilizar a carta como instrumento pedagógico para se estabelecer uma relação de diálogo dos professores colaboradores da pesquisa com outros professores que não participaram da pesquisa, possibilitando que os colaboradores escrevessem cartas para professores dialogando sobre a prática docente e a cidade em que moram e trabalham.

Procedimentos: 1. Solicitamos antecipadamente que os colaboradores trouxessem cartas pessoais antigas e atuais; 2. Fizemos uma exposição das cartas apresentadas; 3. Solicitamos que os participantes socializem histórias, emoções e particularidade das referidas cartas; 4. Solicitamos que os participantes escrevessem posteriormente uma carta para um (a) professor (a) e nesta carta estabelecessem um diálogo, considerando as finalidades da pesquisa desenvolvida e solicitando ao destinatário uma carta-resposta; 5. As cartas escritas, foram postadas no correio e nos entregaram uma cópia; 6. Solicitamos uma cópia das cartas-respostas.

Exercício 2: Chão escolar

Objetivo: Utilizar frases de jornais e revistas que revelem temas educacionais, proporcionando o debate e a reflexão ao grupo.

Procedimentos: 1. Selecionamos previamente frases relacionadas aos assuntos educacionais; 2. Disponibilizamos essas frases espalhadas no chão do ambiente escolar; 3. Solicitamos que os colaboradores observassem as frases postas e selecionassem uma em que quisessem abordar o tema no grupo; 4. Após as discussões no grupo, solicitamos que os colaboradores fizessem o registro por escrito das impressões em relação ao que foi discutido e analisado.

Exercício 3: Cidade imaginária

Objetivo: Possibilitar que os colaboradores, por meio de um processo criativo, construíssem a partir de objetos do cotidiano uma cidade imaginária, trazendo elementos da cidade em que estes colaboradores vivem e trabalham.

Procedimentos: 1. Distribuímos papel e lápis aos participantes; 2. Solicitamos que escolhessem um objeto do cotidiano e colocassem sobre a folha de papel; 3. Solicitamos que desenhassem uma cidade imaginária a partir do objeto selecionado e escrevessem algo sobre esta cidade; 4. Expomos os desenhos e solicitamos que os participantes falassem sobre o seu processo criativo e sobre o desenho realizado.

Exercício 4: Citações de textos

Objetivo: Abordar temáticas relacionadas aos objetivos da nossa pesquisa para proporcionar uma maior compreensão do objeto estudado.

Procedimentos: 1. Selecionamos previamente citações de textos relacionadas a temática estudada; 2. Dispomos das citações em uma árvore improvisada pelos colaboradores da pesquisa no local onde foi realizado o encontro; 3. Cada participante escolheu uma citação; 4. Foram feitas reflexões das citações escolhidas em grupo.

Exercício 5: Desenho

Objetivo: Fazer um desenho com a finalidade de se identificarem no grupo.

Procedimentos: 1. Distribuímos papel e lápis aos participantes; 2. Solicitamos que os participantes fizessem um desenho com a finalidade de serem identificados por meio desse desenho, respondendo à pergunta quem sou?

Exercício 6: Diário formativo

Objetivo: Utilizar o diário como instrumento de formação, contendo anotações gerais do dia-a-dia, descrevendo relatos da sua vida, trabalho e formação.

Procedimentos: 1. Distribuímos caderno e caneta com os participantes; 2. Solicitamos que os participantes utilizassem este caderno para as suas anotações diárias “temática livre” durante o período da realização do curso; 3. Solicitamos que os participantes utilizassem o diário para fazerem as suas anotações no mínimo quatro vezes em dias diferentes por semana; 4. Recolhemos os diários no último dia de realização do curso.

Exercício 7: Entre ruas e imagens

Objetivo: Mapear um determinado trajeto percorrido pela cidade, observando as edificações, ruas, casas e pessoas, trazendo reflexões sobre as observações realizadas.

Procedimentos: 1. Dividimos os participantes em grupos; 2. Os grupos elaboraram um percurso que foi realizado em um determinado tempo (horário igual para todos os grupos, embora tenham sido percursos diferentes), demarcando um ponto de referência de saída e outro de chegada; 3. Solicitamos que fizessem o registro dos lugares e das edificações; 4. Após a realização da atividade, os participantes traçaram um mapa formativo dos espaços percorridos e em seguida narraram as suas experiências e observações no desenvolvimento da atividade.

Exercício 8: Leitura e análise de texto

Objetivo: Analisar textos relacionados a temática de alguns exercícios realizados durante os encontros.

Procedimentos: 1. Selecionamos previamente textos; 2. Realizamos leitura pelo grupo; 3. Compartilhamos as impressões e considerações sobre os textos lidos no grupo.

Exercício 9: Olhos vendados

Objetivo: Caminhar de olhos vendados pela cidade buscando formular uma nova leitura sobre a cidade e o tema do patrimônio cultural em suas práticas pedagógicas.

Procedimento: 1. Dividimos o grupo em duplas; 2. Vedamos os olhos de um dos participantes da dupla; 3. Solicitamos que as duplas caminhassem pela cidade, sendo que os que estavam de olhos vendados fossem conduzidos pelos outros integrantes que do grupo que não tiveram os olhos vendados; 4. Após a caminhada dos colaboradores pela cidade, solicitamos que eles compartilhassem no grupo as experiências da atividade desenvolvida.

Exercício 10: Patrimônio afetivo

Objetivo: Analisar fotografias pessoais dos colaboradores que representasse lugares na cidade que se constituía em um patrimônio afetivo para eles, destacando no grupo, a importância desses lugares.

Procedimentos: 1. Solicitamos anteriormente aos participantes que trouxessem uma fotografia pessoal; 2. Fizemos uma exposição das fotografias que foram trazidas pelos

colaboradores; 3. Os participantes socializaram as histórias de cada fotografia, justificando porque determinadas fotografias se constituía em um patrimônio afetivo.

Exercício 11: Tirinhas pedagógicas e recortes

Objetivo: Utilizar tirinhas de histórias em quadrinhos a serem preenchidas pelos participantes com diálogos pedagógicos.

Procedimentos: 1. Selecionamos previamente tirinhas de histórias em quadrinhos com balões sem diálogo; 2. Solicitamos que os participantes fizessem o preenchimento dos balões dos quadrinhos com diálogos que se remetessem a prática pedagógica e a cenas do cotidiano escolar.

Exercício 12: Varal de imagens

Objetivo: Socializar trajetórias de vida e formação por meio de imagens.

Procedimentos: 1. Seleção prévia de diversas imagens com temáticas livres; 2. Disponibilização das imagens em um varal montado para esta finalidade; 3. Apreciação das imagens e seleção de acordo com a identificação pessoal; 4. Refletir sobre a pergunta "Quem sou", reportando-se a imagem selecionada.

Exercício 13: Vídeo-documentário

Objetivo: Possibilitar uma melhor compreensão do objeto de estudo, por meio de um vídeo-documentário escolhido pelo grupo.

Procedimentos: 1. O vídeo-documentário foi previamente selecionado; 2. Assisti-lo em grupo; 3. Reflexões sobre o vídeo-documentário na íntegra, relacionando-o com o objeto de estudo.

Exercício 14: Grupo no *facebook*

Objetivo: Manter um canal de comunicação virtual para fortalecer o elo entre os colaboradores e alimentar discussões sobre a pesquisa.

Desenvolvimento: 1. Criamos no *facebook* um grupo virtual intitulado Formação estética docente; 2. Houve o compartilhamento de fotografias, filmagens e relatos de atividades realizadas no decorrer do curso formativo-investigativo; 3. A manutenção da página continuou, mesmo após a conclusão do curso; 4. Percebemos que as reflexões e

atividades vivenciadas no curso repercutiram na prática pedagógica dos professores colaboradores da pesquisa.

2.4. Campo de investigação

Pode-se considerar campo de pesquisa como o "[...] recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto da investigação" (MINAYO, 2004, p. 53). Assim, consideramos que "pesquisa de campo é aquela que busca fontes primárias, no mundo dos acontecimentos não provocados nem controlados pelo pesquisador" (RODRIGUES, 2007, p. 42).

O campo de investigação onde ocorreu a pesquisa foi a Escola de Ensino Fundamental Senador José Martiniano de Alencar, sediada no município de Barbalha, situado na Região Metropolitana do Cariri Cearense no sul do Estado do Ceará.

Barbalha, possui 170 anos de emancipação política. É composto por grupos da Cultura Popular, a exemplo do Reisado de Couro, Reisado de Congo, Lapinha e Quadrilhas juninas; Nesse município há quarenta edificações inventariadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN e dois prédios tombados pelo Governo do Estado do Ceará; O município foi palco de instituições centenárias, tais como o Gabinete Real de Leitura e a Liga Barbalhense contra o Analfabetismo; Ainda hoje existe o grupo secular dos penitentes e o carregamento do pau da bandeira de Santo Antônio, que se tornou referência cultural em todo o país.

A experiência anterior como professor de Arte na referida escola e de Técnico em Cultura no município de Barbalha, foram fatores que orientaram a escolha dessa escola e deste município como campo investigativo.

A Escola Senador Martiniano de Alencar foi fundada em janeiro de 1922 e inaugurada em 27 de maio de 1923, sendo a primeira escola pública estadual no município e configurando-se como a mais antiga escola barbalhense em atuação no município.

A referida escola, recebia o nome de Grupo Escolar. Silva (2009, p. 17) destaca que "O Grupo Escolar Senador Martiniano de Alencar, criado em 1922, representa uma das primeiras experiências de ensino público no município, incentivada pela reforma do ensino no Ceará, protagonizada pelo educador Lourenço Filho" no governo de Justiniano Serpa.

Em busca de respostas onde teria funcionado inicialmente o Grupo Escolar Barbalhense, Santiago (2011, p. 305) esclarece que:

> Depois de vários contatos, foi com o Sr. Sampaio que descobrimos a chave do enigma, pois em sua memória, no terreno comprado, havia uma casa há pouco demolida, que lhe parece ter sido o local do primeiro grupo escolar. De todo modo nos indicou a conversar com a ex-tabeliã da cidade, Dona Terezinha de Jesus Couto, filha da professora Josefa Alves Couto, ex-diretora deste antigo grupo escolar. Em contato com Dona Terezinha de Jesus, ela nos confirmou que o Grupo Escola de Barbalha havia funcionado no *boulevard* 24 de Outubro, atual avenida João Coelho.

O Grupo Escolar funcionou por quase vinte anos em outro endereço, só em abril de 1942 é que passou a funcionar na sede atual, conforme figura 3.

A primeira diretora da escola foi Solange de Paula Barros. Ela ingressou no ano de 1922, sendo substituída por Maria Dantas Ribeiro Nóbrega no mesmo ano,

A escola pertencia ao Estado, depois sob responsabilidade da 19ª Coordenadoria Regional de Desenvolvimento Da Educação - CREDE e no ano de 2013, passou para a administração do município, sob responsabilidade da Secretaria Municipal de Educação. O Diretor atual é José Rosinaldo Rodrigues da Paixão.

A Escola de Ensino Fundamental Senador Martiniano de Alencar, fica situada à Praça do Rosário, 20, Bairro Centro em Barbalha - Ceará, ao lado da Igreja do Rosário, conforme imagem a seguir:

Figura 3: Imagem da Igreja do Rosário e da frente da EEF Sen. Martiniano de Alencar – s\d

Vale ressaltar que a E.E.F. Senador Martiniano de Alencar contribuiu para a formação de muitos profissionais da região. Também foi palco de eventos importantes da comunidade barbalhense, podendo ser ela própria considerada como um rico patrimônio cultural barbalhense.

Assim, a escola onde ocorreu a investigação se constituiu como um importante lugar no processo de formação para o patrimônio, pois compreendemos que, em geral, a escola "não significa, por sua vez, um prédio, um único espaço ou local, significa um projeto, uma ideia que poderia associar-se várias 'unidades escolares' [...]" (GADOTTI, 2003, p. 66).

A escola se constitui um espaço importante para se trabalhar questões relativas ao cotidiano, sobre diversos aspectos, sendo assim, um lugar profícuo para se trabalhar, de forma mais sistemática, o patrimônio cultural nas atividades escolares, fortalecendo a relação dos professores com suas heranças culturais, criando assim uma necessária relação de pertencimento.

Neste sentido, compreendemos que:

> A escola com que sonhamos é aquela que assegura a todos a formação cultural e científica para a vida pessoal, profissional e cidadã, possibilitando uma relação autônoma, crítica e construtiva com a cultura em suas várias manifestações: a cultura provida pela ciência, pela técnica, pela estética, pela ética, bem como pela cultura paralela – meios de comunicação de massa- e pela cultura cotidiana (LIBÂNEO, 1999, p. 7).

O papel que a escola desempenha na formação dos professores contribui para a educação do olhar, para a interpretação dos signos, que denotam o patrimônio, para a consideração em perspectiva histórica de cada componente da paisagem, da construção, a religar cultura oral e cultura escrita, a valorizar os saberes dos antigos, etc. Infelizmente, os professores são, raras vezes, preparados e uma primeira medida é iniciá-los a outro olhar sobre o patrimônio (VARINE, 2012).

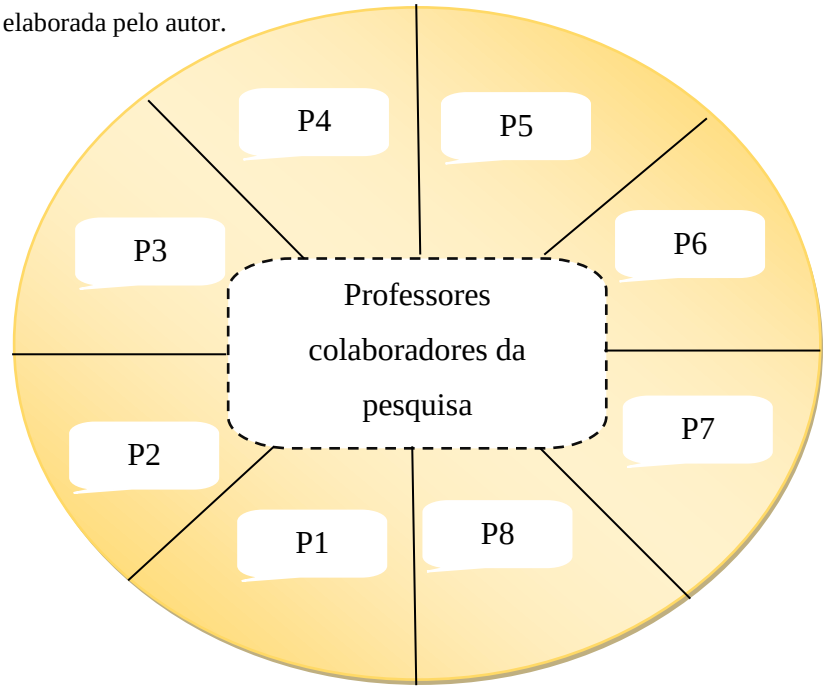
2.5. Colaboradores da pesquisa

Oito professores do ensino básico colaboraram com essa pesquisa. Desses, há seis mulheres e dois homens. Priorizamos os docentes que por livre adesão inseriram-se no Curso investigativo-formativo e lecionam na Escola de Ensino Fundamental Senador Martiniano de

Alencar, com experiências no ensino básico. Durante o estudo compreendemos os significados que os mesmos atribuem ao patrimônio cultural de Barbalha - Ceará e como se apropriam desses elementos em seu processo de formação estética e no desempenho das suas atividades nas diversas disciplinas que lecionam. É importante destacarmos que foi considerado neste contexto da interdisciplinaridade, a contribuição de cada professor a partir das experiências pessoais com o município de Barbalha e o trabalho desempenhado em suas disciplinas específicas.

Os professores colaboradores, foram identificados pela letra P, correspondente a primeira letra da palavra professor e a numeração crescente, conforme a quantidade de professores participantes, o ano da realização do Curso formativo-investigativo, de forma a não revelar sua identificação, preservando o seu anonimato, conforme ilustração a seguir

Fig. 4: Tabela elaborada pelo autor.



Para a definição dos colaboradores da pesquisa consideramos os sujeitos sociais que possuem vinculação significativa com o problema investigado (MINAYO, 2004), no caso os professores do ensino básico. Nesse processo, foi importante considerar que

> [...] o que cada pessoa seleciona para "ver" depende muito de sua história pessoal e principalmente de sua bagagem cultural. Assim, o tipo de formação de cada pessoa, o grupo social a que pertence, suas aptidões e predileções fazem com que sua atenção se concentre em determinados aspectos da realidade, desviando-se de outros (LUDKE; ANDRÉ, 1986. p. 25)

Ao iniciarmos a pesquisa aplicamos um questionário para fins de identificação dos colaboradores, destacando: endereço, faixa etária, formação acadêmica, identificação profissional, tempo de experiência no ensino básico, carga horária de trabalho semanal e disciplinas que lecionam.

Analisados os questionários dos colaboradores observamos que todos os colaboradores moram em Barbalha, distribuídos em cinco bairros diferentes: Bela Vista, Centro, Cirolândia, Parque Bulandeira e São Pedro.

A faixa etária do grupo varia de 30 a 39 anos (04) e de 40 a 49 anos (04). Quanto a formação, sete são licenciados e um está cursando a licenciatura. Dos sete com licenciatura, dois possuem mais de uma graduação. As áreas dos cursos de licenciatura concluídos são: Geografia, Letras e Pedagogia. As universidades em que se graduaram foram: Universidade Regional do Cariri- URCA, Universidade do Vale do Acaraú- UVA e Universidade Federal do Ceará - UFC. No que se refere a maior titulação, cinco possuem especialização.

Em relação a situação profissional todos os oito colaboradores, são funcionários efetivos, sendo que um desses é efetivo da Secretaria de Cultura e está cedido à escola para prestação de serviços na área de artes.

O tempo de atuação na docência ficou assim distribuído: 05 a 10 anos (05); 10 a 15 anos (02); mais de 15 anos (01). Sobre a carga horária de trabalho: Um turno (01); Dois turnos (06); Três turnos (01).

Em relação a quantidade de disciplinas que lecionam: Uma disciplina (04); duas disciplinas (01); três disciplinas (03). No geral, as disciplinas que lecionam são Estudos Regionais, Geografia, História, Língua Inglesa, Língua portuguesa, Música e Religião.

Com sua participação e colaboração na pesquisa os professores narraram as suas percepções sobre o patrimônio cultural, empenhando-se e ajudando a construir um trabalho colaborativo.

A metodologia pautada na pesquisa-ação colaborativa possibilitou perceber a potencialidade da investigação qualitativa em fortalecer o “diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos, dado estes não serem abordados [...] de uma forma neutra” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 51).

Desta maneira, foi relevante conhecer o olhar dos colaboradores acerca do patrimônio cultural. A pesquisa se constitui também em um compromisso afetivo, possibilitando ainda elementos para os professores utilizarem o tema do patrimônio cultural

da cidade em suas aulas para além da ilustração, com propriedades de identificação, valorização e pertencimento ao patrimônio cultural local.

2.6. Processo de análise de dados

A sistematização e análise dos dados produzidos durante a investigação ocorreu mediante a discussão, interpretação e análise realizada pelos pesquisadores e colaboradores, pois consideramos que "os dados são retransmitidos à coletividade, a fim de conhecer sua percepção da realidade e de orientá-la de modo a permitir uma avaliação mais apropriada dos problemas detectados. O exame dos dados visa redefinir o problema e encontrar soluções". (BARBIER, 2007, p. 54-5).

Consideramos que os colaboradores são conhecedores da realidade em que estão inseridos, e que os dados por estes apontados, contribuíram para uma aproximação direta deles com o objeto investigado, pois o trabalho colaborativo realizado no Curso investigativo-formativo que denominamos de Círculo estético-dialógico, contribuiu para o processo formativo, pois, partiu da "[...] vontade do professor adquirir um conteúdo formativo considerado imprescindível à prática docente" (IBIAPINA, 2008, p. 41). Assim, acreditamos que ao sistematizarmos e analisarmos os dados investigados com a participação direta dos colaboradores, chegaremos mais próximo da realidade investigada.

3 TECENDO AS CATEGORIAS DE ANÁLISE

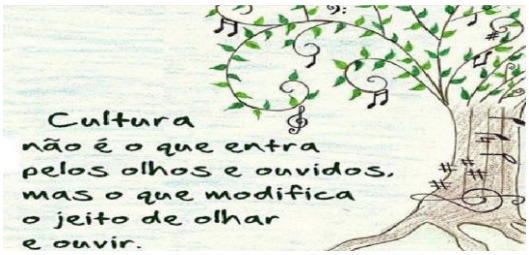


Figura 5

3.1. Patrimônio cultural

A palavra patrimônio vem do latim *patrimonium e* se remete à propriedade herdada. Pode-se considerar como patrimônio os bens herdados da relação estabelecida do ser humano com o meio ambiente e com o seu semelhante.

São múltiplas as definições para patrimônio, assim podemos compreendê-lo como uma construção, materializada pelos monumentos e prédios, que carregam uma história e que devido a sua importância para a sociedade, deve ser respeitada e preservada. Se constitui também em uma herança natural. Pode ser ainda, um bem material ou imaterial. O patrimônio é também tudo o que foi deixado pelos nossos semelhantes e pelos nossos antepassados. Martins (2006, p.45) acrescenta que o patrimônio é ainda "uma consequência da percepção do homem e seu valor no contexto no qual está inserido".

No âmbito dessa pluralidade de sentidos o patrimônio pode ser caracterizado ainda como os "aglomerados de edificações e a malha urbana, aglomerados de casas e bairros, aldeias, cidades inteiras e mesmo conjunto de cidades, como mostra a lista do Patrimônio Mundial estabelecida pela UNESCO" (CHOAY, 2006, p.12-13).

O patrimônio representa a história e a cultura de um povo se fazendo presente na memória social. A população, onde esse patrimônio está inserido, é quem deve refletir, discutir e propor formas de preservação e utilização dessa herança social que lhe foi atribuída.

O patrimônio, sendo compreendido como herança social, ganha maior significado na França pós-revolucionária, quando antiguidades nacionais que detinham significados para a história da nação, passaram a ser protegidas pelo Estado. Assim, sob a proteção do Estado, os remanescentes da antiguidade, edifícios religiosos e castelos, passaram a ser analisados, sob a responsabilidade da primeira Comissão dos Monumentos Históricos (CHOAY, 2006).

Influenciados fortemente pela cultura francesa, no ano de 1838, foi criado o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Rio de Janeiro, que na época sediava a capital do Império. O referido instituto era formado em sua maioria por membros da elite, que atribuíam valores culturais aos feitos do passado e os seus autores eram tidos como heróis, merecedores do reconhecimento e valorização da sociedade atual e futura.

O nome de um dos homens memoráveis que influenciou a cultura patrimonial em nosso país, foi o escritor Mario de Andrade que durante a sua vida teve grande influência na vida cultural brasileira, tendo implantado em São Paulo, o Departamento de Cultura e Recreação e elaborou o anteprojeto de lei para criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN, encomendado na época pelo Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema.

Assim, no Brasil na década de 1930, foi criado o primeiro órgão oficial de proteção do patrimônio, o Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN, e após mudanças em sua nomenclatura passou-se a denominar de Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico Nacional - IPHAN, sendo uma instituição voltada para a valorização do patrimônio, como identidade da nação, estabelecendo um vínculo ente patrimônio e arquitetura, mantendo assim o fortalecimento do monumento histórico.

No âmbito internacional, outros países começavam a manifestar-se de forma direcionada em defesa do patrimônio nacional. No ano de 1931, foi realizado em Atenas, o Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos, e deram início a política internacional de preservação, que conceituou e propôs critérios de defesa do patrimônio, resultando na Carta de Atenas, um documento que trouxe definição e diretrizes para defesa e preservação do patrimônio. Esta carta sugere "[...] respeito às transformações ocorridas no decorrer do tempo e à autenticidade dos materiais originais. Exige [...] distinção dos novos materiais aplicados à restauração e condena [...] qualquer tentativa de reconstrução, falseamento ou imitação do aspecto primitivo" (ALMEIDA, 2010, p. 10).

A ideia de patrimônio relaciona-se diretamente com o monumento, que também é originada do latim *monumentum*, que é derivado do termo *memore*, que significa lembrar de alguma coisa. O termo relaciona-se historicamente com o tempo passado, sendo lembrado no presente, como a manutenção da identidade e da memória de uma determinada pessoa, de um acontecimento, de um tempo e de um lugar. O monumento é erguido para fins de homenagear pessoas, lugares e feitos.

Para simbolizar esta relação, o monumento, é definido como

> [...] tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. Não apenas ele a trabalha e a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar como se fosse presente [...] (CHOAY, 2006, p. 18).

Ao pensarmos nessa simbolização do monumento, é importante destacarmos que no decorrer do tempo, o conceito de monumento foi ganhando novas configurações, sendo associado a fatos históricos e sendo reconhecido como monumento histórico. Sob os monumentos históricos, Choay (2006, p. 12), acrescenta ainda que, "a partir da década de 1960, os monumentos históricos já não representam senão parte de uma herança que não para de crescer com a inclusão de novos tipos de bens e com o alargamento do quadro cronológico e das áreas geográficas no interior das quais esses bens se inscrevem".

O monumento cumpre a função de perpetuar o passado para que futuras gerações dele tomem conhecimento. Porém, os monumentos construídos excluem grande parte da sua população que não é lembrada (HORTA, 1999).

É importante destacarmos que um dos documentos internacionais que apresenta a noção de monumento histórico como tudo aquilo que tenha adquirido com o tempo uma significação cultural, foi a Carta Internacional Sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios, denominada Carta de Veneza, no ano de 1964, que em seu Art. 1º traz o seguinte conceito de monumento histórico:

> O conceito de monumento histórico engloba, não só as criações arquitetônicas isoladamente, mas também os sítios, urbanos ou rurais, nos quais sejam patentes os testemunhos de uma civilização particular, de uma fase significativa da evolução ou do progresso, ou algum acontecimento histórico. Este conceito é aplicável, quer às grandes criações, quer às realizações mais modestas que tenham adquirido significado cultural com o passar do tempo (PRIMO, 1999, p. 1).

É importante destacarmos que, não compete apenas ao IPHAN, o trabalho de preservação dos bens culturais, considerando a crescente demanda social que eles se apresentam. É importante que a comunidade, munida das informações necessárias possam documentar, proteger, fiscalizar, preservar e por meio de ações educativas difundir os bens pertencentes a sua comunidade.

Também, sobre as edificações é importante conhecermos as suas histórias, o contexto em que foram erguidas e percebermos o que estas edificações nos falam do passado

e como elas dialogam com as edificações atuais, mantendo assim, um possível diálogo e harmonia entre a preservação e o desenvolvimento.

O monumento histórico tornar-se um lugar de memória e nos ajuda a perceber que "[...] Há locais de memória porque não há mais meios de memória" (NORA, 1993, p. 7). Assim, o monumento é fortalecido pelo seu valor simbólico de representação da memória, de fatos e da trajetória de pessoas que foram marcantes para a história da cidade. Preservar a memória de pessoas, lugares e acontecimentos por meio dos monumentos é uma forma de reconhecimento, de chancelar o que passou e torna-se digno de ser memorável.

Muitas vezes, percebemos em nossa cidade, ou em outras cidades que conhecemos, a existência de um busto, que significa a representação da cabeça e da parte superior do tronco da figura humana. Esse busto é feito para homenagear pessoas que tenham realizado algo significativo, e que outras pessoas julguem elas merecedoras de que futuras gerações possam conhecer a sua história, suas realizações e conquistas.

Porém, é importante destacar que, enquanto algumas pessoas são lembradas, outras são esquecidas. Assim, saber como se estabelece, entre quem deve ser lembrado e porque outros são esquecidos, se constitui uma ferramenta que vai nos ajudar a compreender a história e a cultura local.

Assim, compreendemos que trazer essas memórias em forma de escrita, no relato, na fotografia, na imagem, na arte de uma forma geral, é de alguma maneira, preservar um bem para que outras gerações tomem conhecimento dele. Neste sentido, a arte tem uma importância fundamental, considerando que "a arte é necessária no processo de conhecer porque também é necessária ao conhecimento a utopia que ele chama a si [...]" (LINHARES, 1999, p. 231). Em nossa história, é necessário o relato, a escrita, o registro, para quando chegar o esquecimento, possamos ter deixado para outros, um pouco de nós e do nosso tempo.

Ao refletirmos sobre o significado da memória, vamos compreender que ela se constitui em " [...] um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades [...]" (LE GOFF, 1981, p. 57). A memória está impressa no patrimônio cultural.

No âmbito dessa conjuntura é que foi sendo difundida a preocupação com o que se denominou patrimônio histórico, que caracteriza - se como "[...] um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum" (CHOAY, 2006, p.11). Françoise Choay afirma ainda que o patrimônio histórico

deve receber mais do que a nossa aprovação, ele deve-nos colocar em situação de questionadores dos valores que ele representa. Desse modo, a homenagem que hoje se faz ao patrimônio histórico "deve merecer de nós mais do que simples aprovação. Ele requer um questionamento, porque se constitui num elemento revelador, negligenciado, mas brilhante, de uma condição da sociedade e das questões que ela encerra (CHOAY, 2006, p. 12).

O patrimônio histórico mantém um elo entre passado, presente e futuro. Constitui-se patrimônio erguido e atribuído um valor deixado pelos nossos antepassados. Esse valor, chegando aos dias presentes, cabe a nós, preservá-lo e mantê-lo para que gerações futuras conheçam, se apropriem, atribuindo-lhes significados, porque " [...] o patrimônio histórico e as condutas a ele associadas encontram-se presos em estratos de significados cujas ambiguidades e contradições articulam e desarticulam dois mundos e duas visões de mundo" (CHOAY, 2001, p.11-12). Poderíamos ainda acrescentar que da relação entre as concepções e valores destes dois mundos, se constituirá tudo aquilo que deixaremos para o mundo futuro, que vai se constituindo lentamente.

Buscando uma definição para o termo patrimônio cultural, podemos dizer que se caracteriza como uma herança cultural que recebemos das gerações que nos antecederam e que na posse e cuidados desse patrimônio, seja material ou imaterial, atribuímos um significado para esse patrimônio cultural, cabendo a nós preservá-lo.

A concepção de patrimônio cultural fortaleceu - se na Convenção sobre a Proteção do Patrimônio Cultural e Natural, no ano de 1972, promovida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura - UNESCO, reconhecendo que o patrimônio cultural intangível ou imaterial compreende as expressões de vida e tradições que comunidades, grupos e indivíduos em todas as partes do mundo recebem de seus ancestrais e passam seus conhecimentos a seus descendentes.

Outro destaque que fazemos é sobre a Recomendação de Nairobi (UNESCO/1976), que reconhece como um conjunto histórico tradicional as aldeias e lugarejos, que tivesse perante a comunidade, um valor sociocultural, cujos valores guardasse a identidade local.

Como se sabe, a sociedade brasileira vem passando por um constante processo de transformações. Esse fato só aumenta a preocupação com os espaços de preservação que integram o nosso patrimônio cultural. Em 1983, a educação patrimonial começou a ser discutida como foco principal no 1º Seminário no Museu Imperial de Petrópolis no Rio de Janeiro.

A Constituição Brasileira de 1988, em seu artigo 216, se refere e amplia o conceito de Patrimônio Cultural, considerando que o

> patrimônio cultural é formado por bens de natureza material e imaterial, tomadas individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 2003, p. 35).

As leis sobre o patrimônio se caracterizam como importantes ferramentas para a definição, proteção, ampliação dos bens culturais de uma nação. Observa-se assim que a Constituição Brasileira reconhece que o patrimônio cultural do povo brasileiro compõe a sua identidade e diversidade cultural, podendo tornar-se um importante fator de desenvolvimento, de promoção do bem-estar social e, de fortalecimento da cidadania.

O patrimônio se constitui em peça fundamental na formação da identidade de um povo e de uma nação e a relação estabelecida com esse patrimônio é o que vai determinar os valores que atribuímos na preservação desse patrimônio. A participação popular na proteção dos bens culturais está garantida no art. 216, do § 1º, da constituição federal

> por permitir as iniciativas da sociedade, como forma de participar do processo de proteção do patrimônio cultural, donde se conclui que o Estado brasileiro, contando com a participação da sociedade, tomará ações tendentes a proteger o patrimônio cultural, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação e de outras formas aplicáveis em casos concretos, tais como fiscalização de obras, através de projetos de leis de iniciativa popular a ainda através da ação civil pública, prevista na Lei N 7.347/85, e ainda através do direito de petição, também previsto em nosso texto constitucional (CUNHA FILHO, 2013, p. 166).

Com base na perspectiva da educação patrimonial acreditamos que cabe a nós, comunitários, estudantes, professores e pesquisadores preservar e difundir o nosso patrimônio cultural. No entanto, se faz necessário o mapeamento e o registro desse patrimônio cultural da nossa comunidade e do nosso povo, seja por meio das manifestações e eventos culturais, pelos ofícios e modos de fazer, pelos lugares, prédios e construções, pelos monumentos, lendas, superstições e curiosidades, brincadeiras e brinquedos infantis, pelas figuras populares, pelas expressões e vocabulários, histórias locais, grupos étnicos específicos, instituições e entidades locais, cujo trabalho de sensibilização vem sendo desenvolvido por meio de alguns órgãos, na esfera municipal, estadual, nacional e internacional.

Podemos considerar que a identidade tem relação com o reconhecimento, pertencimento e valorização do lugar onde se vive. É importante destacar que

> [...] a construção das identidades sociais como resultado sempre de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma; outra que considera o recorte social objetivado como a tradução do crédito conferido à representação que cada grupo dá de si mesmo, logo a capacidade de reconhecer sua existência a partir de uma demonstração de unidade (CHARTIER, 1991, p. 183).

É possível considerar como patrimônio cultural brasileiro todos os bens de natureza material e imaterial, sendo formado pelas

> matas, o sertão, a terra de onde tiramos nosso alimento; as águas dos rios, suas nascentes e mananciais, onde colhemos água para beber e cozinhar; o ar que respiramos, também são nosso patrimônio. (...). As criações humanas formam os bens culturais (...) toda forma de conhecimento e toda técnica que o homem cria para poder sobreviver também fazem parte do seu Patrimônio. São nossos saberes e modos de fazer. Construir edifícios, criar meios de transporte e comunicação, festejar, manter costumes e tradições e cada geração aperfeiçoa o conhecimento herdado de seus antepassados (BRASIL, 2003).

Ao pensarmos a amplitude do conceito, as características e a importância do patrimônio cultural como um registro da cultura, da expressão e história de um povo, fica nítida a sua necessária preservação para que as futuras gerações possam usufruir desses bens. A responsabilidade da preservação do patrimônio cultural é de todos. Porém, compreendemos que essa responsabilidade para a preservação do bem social vai depender do valor que é atribuído a esse bem. Preservar é uma questão cultural, ela passa pela noção que nós temos sobre patrimônio e se constitui também em política pública.

Em 1999, foi lançado o Guia Básico de Educação Patrimonial, com o apoio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, tornando-se referência para o desenvolvimento da educação patrimonial, ações de salvaguarda e preservação do patrimônio cultural. Neste sentido, entende-se por educação patrimonial

> [...] um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados o trabalho de Educação Patrimonial busca levar [...] a um processo [...] de conhecimento, apropriação e valorização [...] cultural (HORTA, 1999, p. 6).

Assim, compreendemos que o trabalho educacional centrado no patrimônio, proporciona aos envolvidos a aquisição de um processo de conhecimento, apropriação e valorização do patrimônio, contribuindo para a "participação ativa e criativa das comunidades locais" (VARINE, 2012, p. 01), atingindo objetivos como:

> a formação da consciência de sua identidade, de seu território e de sua comunidade humana de pertencimento [...] aquisição de confiança em si (auto - estima) e nos outros, condição da participação e da cooperação ao serviço do desenvolvimentos [...] despertar da capacidade de iniciativa e de criatividade [...] (idem, p. 06).

Devemos promover a educação patrimonial como uma possibilidade, um meio em que os nossos bens patrimoniais sejam conhecidos por novas gerações e que desenvolvam mecanismos de valorização e proteção. Assim, a educação patrimonial

> [...] deve envolver o uso de recursos tais como visitas dos alunos aos museus existentes, numa determinada cidade ou região [...] mas ela também pode se desenvolver a partir do próprio estudo da história local ou da história pessoal dos alunos a fim de garantir o uso ampliado da noção de patrimônio cultural [...] (SALVADORI, 2008, p. 37-38).

Reconhecendo a importância da legislação, enfatizamos que no ano de 2000 o decreto federal 3.551 instituiu o "registro de bens culturais de natureza imaterial, que constituem patrimônio cultural brasileiro", criando quatro Livros de Registro para os Saberes; Celebrações; Formas de Expressão e Lugares. Este documento detalha os quatro livros da seguinte maneira

> I - Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;
> II - Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;
> III - Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;
> IV - Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas (BRASIL, 2006, p. 129 - 130).

É importante reforçar a necessidade de se preservar o patrimônio cultural, considerando que ele é definido como a própria característica do lugar, do espaço, das edificações e das manifestações de um povo, constituindo assim o seu processo identitário.

Assim, podemos afirmar que é lamentável o descaso pelo qual o nosso patrimônio brasileiro passa, embora tenhamos leis que assegurem as condições necessárias para preservar e manter os bens públicos, de reconhecido valor patrimonial. Esse descaso com o patrimônio é resultante do esquecimento, da falta de identidade e de pertencimento, gerando o desapego e o abandono do patrimônio cultural.

Embora, reconheçamos que muito já se tenha feito em torno das políticas públicas para manutenção, proteção e integração do patrimônio cultural na comunidade o qual está inserido, ainda são muitos os desafios que temos pela frente. Vejamos a seguir algumas ações necessárias e urgentes para amenizar esses desafios, cujas ações assemelham-se também as defendidas como desafios para a formulação da política nacional no I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural realizadas em Brasília no ano de 2010:

- Desenvolver um planejamento estratégico para a salvaguarda do patrimônio cultural;
- Elaborar, um protocolo que defina procedimentos específicos a serem executados com as múltiplas parcerias;
- Assegurar apoio e incentivo financeiro a pesquisas realizadas com a presente temática;
- Dar visibilidade ao patrimônio cultural, incluindo nas ações contínuas desenvolvidas nas comunidades;
- Garantir um processo de escuta da comunidade onde o bem está inserido;
- Reconhecer e difundir experiências exitosas em torno do patrimônio;
- Criar e fortalecer mecanismos de articulação institucional;
- Executar uma gestão compartilhada;
- Definir instrumentos jurídicos, criação de conselhos;
- Manter integração e sensibilização com o tema.

É válido ressaltar que a preservação tem como finalidade manter as características físicas e informacionais dos bens culturais socialmente elaborados. Isso é fundamental, pois, o patrimônio cultural não pertence apenas a um indivíduo ou a um determinado grupo.

Como vimos, a concepção de patrimônio cultural foi passando historicamente por um processo de mudança, considerando a participação da sociedade no processo de escolha, seleção e preservação desse patrimônio.

Porém, no atual contexto social, muito do nosso patrimônio cultural se perdeu sem que fosse feito o registro para a preservação da memória. Há um grande debate no que se refere a conservação do bem cultural e ao desenvolvimento. É como se não fosse possível a convivência harmônica entre esses dois aspectos.

É importante, que se fortaleça qualquer ferramenta que seja capaz de garantir para as gerações futuras o conhecimento daquilo que compõe a sociedade atual, tendo em vista a construção de uma realidade que assegure ao homem do futuro o conhecimento daquilo que fez com que a sua espécie fosse mais adiante.

Nesse sentido, não podemos deixar de considerar a importância da preservação de documentos, pois

> Na preservação de documentos [...] é necessária a adoção de ferramentas que protejam e garantam a sua manutenção. Essas ferramentas deverão servir para reparar e restaurar registros protegidos, prevendo os danos e reduzindo os riscos dos efeitos naturais 'preservação prospectiva', ou para restaurar os documentos já danificados 'preservação retrospectiva' (ARELLANO, 2004, p.17).

Pelo que vem sendo discutido, fica claro que o conceito de patrimônio cultural "envolve o feito humano atrelado a um contexto, isso porque todo o espaço ocupado pelo homem pressupõe uma atuação que significa a busca de sobrevivência e bem-estar [...]" (MARTINS, 2006, p. 42).

É possível compreender ainda que a denominação de patrimônio cultural provém da concepção de monumento, adquirindo múltiplos significados. Basta dizer, por exemplo, que o bem ao ser inventariado para o tombamento ou registro, passa no senso comum como se as edificações tombadas não pudessem ser habitadas e as manifestações não pudessem ser renovadas.

Assim, assumimos nesse trabalho a ideia de que o patrimônio cultural se constitui das edificações e das manifestações culturais de um povo, de uma comunidade, identificadas no tempo e no espaço, configurando-se como representatividade dessa cultura. Atribuímos o significado de cultura, a tudo aquilo que contribui para o nosso processo formativo, modificando o nosso modo de olhar, ouvir, sentir e agir.

Neste sentido, atribuir a característica de patrimônio cultural a um bem social e humano é atribuir-lhe uma identidade. Partimos também da concepção de que o significado de Patrimônio Cultural pode emergir na narrativa de docentes, discentes, moradores e admiradores da cidade.

Além disso, o patrimônio cultural pode ser representado em histórias, em lembranças de ciclos de vida ligadas à cidade, traduzidas em constantes diálogos entre o observador e o bem observado. Desse modo, olhar uma cidade é compreender as relações afetivas entre o homem, o lugar e os processos educativos. Assim, podemos afirmar que são considerados patrimônio cultural

> não são somente aqueles bens que se herdam dos nossos antepassados. São também os que se produzem no presente como expressão de cada geração, nosso 'Patrimônio Vivo': artesanatos, utilização de plantas como alimentos e remédios, formas de trabalhar, plantar, cultivar e colher, pescar, construir moradias, meios de transporte, culinária, folguedos, expressões artísticas e religiosas, jogos etc (GRUNBERG, 2007, p.4).

Enfatizamos ainda que os estudos focados na relação entre patrimônio cultural e educação vêm ganhando cada vez mais espaço nas produções acadêmicas e eventos científicos, numa tentativa de uni-los em seus discursos e práticas.

Diríamos que esse é um importante papel a ser assumido pela Educação, o de formação patrimonial de um povo, tendo como fundamentos o questionamento, a conscientização e a formulação de alternativas de preservação do monumento e bens culturais existentes.

Compreendendo a indissociabilidade entre educação e patrimônio cultural, é significativo enfatizar que nosso entendimento da categoria "patrimônio cultural" apoia-se, principalmente, na compreensão teórica de autores como Choay (2006); Martins (2006); Horta (1999) e Varine (2012).

Choay (2006) é pesquisadora das teorias, formas urbanas e arquitetônicas. Tomaremos como base suas discussões sobre preservação, saberes e patrimônio cultural.

Martins (2006) apresenta a concepção de patrimônio cultural ligada à ação humana no contexto social.

Horta (1999) socializa o conceito de patrimônio cultural como algo que esta em constante movimento, constituindo-se como fonte primária de conhecimento individual e coletivo. Ela contribui para constituir uma fundamentação teórica voltada para a salvaguarda do patrimônio cultural, destacando experiências exitosas de projetos desenvolvidos pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, destacando a importância da conservação desses bens, do tombamento e das leis de proteção.

Varine (2012) reflete sobre a gestão do uso do patrimônio natural e cultural sob suas diferentes formas, destacando a participação efetiva da comunidade que detém esse patrimônio para o desenvolvimento local.

Os autores mencionados foram tomados como referencias centrais na discussão que pretendemos elaborar sobre o patrimônio cultural. Nosso propósito foi desenvolver reflexões sobre a relação entre o patrimônio cultural e a formação estética dos professores do ensino básico. A seguir, compartilhamos algumas discussões sobre formação estética docente, outra relevante categoria do nosso trabalho.

3.2. Formação estética docente

É válido reiterar que a pesquisa desenvolvida abordou o tema do patrimônio cultural na formação estética de professores do ensino básico. Observamos que atualmente o patrimônio cultural tem se constituído como um importante elemento na formação estética docente.

Nesse sentido, considerando o papel relevante que o professor desempenha na formação cultural das novas gerações, é importante refletir sobre como o patrimônio cultural se manifesta na formação estética desses professores, caracterizando o que constitui para eles uma experiência estética.

Sobre a experiência, concordamos com Larrosa (2014, p. 16-17), ao afirmar que "quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos, e de como vemos ou sentimos o que nomeamos". Essa capacidade de atribuição de sentidos só é permitida aos seres humanos. A formação estética do indivíduo está diretamente articulada a sua experiência no mundo e com o mundo. A atribuição de sentidos as experiências socialmente constituídas é a base que faz aflorar a dimensão estética do sujeito social. Essa dimensão é inerente ao ser humano, porém necessita ser aprendida. Não é algo que se consolida de forma natural e espontânea. Provém de experiências informais que precisam ser sistematizadas e conscientemente refletidas por intermédio de espaços formais de educação. Sem reflexão crítica o sujeito não consegue enxergar bem a realidade e o patrimônio cultural que o cerca. A relação íntima entre formação estética e experiência nos faz refletir que para viver a experiência é preciso pensar sobre ela. Sobre a experiência, Larrosa (2014, p. 25) enfatiza que

> a experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Nessa reflexão, é perceptível a necessidade de constituirmos uma relação dialógica entre a o patrimônio cultural e a formação estética, tendo em vista a busca de caminhos para educar o olhar e aguçar os sentidos para perceber com clareza e consciência crítica os bens sociais que nos circundam, reconhecendo relação dialética entre o homem e o mundo.

A pesquisa por nós desenvolvida teve um caráter investigativo-formativo e buscou evidenciar essa relação que se efetiva entre o patrimônio cultural e a formação estética de professores da educação básica, contribuindo, através de atividades reflexivas para aguçar o olhar estético dos docentes sobre o patrimônio cultural de Barbalha, partindo sempre de suas experiências com esse contexto e dos sentidos a elas atribuídos, confirmando, então, a relação entre experiência e formação estética.

No trabalho realizado consideramos, muitas vezes, aquilo que não tinha como ser dito, o indizível, mas que de alguma forma se manifesta em desenhos, diários, caminhos, mapas e imagens, estabelecido pelas formas, linhas, curvas, cores, texturas, constituindo-se em espaços de memória, uma imaginação que se forma pela natureza do sensível e que foi possível de repercutir na prática pedagógica docente, quando esses em sua percepções entenderam o patrimônio cultural como algo presente no seu cotidiano, articulando-o com sua sensibilidade em ler o espaço circundante, contribuindo assim para o fortalecimento de habilidades pedagógicas fundadas em sua formação estética. Nesse processo, temos a arte como importante aliada, mas não como espaço único da formação estética. Essa dimensão dialoga com todos os campos do saber e integra a constituição humana em toda a sua complexidade.

Por outro lado, consideramos que a arte, nesse processo, torna-se um "[...] precioso instrumento para educação do sensível, levando-nos não apenas a descobrir formas até então inusitadas de sentir e perceber o mundo, como também desenvolvendo e acurando

os nossos sentimentos e percepções acerca da realidade vivida". (DUARTE JUNIOR, 2003, p. 23).

Desse modo, mesmo conscientes de que a formação estética não é algo específico do campo da arte, é importante destacar que no desenvolvimento de uma educação estética, a arte possibilita: "[...] o conhecimento dos sentimentos; a agilização da imaginação; o desenvolvimento do sentimento – a sua educação; a experiência estética amplia e combina novas formas de sentimentos; o sentir e vivenciar o impossível; a cultura; a visão de mundo; e a utopia" (DUARTE JUNIOR, 2005, p. 104-111). Nessa perspectiva, a experiência estética, enquanto apreensão do belo pode constituir uma das mais básicas e fundamentais vivências do existir humano (DUARTE JUNIOR, 2003).

Na pesquisa que realizamos buscamos ainda integrar a discussão do patrimônio cultural à formação de professores, observando como docentes enxergam o patrimônio cultural da cidade de Barbalha e como este tema se integra a sua formação docente. Com esse propósito, adentramos o universo dos sentidos e das suas experiências de formação estética.

Enfatizamos que a formação de professores é um campo complexo, multidimensional e aberto, logo, é constituído por diferentes etapas que se entrelaçam e se integram a diferentes experiências. Nessa perspectiva, destacamos que a formação inicial é uma das etapas da formação docente. Ela se refere à gênese da constituição da profissão, mas, isoladamente, não restringe e não determina a constituição do "ser professor". Esta importante etapa da formação docente não se desvincula da formação continuada.

A formação continuada [...] leva em consideração os pensamentos, crenças, valores e saberes dos professores. Essa tendência se referencia nas dimensões coletivas da prática, onde o professor produz saberes e valores de acordo com seus conhecimentos e experiências de forma autônoma e reflexiva (NÓVOA, 1995).

Consideramos que o patrimônio cultural da cidade está presente nos saberes experienciais dos professores. Compreendemos com Therrien (1993, p. 04) que o saber de experiência

> É o saber próprio da identidade do docente construído no interstício de sua práxis social cotidiana como ator social, educador e docente em interação com outros sujeitos e em relação com a pluralidade dos demais saberes docentes disponíveis. Nesta ótica, o saber de experiência do docente ultrapassa o limite dos conhecimentos adquiridos na prática da profissão e inclui aquilo que alguns autores qualificam de saber cultural. O saber de experiência do professor se identifica, portanto, com seu saber social próprio resultante de sua práxis social cotidiana.

Ao nos reportarmos aos saberes docentes, não podemos esquecer que além dos saberes experienciais, podem ser destacados os saberes curriculares, disciplinares e os saberes de formação profissional. Nessa direção, é importante destacar que "[...] a questão do saber dos professores não pode ser separada das outras dimensões do ensino, nem do estudo do trabalho realizado diariamente pelos professores [...]" (TARDIF, 2006, p. 10).

Um ponto significativo do nosso estudo refere-se ao fato de nos aproximarmos dos saberes docentes sobre o patrimônio cultural através do Círculo estético-dialógico, uma metodologia que aproximou os professores colaboradores da pesquisa de imagens representativas desse patrimônio, suscitando o pensamento, os sentidos e a formação estética acerca do patrimônio da cidade em que eles vivem e trabalham.

Em relação aos sentidos, concordamos com Duarte Junior (2003, p. 12) quando este nos diz que

> em torno da palavra sentido constela-se um bom número de referência à capacidade humana de apreender a realidade de modo consciente, sensível, organizado e direcionado. [...] em que pese a duplicidade de termos, convém mesmo notar que em nossa vida existe primordialmente um sentido no sentido. Ou seja, tudo aquilo que é imediatamente acessível a nós através dos órgãos dos sentidos, tudo aquilo que é captado de maneira sensível pelo corpo, já carrega em si uma organização, um significado, um sentido.

Sob as bases dos saberes de experiência, consideramos que os docentes, pela atribuição de sentidos, têm o potencial de ter a própria cidade, as suas edificações e as suas manifestações como uma obra de arte a ser estudada e trabalhada em suas aulas.

No caso particular desta pesquisa, com a realização dos exercícios, estimulamos a imaginação dos docentes para conhecerem e pensarem sobre o patrimônio cultural da cidade de Barbalha-CE. Nesse processo, compreendemos que a aquisição do conhecimento, envolve não só a razão, mas também a emoção, por meio de uma educação estética, uma educação da sensibilidade.

Sendo assim, foi importante para nós percebermos os significados produzidos a partir da visualidade, do percorrer, e do sentir a cidade e de suas manifestações. As atividades nos ajudaram a identificar alguns elementos estéticos presentes nos pensamentos que os docentes emitiram sobre o patrimônio cultural da cidade em que habitam e trabalham.

Decerto, a concepção de estética integra-se ao conceito grego *aisthesis*, que significa a "[...] capacidade do ser humano de sentir a si próprio e ao mundo num todo integrado [...]" (DUARTE JUNIOR, 2003, p. 13). Assim, reforçamos a compreensão do

homem como um ser todo integrado. Enfatizamos que a estética é a ciência do conhecimento sensível, sendo importante para desenvolver a sensibilidade no acesso ao conhecimento e desenvolvimento humano.

Neste sentido, Rubem Alves (1975, p. 91-92), afirma que

> a experiência estética é uma suspensão provisória da causalidade do mundo, das relações conceituais que nossa linguagem forja. Ela se dá com a percepção global de um universo do qual fazemos parte e com o qual estamos em relação. [...] Na percepção estética o "ser" do objeto é o seu aparecer. É no próprio sensível, no próprio ato de perceber que reside o prazer estético: na percepção direta de harmonias e ritmos que guardam, em si, suas verdades.

Em articulação com este conceito, vislumbramos que para conhecer o patrimônio cultural da cidade é preciso sentir, e "[...] o sentir é anterior ao pensar, e compreende aspectos perceptivos (internos e externos) e aspectos emocionais. Por isso pode-se afirmar que, antes de ser razão, o homem é emoção" (DUARTE JUNIOR, 2005, p. 15-16).

Assim, compreendemos que para sentir, é necessário experimentarmos, nos lançarmos ao desconhecido, sem medo de tornar-nos ridículos, simplórios ou de maneira pejorativa, estarmos com a cabeça no mundo da lua. Para sentir, é preciso antes de tudo compreendermos que o mundo, as forças que regem a natureza, se estabelecem além daquilo que os nossos olhos podem ver, nos possibilitando conhecer e aprender por meio da sensibilidade, da intuição e da imaginação "o ato do conhecimento é, em sua essência, dirigido e orientado pela imaginação" (DUARTE JUNIOR, 2005, p. 47). Esse movimento traz para o nosso cotidiano reflexões estéticas que [...] são necessárias e devem fazer parte da educação das novas gerações [...] contribuindo [...] para um verdadeiro desenvolvimento da sensibilidade" (DUARTE JUNIOR, 2003, p. 183).

Para entender o sentir e a formação estética de professores, não podemos fugir da ideia de inseparabilidade da vida e da profissão, dado a própria dificuldade de separação do eu pessoal do eu profissional. Logo, não podemos deixar de considerar que o professor não torna-se neutro em sua ação docente, ele carrega consigo todas as outras formações, percepções e concepções do mundo, que se manifesta em sua forma de ser professor.

Nesse estudo, buscamos pensar o ensino de forma colaborativa. Esse ato de pensar o ensino foi realizado sob o ângulo da dimensão estética que constitui o professor. Porém, sabemos que essa não se caracteriza como uma tarefa fácil, considerando que a

formação estética, geralmente, não vem aparecendo como preocupação nos currículos dos cursos que formam professores.

Além disso, há toda uma restrição macroestrutural que precariza as condições de trabalho do professor. Nesse sentido, eles estão cada vez mais sujeitos a pressões materiais no exercício da atividade docente, além daquelas que são decorrentes da constituição do ser professor, afetando os aspectos relacionais, provocando elementos de grande tensão na vida de cada um, impossibilitando ver, além do que os olhos permitem, pois "[...] a correria constante entre a casa, a escola [...] elimina, muitas vezes, a possibilidade de autênticos percursos de formação pautados por ritmos e tempos próprios" (NÓVOA, 1995, p. 8).

Sobre o saber e a ação dos professores é válido dizer que cada professor tem a sua própria maneira de ensinar, de acionar os processos pedagógicos, de relacionar-se num contexto de ensino e aprendizagem, não separando daquilo que você é enquanto pessoa, porque "[...] a maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino" (NÓVOA, 1995, p. 17). Isso nos possibilita perceber ainda que

> [...] um professor de profissão não é somente alguém que aplica conhecimentos produzidos por outros, não é somente um agente determinado por mecanismos sociais: é um ator no sentido forte do termo, isto é, um sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber-fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais ele a estrutura e a orienta [...] (TARDIF, 2006, p. 230).

Na pesquisa desenvolvida, Nóvoa (1995) contribui com reflexões sobre questões relativas à formação docente, focalizando a constituição do "ser professor", que deve ser pautada na formação continuada, levando em conta os pensamentos, crenças, valores e saberes dos professores. Tardif (2006) aborda os saberes docentes e destaca que a questão do saber dos professores não pode ser separada das outras dimensões do ensino. Duarte Junior (2003, 2005 e 2009) desenvolve o conceito da 'estética da educação', que é o encontro corporal, sensível, com o mundo.

Portanto, são estas as categorias e autores que serviram de base para o desenvolvimento da presente investigação.

No próximo capítulo trataremos sobre os momentos no Círculo estético dialógico, realizados em seis encontros, os quais passamos a descrevê-los como foram realizados, os exercícios desenvolvidos e a repercussão desses encontros na percepção dos professores colaboradores da pesquisa.

4 MOMENTOS NO CÍRCULO ESTÉTICO-DIALÓGICO

Figura 6

O primeiro contado com os colaboradores da pesquisa ocorreu no dia dois de outubro de dois mil e quinze, na Escola Senador Martiniano de Alencar em Barbalha-Ceará. O diretor da referida escola, justificou que aquele momento tinha sido para apresentação da pesquisa de mestrado que estava sendo desenvolvida na Universidade Estadual do Ceará - UECE, sobre o patrimônio cultural de Barbalha na formação estética dos professores do ensino básico.

A seguir, descrevemos as ações realizadas em cada um dos seis encontros ocorridos.

4.1. Primeiro Encontro: Grupo no *facebook*; Varal de imagens; Desenho; Leitura e análise de texto.

Após o contato inicial com os colaboradores da pesquisa, realizamos o nosso primeiro encontro aos dez de outubro de dois mil e quinze na Escola Senador Martiniano de Alencar em Barbalha. Demos início ao Curso formativo-investigativo sobre o patrimônio cultural na formação estética docente. Planejamos os exercícios do dia, distribuímos o material didático, composto de uma pasta contendo textos, caneta e caderno para anotações do diário formativo.

Planejamos a criação de um ‘grupo no *facebook’* denominado de Formação estética docente, para a postagem de planejamento do curso, depoimentos sobre os exercícios, filmagens e imagens dos exercícios realizados.

Em seguida colocamos um varal no pátio da escola e fizemos a exposição de recortes de imagens diversificadas, para a realização de um exercício que denominamos de ‘varal de imagens’, onde os colaboradores escolheram uma imagem e relacionaram esta imagem com a história de vida e formação.

Entendemos que ao terem se deparado com imagens que representam cenas do cotidiano, os colaboradores foram provocados esteticamente a fazerem uso da imaginação. Eles identificaram-se com elementos expressos nessas imagens, remetendo-se as suas histórias idiossincráticas e manifestando valores da docência. Nesse sentido, ao nos apoiarmos na formação estética dos professores do ensino básico, sustentamos a ideia de que “o ato do conhecimento é, em sua essência, dirigido e orientado pela imaginação” (DUARTE JUNIOR, 2005, p. 47).

Após todos terem falado sobre o que a imagem escolhida representava e qual a relação desta com a própria vida, fizeram também um ‘desenho’, e nesse desenho eles se reconheceram, respondendo à pergunta: Quem sou?

Ao propormos que os sujeitos se identificassem por meio da elaboração de um desenho, muitos desses disseram que não sabiam desenhar, porém ao realizarmos essa atividade, percebemos que a finalidade do exercício foi correspondida.

O desenho realizado pelos participantes serviu como processo de identificação dos participantes, pois sabemos que “atividades como desenhos [...] poderão fixar [...] conhecimentos [...] poderá, ao mesmo tempo, se tornar uma atividade lúdica e reflexiva [...]” (GRUNBERG, 2007, p.6).

Os exercícios realizados nesse dia suscitaram narrativas de história de vida dos participantes do curso. Eles foram instigados a refletir sobre as seguintes questões: Quem sou e como me reconheço por meio de imagens e desenhos. Nesse exercício, eles discorreram sobre experiências de formação significativas, destacando elementos do cotidiano escolar.

Os exercícios realizados permitiram compreender que a utilização de imagens e desenhos como elementos de formação de professores podem colaborar para que os docentes se reencontrem com suas histórias de vida, entendendo as suas escolhas profissionais e refletindo sobre suas práticas pedagógicas.

Nesta perspectiva, apresentamos as imagens selecionadas pelos colaboradores, que serviram para retratar momentos de suas histórias de vida, trazendo cenas cotidianas da profissão, valores e saberes da docência.

Figura 7: Imagem selecionada (P1-2015).

Em relação a imagem acima o docente explicou que houve um processo de identificação com a mesma porque:

> Representa uma sala vazia, mas cheia de sentido, eu sou assim, a pessoa que tenta colocar a coisa sempre em ordem. Eu sou muito de respeitar as regras. Se você fala é mal interpretado. Acho que cada um tem uma particularidade e que dá certo. Atualmente trabalho com outras realidades, porque os alunos, muitas vezes não querem ter disciplina e se a sala de aula não tiver regra, não tiver um convívio bacana, não funciona. O que está faltando na educação é saber ouvir [...] eu tento cada momento me disciplinar em todos os setores da minha vida. O mundo vem sobrecarregar a gente de muitas informações, muitas atividades, e temos que dá de conta do trabalho e família (P1-2015).

Inicialmente o P1-2015 fez uma descrição e falou sobre a sua identificação com a imagem, comentou sobre o respeito a identidade de cada pessoa, o problema da indisciplina discente e da necessidade de se estabelecer e respeitar as regras na sala de aula. Ainda esclareceu a necessidade de se saber ouvir na educação e por esta razão ele tenta se disciplinar, não só na educação, mas na própria vida e concluiu as suas observações falando sobre a dificuldade que há na sociedade, devido à sobrecarga de informações. Ainda destacou a necessidade do cuidado com o trabalho e a família.

Figura 8: Imagem selecionada por (P2-2015).

Para P2-2015 a imagem selecionada por ele:

> É de uma criança escrevendo sozinha, ela está de costas, escrevendo, mas se alguém tocar nela, ela vai olhar para trás e ouvirá o que essa pessoa tem a dizer. Assim, sou eu [...] eu me identifiquei com essa imagem por conta da paciência, vontade de viver, refletir [...] eu estudei aqui nessa escola no final dos anos 80, e início dos anos 90, do século passado. Era totalmente diferente, a diretoria, era a delegacia, o secretário, era o escrivão e os alunos quando iam para a diretoria, era como se fossem indo para a delegacia, muitas vezes, porque questionavam a aula [...] a questão era só punir [...] Muito cedo, precisei conviver com as ausências familiares, por conta da morte da minha mãe e a separação dos meus irmãos, por esta razão, precisei viver sozinho.

Em seguida, P2-2015 iniciou a sua participação fazendo uma descrição da imagem, e falando porque se identificou com ela. Mencionou a diferença na gestão escolar, do período em que ele estudava nesta escola para os dias de hoje. Por fim, falou das ausências familiares e que por conta disso, foi obrigado a morar sozinho.

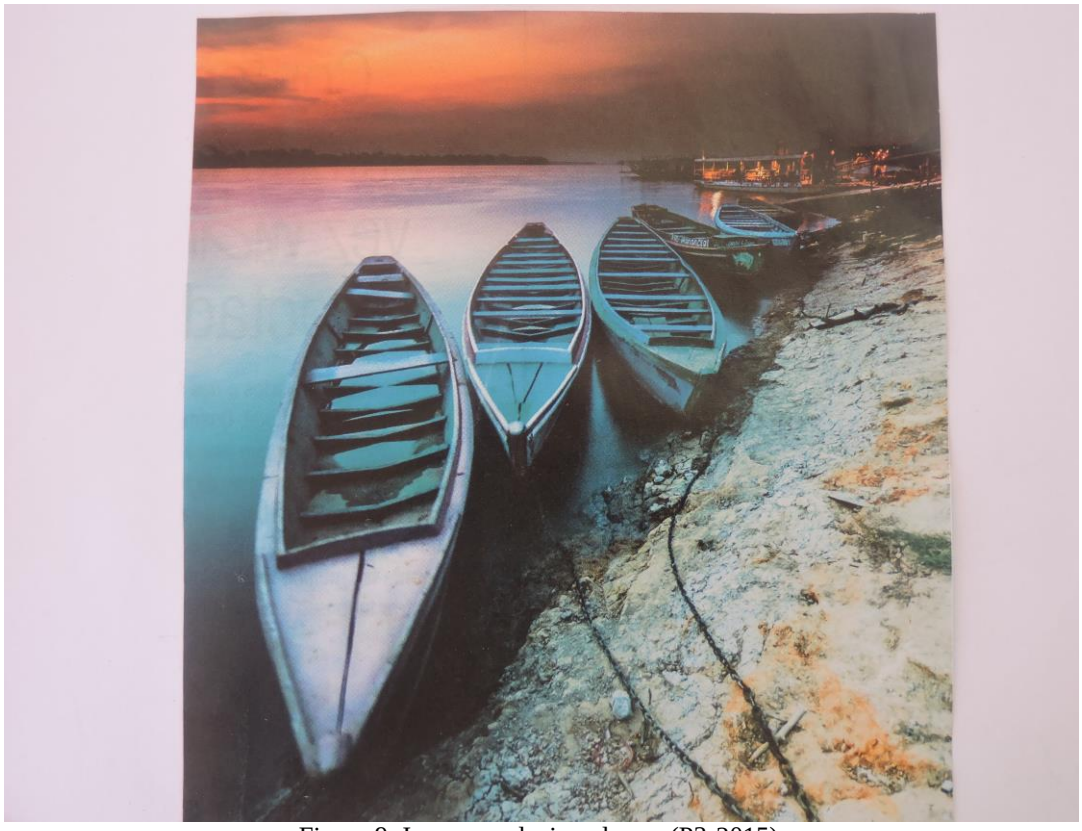


Figura 9: Imagem selecionada por (P3-2015).

Na fala de P3-2015 a imagem escolhida:

> É a de uma canoa, que representa muito da minha infância. Meus pais eram pescadores, e eu também fui pescador [...] comecei a trabalhar em casa de família, aos onze anos [...] trabalhar cedo, era o destino de muitos. Minha família, era toda analfabeta [...] Meu medo nunca me paralisou, só me protegeu. Sempre sigo em frente [...] Cada pessoa é o melhor que pode ser [...] Entrei na faculdade e fui morar na residência universitária. Vivi a universidade em todos os sentidos [...] Percebi que juntos conseguimos fazer um trabalho melhor [...] Se eu for contar o tanto de escola que já trabalhei [...] cada escola, são grupos diferenciados [...] é importante trabalharmos a diferença [...] eu venho de uma periferia pesada. Eu trabalhei com a prostituição. O nosso vigia foi assassinado. Era muita coisa, eu dizia vou sair, não tem dinheiro que pague [...] Estou tentando reescrever essa história [...] O professor tem que se colocar como referencial. Posso não ser a pessoa perfeita, mas estou em construção direta.

P3-2015 relacionou a imagem escolhida com a profissão dos pais. Ele descreveu que começou a trabalhar cedo, aos onze anos de idade e que a família era analfabeta. Falou sobre o seu medo, o ingresso na faculdade, sobre a importância do trabalho coletivo e ressaltou que já trabalhou em muitas escolas, destacando a importância de se trabalhar com grupos diferenciados.

Figura 10: Imagem selecionada por (P4-2015).

Ao refletir sobre o que revela de si a imagem que escolheu P4-2015 afirmou:

> Sou como uma borboleta que vive de voos e sonhos numa vida super passageira [...] Meu mundo começou nos livros [...] tenho paixão pelos livros e fui alfabetizado por minha mãe [...] ela quis que eu entrasse na escola sabendo ler e escrever muito bem [...] eu sofri muito por conta disso na escola. Quando entrei na alfabetização meu nível era da terceira série. Isso foi muito ruim para mim, eu já tinha contato com livros. Eu fui muito rejeitado na escola. Era muito chato, a professora colocava uma palavra, uma frase, eu já sabia [...] depois dessa fase terrível acabei sofrendo *buling*. Comecei a rebelar um pouco para ver se meus amigos me aceitavam [...] Com a separação dos meus pais, meu mundo caiu [...] Tive a oportunidade de começar a minha vida e a música foi a porta de entrada [...] Antes de entrar na universidade fui para o cinema, foi uma oportunidade que tive e fiz um curso [...] Eu me envolvi tanto com a educação que, comecei a viajar para dá aula [...] Não acho que ninguém tenha que aprender a ler na base da palmatória [...] acho que o aluno deve ficar seduzido pela leitura [...] meus alunos estão viciados em leitura [...] A escola precisa ser levada a sério [...] a educação nunca foi prioridade em nenhum governo.

P4-2015 ressaltou a efemeridade da vida, e o gosto pelos livros, tendo sido alfabetizado pela mãe. Relatou que foi rejeitado na escola, precisando mudar de comportamento para ser aceito. Falou do sofrimento que passou por conta da separação dos pais. Envolveu-se com a arte, com a educação e nesse caminho iniciou a docência. Porém, destacou que o caminho para a leitura, pode ocorrer de maneira prazerosa e lamentou a falta de prioridade dos governos para a educação.

Figura 11: Imagem selecionada por (P5-2015).

Ao explicitar sobre a imagem representativa de si P5-2015 revelou:

> Eu me vejo assim, como na imagem, como duas joias raras, na condição de que todos nós, devemos acima de tudo nos respeitar, no sentido de nos conhecer [...] nos valorizar [...] eu, me respeito, me valorizo e por conta disso sou valorizado. Para tudo que se faz [...] existe o tempo a tempo de cada coisa. Quando eu me envolvo com o que faço, como por exemplo na minha aula, por mais problemas sérios que eu esteja passando nesse ano, a minha atividade, por si só, já me faz distrair. A atividade da arte ela te leva para um universo tão interessante que você se distrai naturalmente. Eu consigo ter essa abstração daquilo e vivo isso de uma forma, que é incrível [...] Na vida sempre vai ter a concorrência, mas para quem quer aprender, sempre haverá vaga [...] A qualificação vai fazer a coisa funcionar mesmo [...] Nem sou dez, nem sou seis, sou uma nota infinita [...]

P5-2015 falou da sua identificação com a imagem selecionada e enfatizou a importância da valorização e respeito das pessoas e que para tudo há o seu próprio tempo. Destacou o seu encantamento com a arte e à docência e que na vida sempre haverá oportunidades para quem quiser aprender e que com qualificação tudo pode funcionar.

Figura 12: Imagem selecionada por (P6-2015).

Em seu relato sobre a imagem selecionada para identificar-se P6-2015 assim se apresentou:

> Na minha vida, sou muito feliz e realizado com os frutos e flores obtidos. Eu me senti muito lisonjeado, quando encontrei um pai de um aluno e disse que o filho é hoje professor porque se espelhou em mim [...] Porém temos problemas na docência. Na nossa escola o espaço não é propício, a gente quer fazer uma atividade e não tem condições. Quantas vezes, me deparei com alunos com problemas, eu fiquei sem saber como resolver, não tem ninguém para que a gente possa chegar e dizer, olha esse aluno está precisando de atenção. Não tem psicólogo, assistente social, nada [...] todos nós precisamos de motivação. Cada um tem o seu lugar no mundo, e esse lugar, é um lugar conquistado.

P6-2015 destacou que era muito feliz, por esta razão a identificação com a imagem das flores. Falou ainda que serviu de exemplo, para que alunos seus, seguissem à docência. Porém, enfatizou os problemas na docência, como por exemplo a falta de estrutura na escola e de profissionais que possam oferecer um atendimento mais especializado aos alunos. Falou ainda que cada pessoa tem um lugar no mundo, fruto de conquistas.

Figura 13: Imagem selecionada por (P7-2015).

Ao falar de si através da imagem P7-2015 ressaltou:

> A gente tem uma rotina puxada, a gente trabalha em oito, dez, quinze salas de aula. A gente tem aquele tumulto [...] tem todo aquele barulho, mas a gente tem também a necessidade de um momento só para nós [...] quando estou cozinhando eu me distraio, eu adoro cozinhar, eu me distraio e também consigo incluir essas pessoas à minha volta. A medida que a gente cozinha, a gente ver que até Jesus, teve a questão de unir com seus discípulos em torno de uma mesa. Eu acho muito importante quando a gente tem aquele tempo que a gente senta seja com a nossa família, seja com os nossos amigos perto de uma mesa, porque isso ali, quer demostrar que a gente está com saúde, fazendo uma refeição. No meu caso que eu gosto de preparar, eu vejo isso ali, tanto como uma distração, como um momento de união, de confraternização. Sempre tem aqueles alunos que a gente chama para isso, chama para aquilo, aqueles que a gente tem mais afinidades. Na minha vida, fora do trabalho também, eu sou assim [...] a gente tem uma certa afinidade com a profissão.

P7-2015 destacou a rotina puxada com a quantidade de salas de aula, mas também da necessidade que cada pessoa de um momento de ficar sozinho. Falou da sua identificação com a imagem e que a refeição se constitui um momento de encontro e confraternização.

Figura 14: Imagem selecionada por (P8-2015).

Buscando caracterizar-se por meio da imagem P8-2015 salientou:

> Sou um ser inquieto. Preciso de asas, igual aos pássaros, para chegar tão rápido quanto possível em objetivos diversos. Necessito incentivar outras pessoas nessa busca para que atinjam tantos ideais quanto eu, para em seguida, começar novamente: novas buscas, redesenhar conquistas. A minha falta de solidão vem desde pequena, no fogão a lenha e a família toda reunida [...] Quantas e quantos não procuram a gente e nós enchemos os olhos d'água, porque você não tem tempo e não tem condições. Quando tem uma hora aberta, você tem um monte de diário para fazer. Eu amo a minha profissão, eu nasci para ser professor. Se eu fosse ter como modelo alguns professores que tive, eu não teria sido professor [...] A questão da indisciplina, para você tentar passar algum conteúdo, você tem que falar mais alto [...] Uma boa equipe de professores, além da capacidade que eles têm, também a vontade que eles têm de fazer a diferença. Só queria mais tempo, trabalhar menos, mais tempo para estudar e ganhar melhor.

P8-2015 falou da sua inquietude e da necessidade do incentivo aos outros. Destacou a importância da família. Refletiu sobre a docência, os desafios de se tentar resolver o problema da indisciplina na sala de aula. E por fim, mencionou a importância da valorização profissional.

Consideramos que a atividade realizada com as imagens, contribuiu também para a aproximação dos participantes entre si, por meio das narrativas emocionadas que surgiram

nas discussões do grupo. Após a realização das atividades propostas, fizemos leitura e análise do texto: ‘Lembranças em Imagens’ de autoria de Nilda Alves, no livro Narrativas de Formação e Saberes Biográficos, organizado por Maria da Conceição Passeggi e Tatyana Mabel Nobre Barbosa.

Ao término do primeiro encontro, solicitamos que os colaboradores trouxessem fotografias e cartas pessoais para serem apresentadas no segundo encontro, que para eles se constituíssem em um patrimônio afetivo.

4.2. Segundo Encontro: Patrimônio afetivo; Carta docente; Cidade imaginária e Entre ruas e imagens

O segundo encontro ocorreu aos vinte e três dias de outubro de dois mil e quinze, na Biblioteca Pública Municipal Padre Agostinho Mascarenhas em Barbalha. Iniciamos fazendo um relato da memória do encontro anterior e o planejamento das atividades que foram realizadas no dia.

Os colaboradores apresentaram fotografias pessoais que foram solicitadas no encontro anterior e narraram histórias relacionadas à essas fotografias expressando o que representavam para eles. Eles enfatizaram momentos importantes de suas vidas, tais como: nascimento, batizado, casamento, formatura, festa de aniversário, momentos em família, festividades na cidade e momentos na escola, que se constituíram em registro de patrimônio afetivo para eles.

Solicitamos que eles destacassem também, lugares de Barbalha que para eles se constituía em um ‘patrimônio afetivo’, fazendo um registro desse lugar e que receberíamos no sexto e último encontro.

Os colaboradores trouxeram cartas pessoais e relataram o que estas cartas significavam para eles. No decorrer do curso, os participantes escreveram e postaram no correio uma carta para professores que eles escolheram, relatando sobre a atividade docente e a cidade em que moram e trabalham. Na mesma carta, solicitaram uma carta resposta.

Este exercício, denominamos de ‘carta docente’ e proporcionou aos participantes, a experiência com o envio e o recebimento de uma carta. Muitos deles relataram que há muito tempo, não escreviam e nem recebiam cartas e que essa atividade os deixou muito felizes. Dos participantes que enviaram as cartas, apenas dois, não receberam respostas. A cópia das cartas

enviadas e recebidas, e os comentários sobre a atividade desenvolvida, foram postadas no grupo criado no *facebook*.

Realizamos o exercício que chamamos de ‘cidade imaginária’ que possibilitou aos colaboradores, a partir de um desenho formado por objetos do cotidiano trazerem elementos da cidade em que vivem considerados como patrimônio cultural do lugar. De um modo geral, nesse exercício, eles representaram: as festividades juninas, o carregamento do pau da bandeira de Santo Antônio, os verdes canaviais, as edificações históricas, com destaque para o Palácio 3 de Outubro, a Igreja Matriz e a do Rosário. Para as recriações desses lugares eles escolheram os objetos: batom, caneta, celular e relógio.

Esse exercício de descoberta de uma cidade imaginária possibilitou aos colaboradores uma releitura do patrimônio cultural existente, dando a esse patrimônio novo significado.

Fizemos um outro exercício denominado ‘Entre ruas e imagens’. Para sua realização, os observadores percorreram ruas da cidade observando as pessoas, imagens e espaços e foram traçando um mapa formativo. Nesse intuito, os participantes dividiram-se em dois grupos e cada grupo traçou um percurso a ser percorrido. A partir do local da realização do curso eles foram caminhando por percursos diferentes.

Cada equipe fez o registro fotográfico e em áudio do que achou importante e significativo. Percorrendo as ruas da cidade eles observaram os prédios, a arquitetura e as histórias destas edificações. Ao final da atividade, as equipes retornaram ao ponto inicial e em uma cartolina mapearam a trajetória socializando imagens, depoimentos e experiências, construindo um mapa formativo.

4.3. Terceiro Encontro: Chão escolar; Citações de texto; Leitura e análise de texto

O terceiro encontro foi realizado no dia trinta e um, do mês de outubro do ano de dois mil e quinze, na Escola de Ensino Fundamental Senador Martiniano de Alencar. Após ser feita a memória do encontro anterior e o planejamento das atividades do dia, foi realizado a atividade ‘Chão escolar’.

Foram expostos no chão vários temas educacionais por meio de frases recortadas de revistas. Cada participante escolheu um tema para abordá-lo em grupo. As frases recortadas para a realização desta atividade foram: Aprender com a turma; A meninada nunca para quieta!; Caminhos possíveis; Carreira - um sim à docência; Educação como moeda de

troca em ano de eleição; Diversidade docente; Em cartaz, a indisciplina; Mais tempo, mais educação; O convívio na escola precisa ser estudado e planejado; O silêncio dos bons; Os muros da escola; Por que o Brasil precisa investir mais em Educação?; Professor reflexivo; Quanto vale o trabalho do professor?; Quem muda, a escola ou o aluno?

Estas frases foram selecionadas das seguintes revistas: *Revista Educação* (Abril, 2015); *Revista Nova Escola* (Dezembro, 2012; Abril, 2013; Março,2014; Maio, 2014; Agosto, 2014; Março, 2015; Abril, 2015) e *Revista Psique* (Maio, 2014).

Cada participante expôs a sua opinião sobre os temas abordados em grupo. Os principais temas discutidos foram: a indisciplina, a credibilidade e as mudanças na educação e valorização profissional.

Após as discussões em grupo passamos para o exercício seguinte que foi denominado de "Citações de textos".

Nesse sentido, tarjetas com citações relacionadas a temas educacionais foram dispostas em uma árvore improvisada (instrumentos da fanfarra). Cada participante pegou uma citação e comentou em grupo. O debate e as análises das citações ocorreram com a participação de todos.

Vários assuntos foram abordados no grupo. Inicialmente discutiram sobre o processo de ensino e aprendizagem, no sentido que as nossas opiniões mudam, não são estáticas, e que o processo de ensino e aprendizagem nos faz compreendermos a educação sob novos ângulos. Sobre o trabalho docente, o professor necessita preparar as suas aulas, considerando que uma aula bem planejada e executada repercute naqueles que dela participam.

Também foi destacado que em relação a nossa história de vida e formação é importante reconhecer que o outro ocupa lugar em nossas lembranças, pois ao falarmos de nós, estamos falando também do outro, porque estamos inseridos no mundo com a presença dos outros.

Foi discutido que o papel das cidades e da arte em nossa formação é fundamental, porque as cidades se constituem lugares de vivências, de observações e nelas constituímos as nossas experiências, o nosso olhar, as nossas práticas e a arte possibilita a transformação da sociedade em que vivemos.

Terminado o exercício da trajetória formativa passou-se a leitura e análise do texto "Trajetórias de formação docente: caminhos que se encontram" de autoria de: Fátima

Maria Leitão Araújo, Hugo de Melo Rodrigues e José Albio Moreira de Sales, do livro (*Auto) Biografias e Formação Docente*.

Sobre os exercícios realizados foram feitas as seguintes postagens no *facebook*: "Colhendo frutos de nossa árvore inusitada" (P1-2015) e "Nossas últimas atividades... está quase acabando! Quantos momentos interessantes! " (P4-2015).

Sobre o planejamento do quarto encontro, postamos no grupo do *facebook*, que trabalharíamos um filme ou vídeo-documentário, escolhido pelo grupo, que servisse de referência para pensarmos sobre a educação e a prática pedagógica.

4.4. Quarto Encontro: Andar de 'olhos vendados' pela cidade; Vídeo-documentário; Leitura e análise de texto

O quarto encontro foi realizado aos sete de novembro de dois mil e quinze na Escola de Ensino Fundamental Senador Martiniano de Alencar em Barbalha. Após fazermos a memória do encontro anterior, passamos ao planejamento das atividades realizadas no dia.

Inicialmente, foram formadas duplas, sendo que um dos integrantes da dupla teve os olhos vendados e foi conduzido a andar pela cidade de olhos vendados, em busca de contribuir com novas reflexões sobre a cidade.

Vários questionamentos e discussões foram realizados, no sentido de trazermos reflexões sobre a cidade. Ao percorrer a cidade de olhos vendados os professores mencionaram que foram tocados por esse exercício, pela experiência de sentir e perceber essa cidade de outra maneira.

Percebemos em alguns casos a resistência ao novo e a percepção das próprias limitações, além da necessidade que temos de ver além do que os olhos nos revelam e explorarmos os nossos outros sentidos.

Entre as atividades realizadas assistimos o vídeo-documentário 'Janela da Alma', que foi proposto para ser assistido pelos colaboradores. É um documentário dirigido por João Jardim e Walter Carvalho, e está centrado em torno da sensibilidade no olhar humano, nos permitindo ver além do que os olhos enxergam.

Os diálogos e análises que surgiram foram no sentido de darmos uma direção para o olhar e percebermos a constituição de um mundo que é formado de forma visível, aquilo que é possível ser visto e pelo invisível, que se constitui aquilo que não podemos ver

claramente, a não ser que haja uma parada reflexiva com a intencionalidade de enxergar o que não está facilmente visível.

No documentário assistido, o escritor José Saramago, dá um exemplo que se Romeu tivesse os olhos de um falcão não se apaixonaria por Julieta, porque os seus olhos viriam algo não muito agradável de se ver. E o professor de literatura Paulo Cezar Lopes, diz que o homem tem o olhar direcionado, sendo que o nosso olhar é mediado por nossa experiência e que a vergonha é uma forma de medo.

No mesmo vídeo-documentário, nas palavras do poeta Antônio Cicero, esse diz que a janela não olha, quem olha é outro olhar que está por trás da janela e que devemos perceber as multiplicidades de forma, enquanto que o poeta Manoel de Barros, diz não acreditar que seja pelo olhar que entra as coisas, mas sim através da imaginação que nos faz perceber outro mundo, o que importa é que todos nós possamos ver além do que os olhos permitem.

As reflexões feitas pelos colaboradores sobre o vídeo-documentário, apontaram que sobre a necessidade que temos, de respeitar o direito do outro, mesmo sabendo que o que tem significado para mim, pode não ter o mesmo significado para o outro e que talvez não estejamos preparados para viver a diferença.

Também perceberam que as dificuldades que todos possuem em enxergar, depende da janela que veem e que alguns se tornam cegos diante de muitas realidades, mas que precisam despertar a sensibilidade para perceberem a realidade do outro.

Após as reflexões e análise do documentário passamos a leitura do texto: A história da arte como história da cidade de Giulio Carlo Argan.

Avaliando o quarto encontro, um dos colaboradores fez o seguinte registro no seu 'Diário formativo': "[...] dia de reflexões e emoções [...] me senti inseguro diante de um exercício [...] tive medo do 'desconhecido' aos olhos [...] refleti sobre a minha prática de sala de aula [...] quantas vezes não conseguimos ver além das aparências e julgamos o próximo" (P1-2015).

Ele também postou no grupo do *facebook*, sobre o encontro realizado: " Buscarei refletir sobre minha prática diária em sala de aula, compreendendo que posso ver além das aparências, quando tirar a venda dos olhos e mergulhar na essência alma. Quando concluir a formação ficará saudades, porém muito aprendizado para a profissão e para vida" (P1-2015).

Percebemos que o encontro foi realizado de maneira bastante proveitosa e que os exercícios contribuíram para as discussões da prática docente e para o processo formativo dos colaboradores.

4.5. Quinto Encontro: Tirinhas pedagógicas e colagens; Leitura e análise de texto

O quinto encontro foi realizado em treze de novembro de dois mil e quinze na Escola de Ensino Fundamental Senador Martiniano de Alencar em Barbalha. Após a memória do encontro anterior, passamos a discutir sobre a importância das histórias em quadrinhos no processo educativo e confeccionarmos 'tirinhas pedagógicas' e fizemos colagens.

Após a realização do exercício, as temáticas se voltaram para a prática pedagógica dos professores. Um dos destaques que trazemos foi a tirinha pedagógica de P6-2015, que trouxe a história em que uma professora pede para o aluno fazer uma redação e só aceita se for exatamente como ela pediu, desconsiderando a realidade em que o aluno está inserido.

Figura 15: Ilustrações de três Tirinhas pedagógicas

Fonte: http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=41521. Acesso: 10.11.2015

Fonte: http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=41521. Acesso: 10.11.2015

Fonte: http://blognabasedez.blogspot.com.br/2012_10_01_archive.html. Acesso: 12.11.2015

No exercício das 'Tirinhas pedagógicas e colagens', os trabalhos apresentaram também, reflexões sobre a necessidade de inovação na educação: "A Educação é um processo a longo prazo, de intensas reflexões, tecnologias e práticas. É preciso inovar " (P1-2015).

Logo após o desenvolvimento da atividade passamos a leitura e reflexão do texto: *Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática*, texto de autoria de Roberto Elísio dos Santos e Waldomiro Vergueiro. Concluímos os trabalhos fazendo uma breve reflexão dos exercícios realizados no dia.

Avaliando o quinto encontro, um dos colaboradores anotou no seu "Diário formativo' sobre o empenho de todos os participantes, na realização dos exercícios e estudo: "Foi extremamente agradável participar dessa atividade [...] todos empenharam-se no sucesso do estudo" (P1-2015).

4.6. Sexto Encontro: Diários Formativo

O sexto e último encontro foi realizado aos vinte e dois dias do mês de dezembro de dois mil e quinze na Escola de Ensino Fundamental Senador Martiniano de Alencar em Barbalha. Os trabalhos desse dia, foram iniciados com os participantes fazendo uma breve avaliação da importância dos exercícios e dos trabalhos realizados no Curso formativo-investigativo sobre o patrimônio cultural na formação estética-docente.

Sobre o exercício do 'patrimônio afetivo', os colaboradores entregaram os registros realizados por eles em fotografias, filmagens e por escrito, além de publicarem no grupo formação-estética docente do *facebook*. Os lugares em Barbalha que se constituíram em patrimônio afetivo para eles, foram: Distrito de Arajara; Hospital São Vicente de Paulo; Igreja

do Rosário; Praça Engenheiro Dória; Praça Filgueira Sampaio; Passagem pelo Rio Salamanca e as lembranças dos Verdes Canaviais.

Também entregaram os diários formativos que foram escritos durante o período do referido curso. A leitura dos diários, nos revelaram, que os professores do ensino básico, encontram muitas dificuldades em seu processo formativo. Essa desmotivação é provocada, sobretudo, pela desvalorização salarial, elevada carga horária de trabalho, salas de aula lotadas, aumentando o problema da indisciplina discente, falta de segurança no local de trabalho, falta de profissionais na escola que possam fazer um atendimento mais especializado, a exemplo do psicólogo e do assistente social.

De acordo com o relato de professores, há queixas, até mesmo da falta de oportunidade para eles expressarem as suas conquistas e dificuldades das atividades docentes, falta espaço na escola, ao ponto deles pensarem que estes problemas são de caráter pessoal e não do próprio sistema educacional.

A experiência da escrita do diário proporcionou aos participantes além do relato do seu dia-a-dia, fazerem reflexões sobre as suas vidas e a inserção de atividades envolvendo o patrimônio cultural em suas práticas pedagógicas.

Esse último encontro foi finalizado com uma confraternização em que houve a troca de saberes, onde cada participante fez a exposição da importância do curso em seu processo formativo; houve o momento dos sabores, com um jantar da culinária local, feito por um dos integrantes do grupo.

Houve a certificação pelo Centro de Educação, da Universidade Estadual do Ceará - UECE, aos participantes da pesquisa e a Escola de Ensino Fundamental Senador Martiniano de Alencar, parceira na realização do Curso formativo-investigativo.

Durante a realização do referido curso, percebemos que os professores participantes avaliaram de forma positiva o trabalho desenvolvido, explicitando que seria muito bom que formações como estas ocorressem mais vezes para os demais professores do município. Disseram que o aprendizado proporcionado pelo curso ajudou os professores a perceberem a necessidade de se conhecer e valorizar o patrimônio cultural barbalhense e que estes conhecimentos fortaleceram a necessidade de buscarem formações que venham estimular essa estética docente que eles, de certa forma, já possuíam, mas que precisaram de estímulos para evidenciá-la.

5 BARBALHA: A CIDADE REVELADA NO OLHAR DOS PROFESSORES PELA JANELA DA ESCOLA

Figura 16: Fotografia e arquivo - Hugo de Melo Rodrigues

Após as reflexões sobre os momentos do Círculo estético-dialógico, trataremos neste capítulo, os aspectos ligados mais diretamente à cidade de Barbalha e seu patrimônio cultural, cujo acontecimento mais significativo é a Festa do Carregamento do Pau da Bandeira que é a " travessia do tronco cortado da árvore mais alta do município de Barbalha até o local onde ele é fincado para servir de mastro para a Bandeira em homenagem a Santo Antônio" (PONTE, 1996, p. 9).

Na ocasião da apresentação da nossa pesquisa à escola Senador Martiniano de Alencar, o diretor (2015) do estabelecimento citado fez a seguinte observação:

> [...] será uma experiência riquíssima para nós educadores, professores, para que possamos ficar com este material e posteriormente trabalharmos dentro das escolas. Este material, este trabalho vem de encontro a formação estética do professor em relação ao patrimônio histórico cultural do município [...]

Os professores presentes manifestaram apoio e interesse em participar da pesquisa, pois, segundo eles, constituía uma experiência que eles nunca tinham passado antes e que iria contribuir muito para a sua formação e prática pedagógica.

Para perceber as manifestações do patrimônio cultural na formação estética dos professores colaboradores da pesquisa trabalhamos com exercícios que proporcionaram o desenvolvimento da percepção sensorial (audição, visão, olfato, paladar e tato) por meio de experimentação estética.

À princípio, buscamos conhecer por meio de uma entrevista semiestruturada as concepções dos professores acerca de patrimônio cultural. Eles expressaram a ideia de

patrimônio como uma construção que agrega valores e que guarda a história de um povo, relacionando também com os bens naturais, materiais e imateriais. Sobressaiu ainda a ideia de patrimônio como pertencimento. Além disso, caracterizaram o patrimônio cultural como uma herança cultural produzida pelo homem, seja material ou imaterial, que recebemos e que precisamos preservá-la. A concepção de patrimônio cultural foi relacionada também relacionada aos registros desse patrimônio através da arte e que cada geração vai atribuindo um novo valor e um novo significado e preservação desse registro. Para P2-2015 "É toda herança cultural que a sociedade carrega ao longo dos anos, do passar do tempo e que vem tentando fazer com que ela não se acabe, não venha entrar em extinção".

É o que também podemos constatar nas falas abaixo:

> É tudo aquilo que a gente consegue registrar através da arte, a exemplo de uma construção arquitetônica de um prédio, onde nesse prédio, evidentemente vai estar guardadas, traços, características, que com o decorrer do tempo vai adquirindo valores para uma determinada comunidade e esses valores vão se enquadrando em uma determinada cultura, a exemplo da cultura europeia, onde se tem o registro de várias épocas da existência humana e cada época a sua característica que vai conseguindo definir traços de que aquelas pessoas que vivenciaram aquela época, foram se desenvolvendo e marcando épocas posterior e a sociedade atual vai conseguindo perceber esses diferenciais [...] patrimônio cultural seria justamente isso e acima de tudo buscar essa preservação desse patrimônio (P5-2015).

> É toda uma história construída por uma comunidade que merece ser respeitada. E quando a gente fala em patrimônio, a gente pensa logo nos monumentos, na questão cultural de cada localidade, folclore, valores de uma comunidade, incluindo principalmente os valores de cada família [...] tudo aquilo que foi valorizado por um povo e aquelas pessoas dão a devida importância para aquele patrimônio (P6-2015).

O patrimônio cultural além do significado que ele possui para determinada comunidade, considera-se também o valor que se dá para as possibilidades de registro desse patrimônio através da arte, que tem as suas próprias características e definições.

Solicitamos aos docentes que identificassem e caracterizassem o patrimônio cultural barbalhense. Sobre os destaques acerca do patrimônio cultural de Barbalha, o carregamento do pau da bandeira de Santo Antônio foi considerado como o bem patrimonial mais expressivo (06), a igreja do Rosário, e as edificações históricas da cidade foram consideradas como importantes exemplos de patrimônio cultural da cidade também (02).

Um dos entrevistados situou o potencial da cidade de Barbalha dentro da Região do Cariri cearense. Segundo ele,

> [...] nossa cidade está inserida na Região Sul do Ceará que é tradicional e conhecida como Região do Cariri. Hoje o Cariri [...] é uma região que está presente em quatro Estados, sendo eles Ceará, Paraíba, Pernambuco e Piauí. A gente reconhece que as trinta e três cidades que compõem o cariri cearense, são de fato as cidades mais promissoras. Onde nós temos no centro dessa região, desses quatro Estados, nós temos o que a gente conhece tradicionalmente como CRAJUBAR, onde ficam as cidades do Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha. Barbalha é a região mais tradicional e que mais conseguiu ter um desenvolvimento social, cultural, educacional e econômica, sendo bem mais promissora que outras regiões (P5-2015).

A região caririense abriga o Geopark Araripe como o primeiro Geopark das Américas. É marcada pela Bacia Sedimentar do Araripe, com depósito fossilífero formado há 120 milhões de anos, que abrange outros Estados. No ano de dois mil e nove, reconhecida por Lei Estadual como a Região Metropolitana do Cariri, com abrangência de nove municípios, sendo eles: Barbalha, Caririaçu, Crato, Farias Brito, Jardim, Juazeiro do Norte, Missão Velha, Nova Olinda e Santana do Cariri, tendo como cidades-polo aquelas que compõem o CRAJUBAR, formada por Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha.

Sobre o Cariri cearense, é preciso ainda informar que é o berço de grandes tradições nordestinas, marcada pelo nascimento do Patriarca do Sertão, o Padre Cicero Romão Batista e do poeta Antônio Gonçalves da Silva, conhecido como Patativa do Assaré. A região foi marcada pela andança do missionário José Antônio Pereira Ibiapina, o Padre Ibiapina e pela passagem dos cangaceiros de Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião.

É nessa região que se localiza Barbalha, carinhosamente chamada de terra dos Verdes Canaviais, como destacou P7-2015 no exercício da ‘cidade imaginária’, quando diz: “Quem vem a Barbalha se indaga: Por quê? Por que a Barbalha é chamada de terra dos verdes canaviais? Ora meu amigo! Deixe de pressa e repare ao seu redor”. É com saudosismo que P8- 2015, traz recordações do verde da cana de açúcar, dos carnaubais, dos coqueiros e afirma que pela força da poesia, a história dessa cidade ressurgirá:

> Nesta cidade, haverá tanto verde quanto havia antes na terra dos verdes canaviais enriquecida com carnaubais. Terra de tantas fontes de águas límpidas, cristalinas. Coqueiros enriqueceram o nosso passado e retornarão expressivamente. A poesia permanecerá. A história outrora contada ressurgirá (P8-2015).

No exercício ‘Entre ruas e imagens’ ao lançarem o olhar sobre a cidade, as ruas, edificações e as pessoas que fazem parte desta cidade, foi surpreendente a percepção do patrimônio cultural que se revelou nesse processo, de acordo com as observações dos colaboradores.

Foi possível perceber que a história da cidade, pode ser contada em sala de aula, a exemplo da história das edificações do município, principalmente aquelas que foram construídas no período da monarquia. Para este docente:

> Muitas casas, foram construídas no final do Século XIX, quando ainda tínhamos uma monarquia. Esse momento foi prazeroso porque a gente acaba descobrindo que todo aquele conteúdo que a gente trabalha em sala de aula, tem muito a ver com o que nós olhamos aqui na cidade. Nossa cidade tem muita riqueza cultural. E isso, precisa ser explorado (P2-2015).

Porém, um dos colaboradores lembrou, que a conservação do patrimônio cultural de Barbalha vai depender do conceito que as pessoas possuem desse patrimônio e que se não houver um trabalho neste sentido, muitos desses prédios podem ser demolidos para dá lugar a lojas e prédios modernos. Para ele:

> A conservação desses espaços depende do conceito, da ideia que as pessoas têm sobre esses espaços. Se eles não valorizarem, não veem da forma que a gente ver essa conservação, daqui algum tempo, os interesses sobre esses monumentos vão se modificar de acordo com o comercio e aí podem ser demolidos, de alguma forma, para construção de algum prédio que é o caminho da maioria das cidades, para os prédios mais modernos e lojas mais modernas (P3-2015).

Houve o reconhecimento de que Barbalha tem um vasto patrimônio até então, muito desse patrimônio, não percebido por eles. Nesse sentido, relataram que o Curso formativo-investigativo proporcionou uma aproximação deles com este patrimônio que está tão perto deles, mas tão distante de um olhar mais reflexivo. Na fala a seguir, o docente diz:

> A nossa cidade tem um vasto patrimônio cultural e não percebemos. Essa formação estética-docente nos possibilitou um novo olhar sobre a cidade. Esse trabalho aqui nós podemos fazer com os alunos. É tanto que eu passei por mais de 20 anos aqui nessa rua, e nunca tinha me deparado com tanta riqueza cultural. Em um pequeno percurso, foi possível registrar bastantes prédios históricos que contam a nossa história, coisa que a gente nunca tinha observado [...] nós não temos registro da nossa história. O único lugar que se colhe aqui para informação é ainda a Igreja e alguns moradores que conhecem a nossa história (P6-2015).

Com a realização do exercício descrito, os colaboradores reconheceram que alguns exemplos de patrimônio edificado da cidade encontram-se reformados e outros precisam ser restaurados. Foi importante perceber que esse exercício de conhecer melhor o

patrimônio cultural da cidade repercutirá na prática pedagógica dos professores colaboradores. Isso fica visível no relato seguinte:

> No percurso que fizemos pela Rua do Vidéo vimos vários prédios histórico, uns em perfeitas condições, restaurados e outros infelizmente não estão conservados, estão precisando restaurar [...] a gente fica olhando e se perguntando? Por que o descaso, com a nossa história? [...]. Esse curso é motivador. Você faz a gente olhar para as coisas de uma maneira diferente. A gente passa pelas coisas e não tem esse despertar que você está nos dando. Você está nos despertando para uma coisa tão perto da gente e a gente não valoriza. [...]. Esse trabalho que você está fazendo com a gente, nós vamos multiplicar com os alunos (P7-2015).

Os professores puderam reconhecer que a cidade é detentora de um grande patrimônio, e que a sua história pode ser contada por meio dos descendentes das famílias que deram origem à cidade.

> A cidade está riquíssima, embora tenhamos tantos outros pontos para visitar, para falar, para comparar com os nossos conteúdos de sala de aula. Percebemos também que as famílias que deram origem a essa cidade, ainda hoje existem os herdeiros, os descendentes, são famílias que existem aqui e podem contar essa história a todos (P8-2015).

Também, os colaboradores, falaram da falta de material didático para se trabalhar a história e a cultura local em sala de aula.

> Não temos acesso a material didático para estudar, nem para trabalhar e nós já pedimos várias vezes aos órgãos oficiais de ensino, que nos dessem acesso, que nos capacitassem, que nós estudássemos juntos a nossa história, para que nós propagássemos isso, porque capacitados, vamos trabalhar esses conteúdos em sala de aula. Pouca coisa a gente sabe, quase nada. Além da gente conhecer a nossa história, também queremos ser propagadores dela [...] (P8-2015).

Logo após o desenvolvimento do exercício, as equipes externaram as observações realizadas, a riqueza do patrimônio que o município dispõe, mas que não há material didático que possa ser trabalhado em sala de aula. Esperamos que estes exercícios realizados possibilitem aos colaboradores uma nova experiência em relação a cidade, proporcionando aos colaboradores "[...] reflexão sobre a diferença entre o olhar e o ver e sobre a importância da observação detalhada para a compreensão e a descoberta de outras informações que o olhar superficial não permite (GRUNBERG, 2007, p. 10).

O exercício denominado de 'Olhos vendados' em que os colaboradores caminharam pela cidade de olhos vendados, provocou de reflexões sobre até que ponto, nós valorizamos

um novo olhar que nos possibilita ver além das aparências e da necessidade de respeitarmos o outro e exercitarmos a nossa sensibilidade para o novo:

> Gostaria de parabenizar o professor Hugo Rodrigues pela oportunidade do exercício, e dizer que através desta atividade percebi a minha resistência ao novo, ao 'desconhecido' aos olhos. Nossa, confesso que inicialmente não me senti confortável com a situação e até tentei resistir, porém meu colega permitiu que eu o conduzisse. Então me ponho a refletir, como tantas vezes nós professores não respeitamos os limites do aluno em algumas atividades? Como é possível nos limitarmos somente ao que os olhos nos permitem ou nós nos permitirmos enxergar? Como é possível não explorar nossos outros sentidos? Até que ponto valorizamos esse olhar em sala de aula? (P1-2015, postagem no *facebook*).

Ao refletir sobre o exercício desenvolvido, outro colaborador, relatou que quando conduziu o colega, que estava de olhos vendados pela cidade, pensou também em sua prática em sala de aula, quando conduz o aluno ao caminho da aprendizagem e que alguns acabam desistindo e que muitas vezes se pergunta se realmente está sendo uma referência segura para o processo de aprendizagem do seu aluno. Durante a realização do exercício, percebeu reações preconceituosas dos transeuntes, ao mesmo tempo, preocupação em ajudar quem estava sendo conduzido. E que atividade, trouxe-lhe reflexões sobre o medo e vergonha da cegueira.

> A minha experiência como acompanhante do meu colega (vendado e com muito medo) me faz refletir minha prática pedagógica em sala de aula, quando tenho a responsabilidade de conduzir meus alunos para um caminho que é seguro e de sucesso e estes terminam desistindo no meio do caminho ou seguindo caminhos que levam a lugar nenhum. Penso também se realmente estou sendo um apoio seguro para estes alunos no desenvolvimento da sua aprendizagem e cidadania. No percurso podemos observar o preconceito das pessoas, medo e vergonha da cegueira e preocupação de algumas pessoas em ajudar. Fiquei em dúvida se desviava ou se deixava o colega enfrentar os obstáculos, achei melhor informar sobre os perigos à sua frente para que o mesmo pudesse enfrentar e superar com sua sensibilidade (P6- 2015, postagem via *facebook*).

O destaque que outro colaborador fez, foi no sentido da insegurança provocada pelo caminho percorrido de olhos vendados, principalmente quando você não tem direção e dependente do outro, provocando medo e ansiedade e que vencer esses obstáculos é um desafio.

> A primeira sensação em um momento desse é de muita insegurança, você não sabe qual o próximo passo que você vai dá, que direção você vai tomar, para onde ir, você é totalmente dependente daquela pessoa que está do seu lado, e quando você não sabe para onde ir, é muito difícil. Vencer isso aqui (andar pela cidade de olhos vendados) é um desafio muito grande. Estou sentindo medo, ansiedade [...] (P8-2015, postagem em vídeo no f*acebook*, que foi gravado durante a realização do exercício).

Na realização do exercício de andar pela cidade de ‘olhos vendados’, foi possível percebermos que os valores que atribuímos a uma cidade quando percebemos apenas com o olhar, torna-se diferente dos valores que atribuímos a uma cidade quando andamos nela de olhos vendados, revelando a subjetividade do olhar, ou do não olhar, que nos remete diretamente a nossa prática de ensino, pois somos condutores dos nossos alunos.

A cidade existe na objetividade, mas existem inúmeras cidades que se revelam a partir do olhar de outros, que muitas vezes difere do nosso olhar, dos valores que atribuímos a tudo que existe ao nosso redor.

Após o desenvolvimento do exercício de andar pela cidade de olhos vendados, e as reflexões que surgiram a partir da atividade realizada, passamos para a uma outra atividade que foi assistirmos um vídeo-documentário relacionado com a atividade desenvolvida

No exercício da ‘cidade imaginária’ os professores representaram como enxergam Barbalha. Para isso eles foram incentivados a utilizar a criatividade com o uso de objetos do cotidiano, como observamos a seguir:

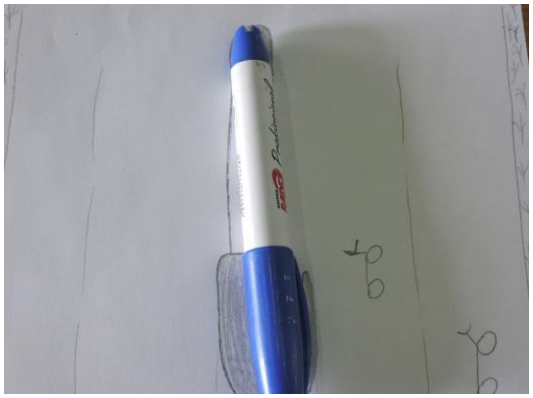


Figura 17: Ilustração do exercício P7-2015.

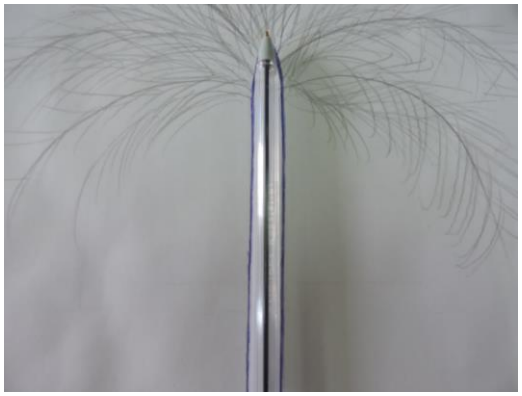


Figura 18: Ilustração do exercício P8-2015.

Fotografia e arquivo: Hugo de Melo Rodrigues.

Eles apresentaram no grupo suas argumentações acerca da imagem construída. Acima alguns exemplos dessa atividade com imagens representando Barbalha como a terra dos verdes canaviais.

O patrimônio cultural barbalhense que possui uma grande referência para a cidade, segundo os colaboradores da pesquisa, é a Festa de Santo Antônio, que envolve todo o município, além de receber um grande número de turistas no dia do carregamento do pau de Santo Antônio com o hasteamento da bandeira que é confeccionada em homenagem a Santo Antônio, padroeiro da cidade de Barbalha.

Sobre as festividades em Barbalha, Dias (2012, p. 87), acrescenta que:

> A Festa de Santo Antônio, padroeiro de Barbalha é um acontecimento tradicional que se realiza há mais de 100 anos. É promovida todos os anos, a partir do último domingo de maio ou primeiro domingo de junho, ou seja, dependendo do calendário e estendendo-se até o dia 13 de junho. Barbalha, nesta oportunidade, polariza a multiplicidade de manifestações culturais que se apresentam na festa do "Pau da Bandeira". É considerada a maior atração turística do município, com abertura por ocasião do cortejo do referido "Pau da Bandeira", um mastro com mais de 20 metros, pesando em torno de 2,5 toneladas. O pau "sagrado" é transportado ao longo de nove quilômetros nos ombros de 200 carregadores ou mais, como forma de penitência e tradição, até ser fincado em frente da Igreja Matriz. No dia da festa estima-se o comparecimento de um contingente populacional na ordem de mais de 300 mil pessoas, oriundos de cidades do entorno, outras do Nordeste e do Brasil.

Em abril de dois mil e dez trabalhávamos como Técnico em Cultura de Barbalha e presidíamos o Instituto Cultural do Vale Caririense - ICVC. Entramos juntamente com o prefeito municipal, o secretário de Cultura e o presidente da Câmara de vereadores com o junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN com o pedido oficial do reconhecimento da "Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha" que posteriormente recebeu o endosso do pedido por outras entidades barbalhenses. A luta pelo reconhecimento, registro e tombamento de bens culturais do município é resultado de um trabalho conjunto realizado por entidades e administrações atuais e anteriores.

Barbalha, aos dezessete de setembro de dois mil e quinze, teve a "Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha" registrada no Livro de Registro das Celebrações, como Patrimônio Cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

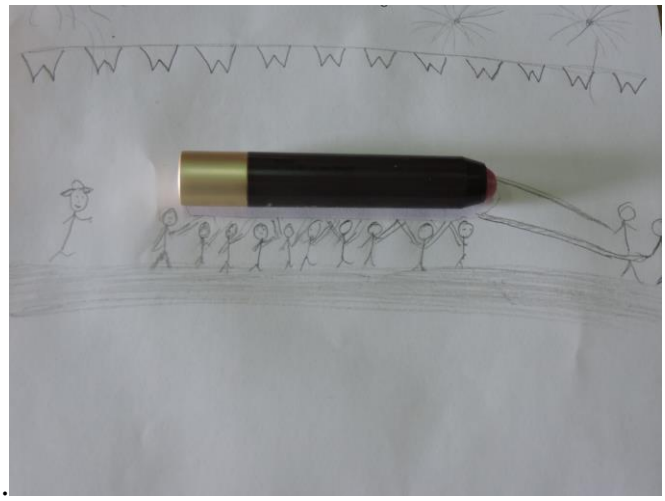


Figura 19: Ilustração do exercício P4-2015.
Fotografia e arquivo: Hugo de Melo Rodrigues.

Acima, inserimos uma imagem com a representação do Carregamento do Pau da Bandeira feita por um dos colaboradores da pesquisa no exercício 'cidade imaginária'. Ao analisarmos a Festa de Santo Antônio, sobre o que se deve preservar e quais as mudanças necessárias em torno desta celebração, é preciso ouvir a população barbalhense, que é quem convive diretamente com essas manifestações que fazem parte da história da cidade.

Em Barbalha, para onde você olhar, tem possibilidades de vivenciar esta cultura de várias maneiras. Nosso olhar não é único, é apenas mais um que vem contribuir para a preservação desta história.

Enfatizamos que o desejo de reconhecimento e registro do carregamento do pau da bandeira de Santo Antônio pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN é motivo de reflexões importantes e necessárias que aparecem nitidamente na fala de um dos entrevistados. Vejamos:

> Alguém me pergunta, dizendo que ainda não conseguiu entender, o porquê e para quê o reconhecimento do carregamento do pau da Festa de Santo Antônio pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - PHAN. Como ela, tem muitas pessoas em nossa cidade que não tem a menor ideia do que seria. As pessoas não compreendem. O reconhecimento não foi da festa de Santo Antônio, foi da 'Festa do Carregamento do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha'. Por que? Porque o IPHAN, jamais iria reconhecer como patrimônio histórico a festa de qualquer padroeiro, porque são tantos padroeiros. Só aqui em Barbalha, é a festa de 49 paus da bandeira, fora a festa de Santo Antônio. Já pensou se cada festa dessa, precisasse um processo de reconhecimento? [...] então tem que ser considerado o contexto. Eu pergunto: Daqui a quatrocentos anos será que o carregamento do pau bandeira vai existir? Será que daqui a mil anos vai existir? Eu não sei nem se daqui a trezentos anos existirá, porque são árvores que são cortadas [...] as discussões vêm se acalorar muito mais pelo meio ambiente, a ponto que nós já temos pessoas influentes no município [...] que dizem que este carregamento do pau da bandeira já

> deveria ter acabado há muito tempo. [...] com a história de bebida, falta de respeito, o povo vem beber cachaça e assistir show e o carregamento que é a mola mestra daquele momento, ninguém está nem aí. Então, eu pergunto, será que daqui a quatrocentos anos teremos essa quantidade de árvores mesmo? Pode até não existir mais o carregamento do pau da bandeira, isso simbolicamente, mas ao IPHAN vai tratar de contar e imortalizar esta história. Daqui há muitos anos, vamos ouvir o IPHAN contando sobre a festa do carregamento do pau da bandeira. Por isso a importância de projetos como esse" (P5-2015).

Ainda sobre as características do carregamento do pau da bandeira de Santo Antônio, um colaborador destacou a popularidade desta festa: " o pau da bandeira [...] eu vejo ele popular, eu vejo o engajamento de pessoas" (P2-2015). Outro, fez referência aos aspectos sacros e profanos que a festa do carregamento do pau da bandeira de Santo Antônio desperta, a valorização das tradições, além da participação da população nas festividades durante este período:

> É uma festa religiosa que muitas vezes se confunde o religioso, com outros movimentos sociais. Nesta festa, tem até aquela história do religioso, do sagrado e do profano, que se misturam um pouco essas duas tendências. Tem muitas tradições antigas que estão sendo revividas, neste período. É um período que a Barbalha inteira entra em êxtase. É um momento que a Barbalha está em foco. As pessoas saem para as ruas, muitas pessoas só deixam para viver a vida social neste período. É como só existisse um momento na Barbalha, que é a festa de Santo Antônio (P1- 2015).

Podemos observar ainda que os colaboradores reconheceram a importância dessa festa como patrimônio cultural e atestaram que ela é mundialmente conhecida. Fizeram referência ao corte, carregamento e hasteamento da bandeira em homenagem ao padroeiro Santo Antônio, enfatizando que toda a cidade se prepara para este momento. Desse modo:

> A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha é mundialmente conhecida [...] se constitui o nosso principal patrimônio. É costume de todo ano ter essa tradição do corte do pau, de trazer o Pau da Bandeira no ombro [...] para a matriz de Santo Antônio, para homenagear o padroeiro e também para que as outras pessoas mais novas vejam para ir aprendendo a valorizar esse costume. Eu acho que no dia do Pau da Bandeira, quem vem de fora, acha bonito e gosta. A gente que é da Barbalha, que recebe essas pessoas, a gente sente orgulho de ser barbalhense nesse dia. Porque realmente é uma festa muito bonita que a gente prepara, não só para a gente, mas, para outras pessoas que vem, e todo mundo quando vem, sai falando, e dá importância cultural. Como você vê, uma cidade pequena como a nossa, como ela se enfeita para receber, para acolher as pessoas e também para a passagem do Pau da Bandeira. Eu acho um momento único, é o nosso principal exemplo de patrimônio cultural da Barbalha é esse pau da bandeira (P7, 2015).

Destacaram ainda que “isso faz parte da cultura local, já faz muito tempo” (P4-2015). Também disseram que “é uma festa que acolhe bastante visitantes, fala muito da nossa história e que já remonta algum tempo” (P8-2015).

Diante do que os colaboradores apresentaram, precisamos ouvir os mais novos, para que estes também percebam e interajam com esse patrimônio, trazendo as suas inquietações. Precisamos compreender que o patrimônio cultural não é estático, ele vai adquirindo novas possibilidades, ele vai sendo reconfigurando pela sociedade atual, porque é ela quem convive com este patrimônio.

Muitos grupos culturais participam do cortejo em celebração a Santo Antônio, entre esses grupos de manifestações culturais, citamos o do Grupo Mateu, coordenado pelo Sr. Epitácio, do Sítio Cabeceiras. Sobre as características do Mateu, Sá e Barbalho (2011 p.478) relatam que “O Mateu quase sempre está presente com os reizados de congo e outros grupos de tradição, fazendo a animação e descontração durante suas apresentações e brincadeiras. É costume do Mateu mostrar a língua, e pedir a benção dizendo: *bença padrinho, bença madrinha”*.

Sobre as novas formas de expressão e valorização da cultura local um dos colaboradores acrescentou que novos grupos que vão surgindo, com um tempo, esses grupos são considerados da cultura popular: “É importante destacarmos que novos grupos, vão surgindo e inserindo-se nas manifestações já existentes [...] por exemplo tem o grupo *Mateu* recém-criado, daqui alguns anos [...] esse grupo passa a ser considerado da cultura popular” (P5-2015).

A seguir uma imagem representativa do grupo *Mateu* de Teatro de Barbalha

Figura 20: Grupo Mateu de Teatro

Ao analisarmos esta imagem feita no período festivo em Barbalha, podemos perceber que ela traz um boneco que representa o Mateu, seguido por um grupo de crianças e jovens vestidos à caráter, representando o Mateu.

Sobre o novo grupo de Mateu conversamos com a produtora cultural de Barbalha, Ni de Sousa (2016), que é uma das integrantes desse grupo, que fez a seguinte observação:

> O Grupo Teatral Mateu teve início no ano 2000 com a proposta de passar informações sobre a cultura popular para os visitantes da festa do pau da bandeira de Santo Antônio de Barbalha. O grupo sempre é formado por participantes da oficina de iniciação á teatro de rua concluindo suas experiências no dia da festa do pau, que interagem com os grupos de tradição misturados num cortejo que reúne quase 100 grupos da cultura popular da região Cariri, para um público diversificado que comparece a cada ano.

Novas atribuições culturais vão sendo inseridas a conhecimentos anteriores e passam a integrar o cenário atual. Como vimos, Barbalha, nos períodos festivos, a cidade é ornamentada com bonecos gigantes representando personagens da cidade. Sobre os bonecos, o P5-2015 acrescentou:

> Na Secretaria de Cultura do município tínhamos uma pessoa vinda de Pernambuco [...] lá, onde ela morava, se apropriaram das culturas dos bonecos. Essa pessoa implantou essa cultura em Barbalha e hoje estamos fortalecidos, ao ponto de que algumas cidades já pedem emprestado. Algumas pessoas pensam que esses bonecos já nasceram aqui.

Em relação aos bonecos gigantes, a produtora cultural Ni de Sousa (2016), acrescentou que:

> Na época da administração do ex-prefeito Edmundo de Sá Filho (2000-2004), Sandra Nancy era a coordenadora de um Programa de Assistência – PROARES, e a oficina de bonecos gigantes foi ministrada por Assis Pernambucano e coordenada por mim que também fiz todas as etapas de construção dos bonecos. Esses foram criados para serem expostos num possível espaço no museu de Cultura em Barbalha, que seria no Palácio 03 de Outubro, daí como não aconteceu, os bonecos gigantes viraram objetos de decoração nas festividades juninas.

Barbalha, possui uma variedade de grupos e festividades, porém a maior expressividade desta cultura ocorre no período das festividades do carregamento do pau da bandeira de Santo Antônio e nas festas juninas realizadas no mês de junho. Sobre isso, (P1-2015) fez a seguinte observação no exercício ‘cidade imaginária’:

“Barbalha no mês de junho reveste-se de muito encanto, seja nas noites de lua, onde a fogueira era o comando ou nos grupos de quadrilhas que acabavam todos dançando”.

Figura 21: Ilustração do exercício P1-2015.
Fotografia e arquivo: Hugo de Melo Rodrigues.

Esse colaborador no exercício ‘Cidade imaginária’, fez a representação das festividades juninas em Barbalha, conforme figura acima.

Percebemos que no período das festividades do padroeiro Santo Antônio, crianças e adultos, aparecem trajando roupas idênticas com as roupas utilizadas por personagens de grupos culturais da cidade e também utilizadas pelos penitentes. Compreendemos que esta atitude, caracteriza-se como possibilidades de valorização e divulgação da cultura de determinados grupos e que essa cultura também pode ser ensinada para outras pessoas, seja por meio de uma herança familiar, seja nas escolas, nas comunidades ou em outras instituições culturais.

Sobre esse assunto, um colaborador observou que esse processo de ensino e aprendizagem é importante, porque valoriza e divulga a cultura local: “faz sentido [...] eu vejo mais como uma maneira de divulgar essa cultura [...] é um ensinamento que passa de pais para filhos” (P4-2015). Assim, acreditamos também, que na medida em que essa cultura é ensinada na escola, possibilita despertar no aluno o interesse por essa cultura: “na escola, vai surgir aquele que tem amor pela cultura no sangue” (P6-2015).

Outro colaborador fez a seguinte observação:

> Seria muito interessante se esta cultura que está sendo mostrada aqui no Curso de formação estética, fosse inserida também na escola, porque, como é que nós vamos querer que as pessoas gostem dessa cultura, habilitem essa cultura, se elas não conhecem [...] vai ser praticamente impossível se valorizar [...] Um trabalho sério como esse aqui e passado por pessoas tão bacanas [...] nós vamos fazer esse curso com tanta responsabilidade para as pessoas da nossa cidade entenderem que estão fazendo cultura [...] (P5-2015).

Além do carregamento do pau da bandeira de Santo Antônio, identificado como patrimônio cultural, outra referência de patrimônio citada foram as igrejas, em especial a Igreja do Rosário e da Matriz de Santo Antônio. Como afirmam:

> Tem as igrejas daqui. A maioria delas, já têm uma certa idade de construção [...] elas são as que mais representam a cultura local, a religiosidade do povo que é muito característico. Um exemplo mais marcante da cidade são as igrejas, a exemplo da Igreja do Rosário e da Igreja Matriz [...] todas elas até na sua construção já retratam um pouco disso (P3-2015).

> Aqui em Barbalha, nós temos a Igreja do Rosário, que é uma igreja que foi construída pelos escravos e que ela tem uma história muito grande para a nossa comunidade, por sermos também pessoas de muita fé e religiosidade. A fotografia dessa igreja é como se fosse o cartão postal da nossa cidade (P6-2015).

Como foi dito anteriormente, na entrevista semiestruturada sobre o patrimônio cultural Barbalhense, os docentes destacaram também a Igreja do Rosário como um patrimônio que tem um significado importante para eles. Logo a seguir vejamos uma foto da representação da Igreja do Rosário por um dos colaboradores no exercício ‘cidade imaginária’:

Figura 22: Ilustração do exercício P3-2015.
Fotografia e arquivo: Hugo de Melo Rodrigues.

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário, cuja construção data de 1860, denominada na época de Igreja dos negros, dos escravos, sendo inaugurada em 02 e fevereiro de 1921, com missa celebrada pelo Bispo Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva (1863-1929). Em torno dessa igreja foi surgindo o bairro do Rosário, como afirma Sá (2007, p. 112)

> [...] com o aumento da população e as conseqüentes necessidades habitacionais, o bairro do Rosário havia surgido, a partir da Igreja de Nossa Senhora de mesma invocação. As ruas se espalharam, estendendo pequenas casas de teto de palha, uma ao lado das outras, sem qualquer espaçamento [...]

A outra Igreja citada pelos colaboradores como referência do patrimônio cultural de Barbalha foi a Matriz de Santo Antônio, assim representada no exercício ‘cidade imaginária’.

Figura 23: Ilustração do exercício P6-2015.
Fotografia e arquivo: Hugo de Melo Rodrigues.

A história da Matriz de Santo Antônio está imbricada com a história da cidade de Barbalha que remonta ao início do século XVIII, tendo o nome de Francisco Magalhães, como o seu fundador, considerando que ele doou o terreno e construiu uma capela para a celebração dos ofícios religiosos. Ele e a sua esposa, Ana Polucena de Abreu Lima decidiram construir a capelinha que daria origem à cidade de Barbalha. Neves (1988, p. 4) esclarece que “[...] o casal escolheu o topo da colina com ampla visão sobre o Vale do Salamanca para localização daquela capelinha, onde hoje fica o altar-mor da Matriz de Santo Antônio [...] iniciaram-na em março de 1778”.

No entanto, os alicerces da Igreja foram construídos em 1785, no século XVIII e a capela de Santo Antônio somente passou a ser reconhecida como Paróquia no ano de 1838, sendo Padre Pedro José de Castro e Silva, o seu primeiro pároco.

Um fato curioso, foi a chegada da energia, que fez o badalar do sino da matriz ser ouvido em toda a cidade, Sá (2007, p. 225), diz que

> [...] o ano de 1961 trouxe uma enorme expectativa de mudanças [...] chegada da energia elétrica. Os postes já estavam sendo fincados nas calçadas, porém ainda havia quem duvidasse [...] mês de dezembro, e aquela era a noite aprazada. As pessoas, ansiosas na rua, contemplavam a rede elétrica instalada. Aqui e ali, ainda se ouviam os pessimistas: "Ah! Isso aí não acende não!" Em poucos minutos [...] as lâmpadas dos postes encheram as ruas de uma luminosidade diferente. A população exultava. Saul, o sacristão, fez o sino da Matriz badalar repetidamente. Festa nas praças, alegria em muitas casas. Adeus tempo dos candeeiros, das luzes fracas e breves [...]

Sobre a relação da igreja com a cidade, no exercício da ‘cidade imaginária’ um dos nossos colaboradores afirmou: “ A cidade de Barbalha tem uma cultura muito forte em relação a religiosidade. O relógio da Igreja Matriz dá para ser escutado por toda a cidade” (P6-2015).

Podemos destacar ainda que Barbalha possui dois prédios tombados pela Secretaria de Cultura do Estado Ceará e quarenta imóveis inventariados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Sobre isso, um dos professores ressaltou que “[...] em Barbalha, nós temos [...] mais de cinquenta prédios históricos que a gente considera como nosso patrimônio cultural material” (P5-2015).

Sobre essas edificações, no exercício da ‘Carta docente’, um dos colaboradores expressou a sua preocupação com a conservação desses bens, alertando que algumas dessas edificações, não existem mais: “O nosso centro histórico continua como destaque da cidade, porém alguns monumentos históricos e de valor sentimental para a comunidade já não existem mais e outros foram danificados pelo tempo e abandonado pelos responsáveis [...]” (P6-2015).

Vejamos como foi representada uma das edificações de Barbalha, no exercício ‘cidade imaginária’:

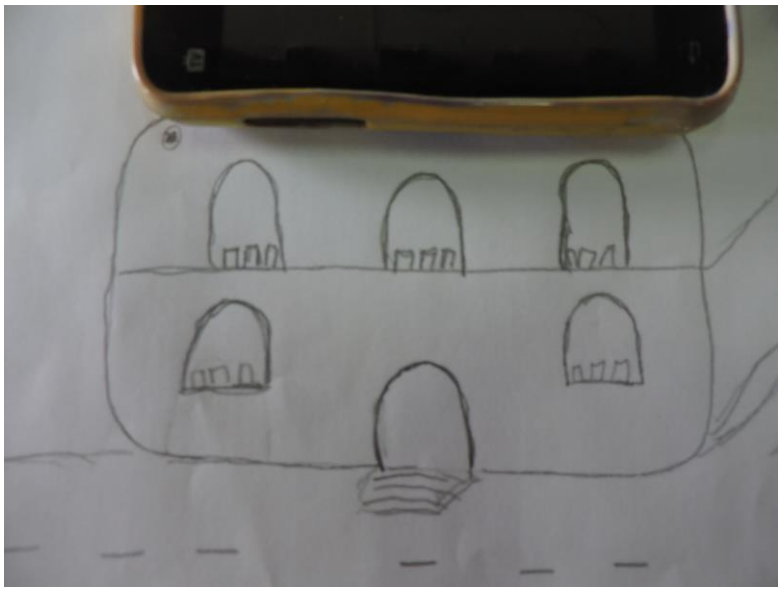


Figura 24: Ilustração do exercício P2-2015.
Fotografia e arquivo: Hugo de Melo Rodrigues.

Um dos objetivos do nosso estudo é entender de onde provêm os saberes que mobilizam a formação estética dos professores desta pesquisa em suas interpretações sobre o patrimônio cultural de Barbalha.

Observamos nas falas e reflexões suscitadas pelos exercícios realizados que a formação estética dos professores revelou-se pela sensibilidade do olhar, que foi sendo aguçado a cada novo encontro, fazendo-os perceber uma cidade que foi se revelando nas lembranças do passado, quando buscaram com saudades parte de suas memórias do patrimônio cultural. Esse saber mobilizado na memória pode ser visto na seguinte fala: "O pau de sebo, quando eu era criança, achava aquilo incrível e não existe mais" (P6-2015). No Informativo Cultural 01da Prefeitura Municipal de Barbalha vamos encontrar a seguinte definição do Pau de Sebo: "É um número folclórico muito apreciado pelo público desta cidade, na Festa de Sto. Antônio, mais precisamente no dia do pau da bandeira. O objetivo é alcançar o topo do mastro de madeira para de lá retirar o prêmio em dinheiro" (BARBALHA, 2010, p. 05).

Buscando saber sobre uma imagem marcante da cidade de Barbalha que se constituía em um patrimônio afetivo um dos professores relatou sobre lembranças de viagens familiares e a paisagem dos verdes canaviais, fazendo referência ao acolhimento da cidade. O hino da cidade, faz referência aos verdes canaviais. O colaborador disse:

> Nasci em Barbalha, mas durante algum tempo, morei em outra cidade. Vínhamos constantemente passear e a viagem era longa. Eu sempre tive problemas com viagens, então descobri que se eu dormisse, não sofreria tanto, então fechava os olhos e buscava o sono [...] esporadicamente eu despertava, buscando o canavial, pois sabia que quando

> o visse, estaria em casa e o sofrimento chegaria ao fim. No hino da cidade há a frase ‘estes teus verdes canaviais’ (P8-2015).

Os colaboradores expressaram sobre os seus lugares da memória, por meio de fontes iconográficas. Para Vovelle (1997) usar fontes iconográficas se constitui um meio importante no trabalho de pesquisa, porque as imagens ‘falam onde o texto cala’.

No exercício da ‘Carta docente’ um dos colaboradores fala da Barbalha, da sua religiosidade e da sua cultura marcante, mostrando a preocupação com o descaso com o patrimônio histórico e com o desmatamento. O colaborador disse:

> Barbalha, cidade conservadora de religiosidade forte e de uma cultura popular [...] após anos de emancipação e com mais de cinquenta mil habitantes ainda conta com problemas primários como desemprego, descaso com o seu patrimônio histórico, desmatamento. O tempo passa, surgem novas tecnologias, a sociedade se diz evoluída e problemas antigos permanecem. Como não preservar sua história, destruir o meio em que vive, não oferecer condições de vidas dignas às famílias? (P8-2015).

No exercício das imagens um dos professores complementou que “[...] a cultura de Barbalha é muito rica, mas ao mesmo tempo nós temos tantas dificuldades de fazer essa cultura como outros municípios”.

No exercício ´patrimônio afetivo”, o distrito de Arajara foi escolhido como um lugar de Barbalha afetivamente importante. P6-2015, esclareceu porque esse lugar foi escolhido:

> Por ser um lugar que ainda preserva as culturas e a tradição do local. Esse lugar me chama atenção, porque as pessoas que moram aqui, valorizam muito a vida. As pessoas, ainda tem o costume de sentarem nas calçadas para conversarem e saem para fazer visita aos moradores. As casas são conservadas no estilo original. Muitos chegam a completar cem anos e a qualidade de vida deles, é um caso que deveria até ser estudado. Não percebemos as pessoas utilizando celular. Muitas delas estão na calçada conversando e outras passeando de cavalo. Esse sentimento de valorização do próximo, é muito importante para vida de uma comunidade. Por isso, que escolhi este lugar, por que tem importância para mim e para a cidade de Barbalha (P6-2015).

Arajara se constituiu no primeiro distrito de Barbalha, com destaque para a praça e a igreja local. É possível perceber uma forte relação comunitária e a identificação dos moradores com esses espaços, onde as pessoas frequentam e comunicam-se entre si. Uma característica também que chama a atenção do distrito de Arajara, é a longevidade dos seus habitantes e o respeito que se estabelece com os mais idosos, pois estes, se portam como verdadeiros guardiões da história local e que por meio da oralidade e do registro fotográfico, eles tornam este lugar valorizado pela população mais jovem.

Outro patrimônio afetivo destacado, foi revelando-se pela sensibilidade do olhar em torno da importância das praças para os seus habitantes. Foram destacadas a Praça Engenheiro Dória e a Praça Filgueira Sampaio. Em seus relatos sobre essas praças, os docentes afirmaram:

> A Praça Engenheiro Dória para mim é importante porque foi aqui que conheci importantes pessoas, ela faz parte do meu patrimônio afetivo. Aqui também aconteceram muitas festas de Santo Antônio, isso não sai da minha memória, ainda hoje sinto o cheiro das barracas. Sempre que posso retorno, para sentir o ar puro e acessar as redes sociais (P2-2015).

> A Praça Filgueira Sampaio é pequenininha em formato triangular, situada na entrada de Barbalha, no início da Rua do Vidéo, em frente ao Cine-teatro e em torno do Solar Maria Olímpia. Bem aconchegante, a praça é uma das mais bonitas de Barbalha. Todas elas têm essa arborização [...] é uma praça bastante frequentada. (P3-2015)

As praças se constituem lugares da cidade que vão manter uma relação direta com os seus frequentadores e são lugares de realização de inúmeras atividades culturais, políticas e sociais. Ao ser inaugurado oficialmente o ramal ferroviário Juazeiro do Norte-Barbalha, ao lado da citada praça, uma faixa exposta homenageava, o Engenheiro Dória, com a frase: "Ao Engenheiro Emmanuel de Araújo Dória, a gratidão do povo de Barbalha" e posteriormente a praça recebeu o nome do referido engenheiro.

A Praça Filgueira Sampaio, no passado reuniam-se integralistas barbalhenses. No que se refere a cultura, por exemplo, no ano de 2009, nesta praça, realizamos uma exposição comemorativa dos 120 anos do Gabinete de Leitura de Barbalha e 92 anos da Liga Barbalhense Contra o Analfabetismo. Em torno da praça, ocorre o tradicional Festival de Música de Barbalha - FEMUB, onde tivemos a grata satisfação de participarmos compondo a mesa julgadora nos anos 2010, 2011 e 2012, do referido festival.

Outro lugar que se constitui em um patrimônio afetivo para os colaboradores da pesquisa é o Hospital São Vicente de Paulo, que além de ser um lugar que recebe pessoas de várias localidades pela excelência do trabalho desenvolvido, proporciona o desenvolvimento da economia local, empregando muitas pessoas.

Neste sentido, o docente fez a seguinte descrição do referido hospital:

> Hospital São Vicente, localizado em Barbalha, tem uma importância muito grande para a cidade, porque além de ser um hospital referência, reconhecido em toda a região [...] foi neste hospital que o meu segundo filho nasceu. Esse Hospital para a cidade é também importante, porque emprega muita gente [...] tem uma importância econômica, não só na saúde. Uma importância na economia da cidade e marcou a minha vida (P4, 2015).

O Hospital tem uma localização privilegiada, próximo da Igreja do Rosário e da Praça Nossa Senhora do Rosário, do mercado central, da prefeitura municipal, além das escolas instaladas nas proximidades.

Da relação do Hospital com a cidade, Sá e Barbalho (2011, p 476) esclarece que "[...] em 1973, o crescimento da Festa passou a incomodar os pacientes do Hospital São Vicente de Paulo, ocasionando a transferência da festa para a Praça Engenheiro Dória, onde funcionavam as barracas, leilões, parque de diversões, shows com artistas locais e nacionais".

Um lugar em Barbalha, que se constitui em patrimônio afetivo para o P1-2015, fica situado na zona rural do município, entre dos sítios, na passagem do Rio Salamanca, no caminho da escola. Para ele, esse lugar não apresenta mais as características citadas nas lembranças da infância. Sobre esse lugar, ele esclareceu que:

> Eu escolhi um trecho que liga a comunidade em que eu morava (Sitio Barro Vermelho) até a comunidade vizinha (Sitio Cabeceiras) na passagem do Rio Salamanca, onde na época para chegar à escola, na cidade, tinha que me submeter a esse trajeto, onde muitas vezes o rio estava cheio e era inevitável chegar a escola encharcado de água e as vezes de lama, então sempre que passo por esse local todas as minhas lembranças retornam fazendo um elo entre o passado e o presente (P1-2015).

As margens do Rio Salamanca foram habitadas pelos índios *kariri*, antes do século XVII. O rio surge do escoamento da água das nascentes da Chapada do Araripe.

Os colaboradores afirmaram que pelo cheiro conhecem e percebem essa cidade: "[...] um cheiro que caracteriza aqui: os engenhos. Quando a gente vai passando, a gente diz logo: o cheiro de Barbalha. Isso ali caracteriza! A gente não ver isso em outros municípios! " (P7-2015).

Sobre a existência de engenhos no Cariri cearense, nós vamos encontrar registro que afirmam que por volta de 1860, no Cariri haviam mais de trezentos engenhos e desse total, a cidade de Barbalha contava com setenta e dois engenhos em funcionamento, a exemplo do engenho Tupinambá, que havia sido fundado por Antônio Manoel Sampaio (1814-180).

Nos versos do poeta José Sebastião Rodrigues, da Sociedade dos Poetas de Barbalha, no cordel Engenhos (s/d), ele faz referência a existência de oitenta e quatro engenhos existentes em Barbalha e relata as características gerais do engenho, destacando a história, fases de plantio, capinação e moagem. Na estrofe a seguir, o poeta esclarece que:

Fiz uma lista de engenhos
Que havia em Barbalha
Oitenta e quatro pelo menos
Se a memória não falha
Muitos o tempo derrubou
Outros a crise fechou
Resta poucos que trabalha

Ainda sobre a história dos engenhos, nós vamos encontrar em Sá (2007), um pouco das características dos engenhos, bem como sobre as moradas agrupadas e o Engenho Tupinambá

> Cariri conheceu engenhos bem construídos. Seus proprietários, se não se enquadravam no estereótipo de um "senhor de engenho de açúcar" com toda a imagem de autoridade e fausto que a literatura consagrou, dispunham de boas montarias, muitos moradores, trabalhadores e agregados, exercendo certo poder de mando local (p.21).

É uma cidade que se revela pelo cheiro vindo dos engenhos, da palha de rapadura, do mel, da garapa e do bagaço de cana. Um dos colaboradores destacou que:

> [...] tinha um depósito de rapadura e não existe mais e todas as vezes que eu passo lá, ainda hoje, eu fico sentido o cheiro da palha da rapadura [...] Lembro dos homens chamados de chapeados descarregando caminhões com uma imensidão de rapaduras [...] Aquela Barbalha tinha um cheiro diferente, aquele era o cheiro da rapadura, mel, garapa e bagaços de cana, principalmente ali no cruzamento das ruas Pero Coelho e Neroly Figueira, ali e a pracinha da estação estão na minha memória histórica, meu patrimônio de vida que nunca vou esquecer [...] e que era mais forte na época da Festa de Santo Antônio (P2-2015).

Esse olhar sensível de perceber, de sentir a cidade, as pessoas, os lugares e os objetos pelo cheiro encontra eco nos versos de um poeta da cidade chamado José Joel, que em 2010, lançou um cordel intitulado: "Ainda hoje sinto o cheiro do pão que Salú fazia". Essa foi uma homenagem do poeta a um comerciante, padeiro da cidade chamado Salustiano Fonseca, que segundo o poeta, era um cidadão que tinha o respeito e a admiração do povo barbalhense. Também encontrei nos versos da poetisa Lindicássia Nascimento, da Sociedade dos Poetas de Barbalha, a sensualidade específica que o cheiro é capaz de provocar:

Num tem coisa mais mió
Pra mode se apaixonar
Que um xero no cangote,
Um corpo pra se roçar,
Mordidinha da ureia
Se lambuzar na areia
E um caboco pra xerar.

Xero no cantim do zóio!
É gostoso bom demais,
Chega a pele fica quente
Arrepia, querendo mais.
Um xero bom, bem xeroso
Bem xerado é gostoso
Que agente se satisfaz!

Barbalha-Ceará, 2016

Ao recordar a festa de Santo Antônio quando o leilão acontecia na Praça Engenheiro Dória - Praça da Estação, no exercício da 'carta docente', P6-2015 diz que: "[...] famílias e amigos se encontravam com grande satisfação, havia mais participação das famílias [...] recordo com saudades do sabor do sorvete e do cheiro das pipocas [...] quando passamos perto dos canaviais sentimos o cheiro do mel e da rapadura [...]".

Compreendemos que o patrimônio cultural e o afetivo são elementos que necessitam ser abordados no interior das escolas, sobretudo, porque a escola é o principal espaço de atuação do professor da educação básica. Na instituição escolar este profissional exerce seu trabalho de formador. Através do processo de ensino e aprendizagem, ele interage cotidianamente com crianças e jovens. Neste convívio diário, o docente que assume uma postura aberta para aprender, torna-se muito mais do que um simples formador, vivenciando uma dimensão importante do seu trabalho, aquela que o transforma em um constante aprendiz. Pois, de fato "Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende" (Guimarães Rosa).

Sob esta perspectiva, a escola deixa de ser vista apenas como uma estrutura física inerte, tornando-se um lugar vivo, de convivências, "de aprendizagens geradas pela troca de saberes e fazeres entre seus agentes. Enfim, é um campo dinâmico de formação do ser humano em todas as suas dimensões" (RODRIGUES, 2009, p. 66).

O estudo acerca do patrimônio cultura e a formação estética docente permitiu a elaboração da ideia de que o professor é um profissional imerso em um processo de contínua aprendizagem, permeado por uma condição de inacabamento. Para Freire (2002, p. 55) "o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida há inacabamento".

Assim, acreditamos que a experiência estética provocou em todos nós, pesquisadores e colaboradores, uma transformação, nos proporcionando novos olhares para uma nova cidade que se revela a cada momento em que paramos para refletir sobre o seu patrimônio cultural.

Lendo os 'diários formativos', foi possível percebermos que os docentes começaram a internalizar em seu trabalho docente práticas de valorização do patrimônio cultural, no sentido de buscarem nas edificações históricas de Barbalha, fontes para trabalhar os conteúdos das disciplinas em sala de aula. É o que se observa na escrita deste professor:

> [...] Esse momento se tornou histórico para todos nós, pois, revivemos o período de colonização, escravidão, trabalho nos engenhos e toda referência africana incorporada ao nosso dia-a-dia. A aula foi mais significativa [...] Em caráter especial realizamos hoje um trabalho diferenciado e em campo com alunos da Escola Senador Martiniano de Alencar. Objetivando valorizar a beleza negra dos nossos discentes, visitamos lugares históricos de Barbalha como: Engenhos de cana de açúcar e o Casarão hotel, atual biblioteca municipal, para a realização de fotos. Logo pela manhã tudo transcorreu de forma tranquila, no turno da tarde finalmente tivemos a culminância do Projeto "Afro". Foi um momento muito agradável, todas as apresentações foram riquíssimas em conhecimento. Os alunos foram show, abraçaram o projeto com grande responsabilidade. Foi bonito de ver, valeu a pena todo esforço (P1-2015).

Porém, percebemos que há uma grande dificuldade para os professores abordarem aspectos da cultura local, bem como as manifestações religiosas do município, pois há falta de material didático disponível para que os professores utilizem em suas aulas, como esclareceu o colaborador: "[...] em sala de aula utilizamos as pesquisas para dar aula, já que não há o material específico disponibilizado pela Secretaria de Educação para trabalhar estudos regionais [...] (P3-2015)".

O outro colaborador acrescentou ainda que as aulas de Estudos Regionais e Religião que são realizadas na sexta-feira, geralmente são comprometidas por alguns fatores, entre esses, ele destacou três: 1º) Não há material didático disponível para lecionar estas disciplinas; 2º) Muitas vezes, a parte técnica e os recursos tecnológicos da escola não estão disponíveis; e em 3º) Essas disciplinas não são muito valorizadas pelos alunos por ocorrerem

apenas uma vez por semana e os alunos acreditarem que essas disciplinas, não apresentam risco, no sentido de que eles podem ser reprovados para a série seguinte:

> Nas turmas contempladas com aulas na sexta-feira [...] de Estudos Regionais e Religião, confesso que em alguns momentos o objetivo não é atingido, isso devido a uma série de fatores: Primeiro são disciplinas que o município não fornece material; Segundo porque a parte técnica e tecnológica da escola muitas vezes não está disponível, como por exemplo uma xerox; E em terceiro lugar os alunos minimizam a aula devido ser apenas uma aula por semana e que só ela não iria prejudicar o acesso a série seguinte [...] o professor precisa se preparar tanto para ministrar a aula, como para suprir a carência material da escola e motivacional dos alunos (P1-2015).

Percebemos ainda, a insatisfação dos professores em relação a uma carga horária extensiva de trabalho, considerando que estes, ainda levam para casa, bastante trabalhos relacionados a atividade docente e por conta disso, apresentam problemas pessoais, para administrarem o tempo: "A labuta é árdua. O tempo é curto. As atividades inerentes à profissão geralmente consomem 80% do meu dia. Rotineiramente adentro a madrugada corrigindo atividades, pesquisando, estudando" (P8-2015). Outra observação que se faz, neste aspecto, é em relação as condições para a realização do trabalho docente e a dificuldade que o professor tem para investir na profissão: "Hoje estou me sentindo angustiada pelas condições que temos para o exercício da nossa docência. O tempo que temos para investir em cursos, pesquisas, leituras e busca de conhecimento da nossa profissão é insuficiente" (P6-2015).

Em relação à esses aspectos observados, os colaboradores destacaram ainda:

> Me encontro [...] cansado fisicamente, pois ministrei o período integral de aulas ao dia [...] como fazer para melhorar o que já considero o meu melhor? Hoje esse questionamento se fez presente durante todo o dia, onde sem 'tempo' precisei encontrar esse tesouro para realizar diversas atividades [...] Essa situação me deixa inquieto e angustiado, inúmeras vezes perturbado no meu sono, meu descanso pessoal [...] estou precisando repensar a minha vida [...] estou falhando comigo mesmo, com minha felicidade, com minha vontade. Diariamente estou a servir aos outros sempre deixando para depois o que me satisfaz. Como posso fazer os outros felizes se não estou me sentindo feliz? (P1-2015).

> Quando vou ter tempo para mim e para minha família? Quando vou ter coragem de mudar? O que falta para eu dizer basta? O que é mais importante para mim? Preciso reavaliar minha vida profissional [...] Entrega de notas, correções de provas, correção de atividades, correção de redações, somatória e divisão de notas, registros de aulas, lançar presença e ausência... ufa! Ainda preciso cuidar da minha formação (P4-2015).

Por fim, concluímos esta pesquisa enfatizando os desafios para a incorporação do patrimônio cultural nas práticas pedagógicas dos colaboradores, por entendermos que para aguçar a sensibilidade do olhar para a cidade que os cerca, se faz necessário tempo, formação específica sobre a temática e condições favoráveis para que isso ocorra.

Os exercícios realizados no Círculo estético-dialógico, proporcionaram um novo olhar dos colaboradores para a história local, a exemplo do exercício das 'Tirinhas pedagógicas e colagens', conforme o registro dos participantes: "A partir do curso [...] aconteceu um novo olhar em relação a memória histórica individual e coletiva que até então não tinha percebido. O curso está sendo muito bom, prazeroso e legal. Espero que ele possa acontecer mais vezes" (P2, 2015).

Outros colaboradores, exemplificaram que, para um organismo funcionar, precisa de manutenção e fontes de energia e que a união dos participantes no curso, poderia ser representado por um jogo de quebra-cabeça e que o curso que estava sendo realizado, estava cumprindo esta função de manutenção desse sistema com integração dos participantes.

> É preciso entender que um organismo para funcionar precisa de uma engrenagem complexa de manutenção e fontes de energia. E nós fazemos parte de vários sistemas e em cada um temos uma função importante. Obrigada pela sua participação na manutenção do nosso sistema, professor Hugo Rodrigues (P3,2015).

> Neste curso de formação de professores a importância da união das peças de um quebra-cabeças humano que surgiu entre nós professores, quanto a condição apresentada por todos nos momentos de expressões pessoais, foi de tamanha grandeza que particularmente sinto que além de conhecermos um pouco mais, vai nos valer um novo olhar sobre a temática debatida, proporcionando a formação de um grupo de estudos sobre a importância de difusão do patrimônio histórico cultural de nosso município (P5, 2015).

Outra referência que os colaboradores fizeram em relação ao curso, se fazia em relação à um novo olhar direcionado para a cidade e a prática pedagógica "Estamos irradiantes com a qualidade da nossa formação. Estamos felizes pela oportunidade. Tenho certeza que o meu olhar está diferente em relação à minha cidade e a minha prática pedagógica" (P6, 2015). Também mencionam as múltiplas propostas que essa formação ofereceu:

> O que podemos produzir, o que devemos preservar, como analisar, como diversificar o olhar, como analisar? São várias e múltiplas as propostas que essa formação nos oferece, ajudando-nos no aprimoramento de nossas ações e implementando a nossa vivência. A nossa prática nos reporta a um tempo, uma época, um momento onde

> estamos inseridos ou podemos conhecer através de imagens, relatos e sons. Mesmo aquilo que não podemos ver, podemos sentir (P8, 2015).

Acreditamos que, o Curso formativo-investigativo sobre o patrimônio cultural em Barbalha fortaleceu a concepção de patrimônio cultural para os participantes, contribui para que os colaboradores tivessem um novo olhar sobre o patrimônio cultural da cidade, reverberando na prática pedagógica desses.

6 CONSIDERAÇÕES

O patrimônio cultural na formação estética de professores constitui o tema central do estudo apresentado. A pesquisa-ação nos possibilitou a vivência de momentos interativos com oito docentes de uma escola da rede municipal de Barbalha, munícipio localizado na região sul do Ceará. A rica manifestação da cultura popular presente nesta cidade foi constantemente destacada na fala dos professores que colaboraram com esta pesquisa.

As atividades realizadas colaborativamente durante seis encontros formativos-investigativos tiveram como ponto de partida a formação estética dos professores da pesquisa, no sentido de compreender os significados atribuídos ao patrimônio cultural da cidade em que eles são moradores e atuam como profissionais do ensino básico. Também constituiu-se como ferramenta importante o uso do *facebook* como canal de comunicação que manteve a interatividade virtual dos pesquisadores e dos professores colaboradores do estudo.

Vale lembrar que as diversas atividades realizadas tiveram o intuito de compreender as possibilidades e os limites na formação estética de professores do Ensino Básico, tendo como partida os elementos do patrimônio cultural da cidade de Barbalha. Para tal, focamos o nosso olhar nos seguintes objetivos:

- Conhecer a concepção dos professores sobre o tema patrimônio cultural;
- Caracterizar os elementos do patrimônio cultural barbalhense elencados pelos docentes pesquisados;
- Entender de onde provêm os saberes de formação estética que os docentes utilizam para interpretar o patrimônio cultural de Barbalha.

Sobre o primeiro objetivo previsto, “conhecer a concepção dos professores sobre o tema patrimônio cultural”, foi possível perceber que os docentes relacionam patrimônio cultural a ideia de construção permeada por valores e significados das suas histórias de vida, que incluem suas experiências de formação, estabelecendo uma ligação direta entre esses valores e a cidade *lócus* da pesquisa. Conseguem elencar elementos da cultura material e imaterial como parte desse patrimônio, fato que interpretamos como reconhecimento do patrimônio cultural no âmbito da materialidade e da imaterialidade. Suas concepções também denotam que os professores colaboradores revelam a consciência de que os bens que caracterizam o patrimônio cultural de uma cidade devem ser preservados para as gerações futuras.

Em relação ao segundo objetivo mencionado, observamos que o ritual do carregamento do pau da Bandeira no contexto dos festejos de Santo Antônio aparece como principal exemplo de patrimônio cultural imaterial barbalhense, seguido da caracterização como bens materiais, os espaços e edificações da cidade, destacando-se a Igreja do Rosário e a Igreja da Matriz. Além das igrejas citadas que possuem reconhecimento pela imponência de seus traços arquitetônicos de qualidade de construção, outras edificações históricas e espaços urbanos e rurais do entorno da cidade, também foram citados por despertarem neles o olhar afetivo, tais como: as paisagens dos verdes canaviais, o distrito de Arajara, as praças Engenheiro Dória e Filgueiras Sampaio, Hospital São Vicente de Paulo, a passagem do Rio Salamanca, além dos engenhos.

O terceiro objetivo que se refere à origem dos saberes mobilizados para a interpretação e reconhecimento do patrimônio cultural de Barbalha nos permitiu compreender que a formação estética dos docentes que se revelaram em leituras sensíveis que eles fazem da cidade, por meio de lembranças do passado, suscitadas pelo olhar lançado aos prédios e a edificações, pelo cheiro da rapadura exalado nos engenhos, e pelo sabor da pipoca e do sorvete saboreados nas festas culturais do município. Tais elementos se fazem presente no cotidiano dos docentes explicitando que esses saberes estão ligados a aspectos do conhecimento sensível que estão presentes na memória, e que se revelam através de recordações que os ajudam a entender por que elegeram determinados bens como patrimônio cultural.

Percebemos assim que os saberes da experiência são marcantes no modo dos colaboradores desta pesquisa interpretarem Barbalha e sua riqueza cultural. O trabalho curso investigativo-formativo realizado por nós sob a mediação do Círculo estético-dialógico acionou esses saberes experienciais e os trouxe para o primeiro plano das discussões e decisões sobre o nosso objeto de estudo. As atividades e a interação com o grupo contribuíram para que estes docentes construíssem um olhar mais reflexivo sobre o patrimônio cultural que Barbalha encerra, os fazendo observa elementos da cidade que até então não tinham percebido.

Neste sentido as ações desenvolvidas no Círculo estético-dialógico podem ser apontadas uma das importantes etapas da caminhada para o conhecer e o reconhecer os saberes docentes sobre o patrimônio cultural de Barbalha, instigando-os na direção de reflexões e ações para ampliar processos de valorização e divulgação da cultura desta cidade no contexto de suas salas de aula.

De fato, a história da cidade está simbolicamente impressa nos monumentos e manifestações culturais, tornando-a fonte relevantes de conteúdos que passaram a fazer parte do cotidiano do trabalho pedagógico desses professores em sala de aula. Suas vivências e práticas de ensino. Nessa direção ainda hoje estão em movimento, sendo acompanhada por nós e por todos os membros da pesquisa nas postagens que são feitas no grupo criado no *facebook* que se mantém como ativo mecanismo de comunicação mesmo após o encerramento da pesquisa.

Logo, concluímos que para além dos objetivos já explicitados a ressonância das reflexões provocadas na formação também afetará positivamente a prática pedagógica dos professores que dela fizeram parte.

Por outro lado, registramos as insatisfações dos professores com os limites que o sistema de ensino lhes impõe no trabalho mais consistente com a formação estética e o patrimônio cultural.

Decerto, a precarização do trabalho docente, marcado por uma jornada diária exaustiva e a evidente falta de condições estruturais impede os professores de refletirem mais criticamente sobre a formação estética e o patrimônio cultural como campos relevantes para a formação dos alunos. Ademais, destacamos o fato de que entre os desafios para a incorporação desses campos do saber em suas práticas docentes cotidianas está também relacionada a ausência desses temas na formação dos professores que, em seus cursos de formação para a docência não têm acesso a saberes teórico-conceituais que lhes possibilite obter condições e instrumentos para refletir mais criticamente sobre o patrimônio cultural, fortalecendo a formação estética e o aguçamento da sensibilidade do olhar sobre o contexto cultural que os envolve.

O estudo realizado evidenciou que o patrimônio cultural e o afetivo são elementos que necessitam ser abordados no interior das escolas. Os colaboradores deste estudo já começaram a apontar nessa direção, iniciando algumas práticas que possibilitam vivências desta temática nas salas de aula do ensino básico.

Acreditamos que a experiência estética provocou em todos nós, pesquisadores e colaboradores uma transformação, proporcionando novos olhares para a cidade de Barbalha revelada a cada momento em que lançamos nosso olhar estético sobre o seu patrimônio cultural.

Sucintamente, podemos dizer que as análises evidenciaram que, embora o município de Barbalha apresente uma diversidade de grupos folclóricos, manifestações

culturais e edificações históricas, esse patrimônio cultural, normalmente, só é discutido ou contextualizado na formação de professores e no contexto escola no período em que a festa ocorre, sem no entanto, se estender no decorrer do ano letivo.

Analisando as reflexões contidas nos ‘Diários formativos, podemos afirmar que a pesquisa-ação realizada provocou mudanças nas concepções e práticas pedagógicas dos colaboradores do estudo. Nos relatos fica evidente que após as discussões e vivências acerca do patrimônio cultural por eles vivenciadas passaram a utilizar a temática do patrimônio em suas salas de aula do ensino básico.

Deste modo, podemos afirmar ainda que o estudo permitiu ressignificar os conceitos de patrimônio a partir do diálogo de saberes que traziam de sua formação com os novos conceitos por nós elaborados durante o estudo, contribuindo para que estes se percebessem como sujeitos participantes da cultura local. Sob esse aspecto é válido afirmar que a pesquisa possibilitou a transformação de saberes e práticas permeadas pelo movimento da formação estética dos professores desta pesquisa.

Finalizamos dizendo que a formação estética dos nossos colaboradores traduzidas pela maneira como eles concebem o patrimônio cultural de Barbalha, revelou-nos que nosso olhar não é único, contudo é mais um que vem a somar-se aos que lutam e acreditam na possibilidade de melhoria da qualidade do ensino por meio da formação estética e da valorização do patrimônio cultural local, lançando sementes para que novos estudos possam se edificar nessa direção. Assim, se faz necessário considerarmos que os espaços urbanos e as práticas culturais, se constituem mecanismos importantes para o processo de formação estética docente.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil:** Gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1989.

ABREU, Caio Fernando. **Uma história de borboletas** (p.34-42). In: **Fragmentos:** 8 histórias e 1 conto inédito. LPeM POCKET, 2015.

ALMEIDA, Eneida. **Uma releitura das Cartas de Atenas.** Integração. Ano XVI, Nº 60, p. 5-14. Integração. Jan. / Fev. / Mar. 2010.

ALMEIDA, Suzy Élida Lins de. **Hoje tem espetáculo? Saberes e fazeres teatrais de professores de uma escola pública.** Fortaleza: Realce Editora, 2008.

ALVES, Rubem. **O enigma da religião**. Petrópolis: Vozes, 1975.

_____. **O amor que acende a lua**. Campinas, SP: Papirus. 5ª ed. 2001.

_____. **Concerto para corpo e alma**. 13ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

ARELLANO, Miguel Angel. **Preservação de documentos digitais.** Ci. Inf., v. 33, n. 2, p. 15-27, maio/ago. Brasília: 2004.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. Trad. Pier Luigi Cabra. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 2ª ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008.

BARBALHA, Prefeitura Municipal de. **Informativo Cultural 01.** Barbalha, 2010.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação.** Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino de arte**: anos 1980 e novos tempos. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade.** Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro. Editora Jorge Zahar, 2009.

BOGDAN, Robert C. & BIKLEN, Sari knopp. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Senado Federal. Brasília, 2003.

BRASIL. **Decreto Nº 3.551**. Coletânea de Leis sobre preservação do Patrimônio. Rio de Janeiro: IPHAN, 2006.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas:** Estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 4ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - Edusp, 2003.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação.** In: Revista das revistas: estudos avançados. São Paulo, 1991.

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia.** São Paulo: Ática, 2000.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio.** Trad. Luciano Vieira Machado. 3ª ed. São Paulo: Estação Liberdade/ Editora da UNESP, 2006.

COLARES, Edite. Representações da cultura popular. In: COLARES, Edite [et. al.]. **Ensino de Arte e Educação**. Fortaleza: Brasil Tropical, 2001.

COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CUNHA FILHO, Francisco Humberto. (Org.). **Proteção do patrimônio cultural brasileiro por meio do tombamento:** estudo crítico e comparado das legislações estaduais – organizadas por regiões. Fortaleza: Edições UFC, 2013.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica**. In: Revista Brasileira de Educação, v. 17, n. 51, pp.523-740, set.- dez. 2012.

DIAS, Audisio Santos. **Região caririense:** turismo religioso e manifestações culturais na festa do pau sagrado de Santo Antônio de Barbalha. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciências e Tecnologia, Curso de Mestrado Acadêmico em Geografia, Fortaleza, 2012.

DUARTE JUNIOR, João-Francisco. **O sentido dos sentidos:** a educação (do) sensível. 2ªed. Curitiba-PR.: Criar Edições, 2003.

_____. João Franscisco. **Fundamentos estéticos da educação.** Campinas, SP: Papyrus, 2005.

_____. João-Francisco. **Por que Arte-Educação?** 20ª ed. Campinas: Papirus, 2009.

FEBVRE, Lucein. **Combates pela História.** 2ª ed. Lisboa: Editorial Presença. 1985.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **A Pedagogia da pesquisa-Ação.** Educação e Pesquisa. Revista da Faculdade de Educação da USP. Vol.31, fascículo 3. p. 483-502. dez.2005. São Paulo 2005.

FREIRE. **Educação e Mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 17ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. 25ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GADOTTI, **Moacir. Escola Cidadã.** 9ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GAMBOA, Sílvio Sánchez. **Pesquisa em Educação**: Métodos e epistemologias. 2ª ed. Chapecó SC: Argos, 2012.

GHEDIN, Evandro. FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GRUNBERG, Evelina. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial**. Brasília, DF: IPHAN, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial.** Brasília: IPHAN: Museu Imperial, 1999.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. **Pesquisa Colaborativa**: investigação, formação e produção de conhecimentos. Brasília: Líber Livro Editora, 2008.

JOEL, José. **Cordel:** Ainda hoje sinto o cheiro do pão que Salú fazia. Barbalha, 2010.

LARROSA, JORGE. **Tremores:** escritos sobre experiência. Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

LE GOFF, Jacques. **Memória.** Lisboa: Edições 70, 1981.

LEONTIEV, Dimitry A. Funções da arte e educação estética. In FRÓIS, João Pedro. **Educação Estética e Artística**: abordagens transdisciplinares. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

LIBANEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

LINHARES, Ângela Maria Bessa. **O tortuoso e doce caminho da sensibilidade:** um estudo sobre a arte e educação. Coleção Fronteiras da Educação. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1999.

LUDKE, M. & ANDRÉ, Marli. **A Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986

MARTINS, Clerton. Patrimônio cultural e identidade. In: Martins, Clerton (org.). **Patrimônio cultural:** da memória ao sentido do lugar. São Paulo: Roca, 2006.

MATOS, Elvis de Azevedo. **Um Inventário Luminoso ou Alumiário Inventado:** Uma Trajetória Humana de Musical Formação. Universidade Federal do Ceará. (Tese de Doutorado de Pós-Graduação em Educação da FACED/UFC). UFC, 2007.

MILLS, Wright. “Do artesanato intelectual” In: _____ **A imaginação sociológica**, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otávio. GOMES, Romeu. **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. 23ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

NASCIMENTO, Lindicássia. **Num tem coisa mais mió.** Barbalha, 2016.

NEVES, Napoleão Tavares. **Pequena história da Paróquia de Santo Antônio de Barbalh**a: [s.n.], 1988.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História:** a problemática dos lugares. In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

NÓVOA, Antônio. Formação de Professores e Profissão Docente. In: NÓVOA, Antônio (Coord.) **Os professores e a sua formação.** 2ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote/Instituto de Inovação Educacional - IIE, 1995.

PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Pesquisa em Educação:** possibilidades investigativas/formativas da pesquisa-ação. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

_____. LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência:** diferentes concepções. Revista Poíesis -Volume 3, Números 3 e 4, pp.5-24, 2005/2006.

PONTE, Sebastião Rogério da. **O Ceará um resumo histórico cultural.** Fortaleza: Museu do Ceará, 1996.

PRIMO, Judite. **Museologia e Patrimônio:** Documentos Fundamentais – Organização e Apresentação. Cadernos de Sociomuseologia/ nº 15, Págs.90-93; Lisboa, Portugal. ULHT, 1999;

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

RODRIGUES, Cicera Sineide Dantas. **Disposições norteadoras de concepções acerca da teoria e da prática:** um estudo das falas de docentes e discentes do curso de Pedagogia da URCA. 2009. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

RODRIGUES, José Sebastião. **Engenhos.** Barbalha, (s/d).

RODRIGUES, Rui Martinho. **Pesquisa acadêmica:** como facilitar o processo de preparação de suas etapas. São Paulo: Atlas, 2007.

SÁ, Maria Yacê Carleial Feijó de. **Os homens que faziam o tupinambá moer**: Experiência e Trabalho em Engenhos de Rapadura no Cariri (1945-1980). Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual do Ceará. Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza, 2007.

SÁ, Susanne Xavier de. BARBALHO, Alexandre Almeida. **Festa de Santo Antônio de Barbalha - CE**: Patrimônio Imaterial. Revista do Mestrado Profissional em Planejamento em Políticas Públicas. (463-491), 2011.

SALES, José Albio Moreira de. OLIVEIRA, Jacqueline Holanda Tomaz de. O pioneirismo do ideário da Escola Nova no Ceará e a construção da nova sede da Escola Normal de Fortaleza. In: _____. [et. al.] (Organizadores). **Docência e formação de professores:** novos olhares sobre temáticas contemporâneas. Fortaleza: EdUECE, 2009.

_____. NÓBREGA-THERRIEN, S. M. Investigação e métodos da história da arte. In: NÓBREGA-THERRIEN, S. M [et all.] (Orgs.). **Pesquisa científica para iniciantes-** caminhando no labirinto: Fundamentos da pesquisa. V.III. Fortaleza: EdUECE, 2011.

SALVADORI, Maria Ângela Borges. **História, ensino e patrimônio.** Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2008.

SANTIAGO, Zilsa Maria Pinto. **Arquitetura e instrução pública:** a reforma de 1922, concepção de espaços e formação de grupos escolares. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em educação brasileira, Fortaleza: 2011.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**. 8ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Josier Ferreira. **O Círculo Operário como expressão do catolicismo social na promoção do ensino e da cultura no município de Barbalha (1930-1964).** Fortaleza: UFC, 2009. (Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da FACED/UFC).

SILVA, Tomaz Tadeu da. (Organização e tradução). **O que é, afinal Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. **Teoria cultural e educação:** um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica,2000.

STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe. **Cultura infantil:** a construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

THERRIEN, Jacques. **O saber social da prática docente.** Revista Educação e Sociedade, Nº 46, pp.408-418. 1993.

VARINE, Hugues de. **As Raízes do futuro:** o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Trad. Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2012.

VOVELLE, Michel. **Imagens e imaginário na história.** São Paulo: Editora Ática, 1997.

JORNAIS

DIÁRIO DO NORDESTE. **Professores elaboram propostas de melhorias para a educação**. Fortaleza, 17, out. 2006.

JORNAL DO CARIRI. **O teatro para as comunidades carentes**. Juazeiro do Norte, 05, out. 2003, p.6.

INTERNET

Martins Fontes. Minha Mãe. http://www.jornaldepoesia.jor.br. Acesso 13 de agosto, 2014.

http://mapapontocom.blogpot.com.br. Figura 1. Acesso: 18 de março, 2015.

http://google.com.br. Figura 2: Acesso: 28 de março de 2015.

http://retalhosll.blogspot.com.br/2013/02/12_10.html.Figura 3. Acesso: 31 de outubro, 2015.

http://avidaquer.com.br/semana-mundial-do-brincar-2013.Figura 5. Acesso:28 de março,2015

http://www.avidaquer.com.br/cada-coisa-tem-sua-hora. Figura 6. Acesso: 02 de out. 2015.

http://picasaweb.google.com/lh/photo/r9KzhziNab7mXN1XW6YR6A. Figura 20. Acesso: 02 de fev. 2015.

DEPOIMENTO

José Rosinaldo Rodrigues da Paixão - Diretor da Escola de Ensino Fundamental Senador Martiniano de Alencar (2015).

Ni de Sousa - Produtora Cultural (2016).

APÊNDICES

APÊNDICE A

PROGRAMAÇÃO DO CURSO INVESTIGATIVO-FORMATIVO

SOBRE O PATRIMÔNIO CULTURAL DE BARBALHA

Universidade Estadual do Ceará
Centro de Educação
GRUPO DE PESQUISA: INVESTIGAÇÃO EM ARTE, ENSINO E HISTÓRIA
CURSO INVESTIGATIVO-FORMATIVO
Patrimônio Cultural de Barbalha-Ceará na formação estética dos professores da educação básica

Figura Ilustrativa: Barbalha - Fonte internet

O Curso investigativo-formativo é destinado aos colaboradores da pesquisa de mestrado. Tem como objetivo abordar a temática sobre o patrimônio cultural na formação estética de professores da educação básica.

A metodologia utilizada será por meio da pesquisa-ação, que denominamos de Círculo estético-dialógico.

Haverá certificação pelo Centro de Educação, da Universidade Estadual do Ceará – UECE, para os participantes da pesquisa e também para a escola parceira deste momento investigativo-formativo.

Inscrições:
Preenchimento da ficha de inscrição (Disponível na Secretaria da escola.)
Local de Realização do Curso: EEF Senador Martiniano de Alencar

Responsáveis pela oficina

Hugo de Melo Rodrigues - Mestrando em Educação do Programa da Pós-graduação em Educação - PPGE – UECE. Bolsista pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP.

José Albio Moreira de Sales – Professor Adjunto da Universidade Estadual do Ceará – UECE, com pós-doutorado em Ciências da Educação na Universidade do Porto, em Portugal.

1º Encontro: 10.10.2015 (Sábado)

- **Inicio: 08:00h.** **Término: 15:00h.**

  - ✓ **1º Momento:** Planejamento das atividades do dia;
  - ✓ **2º Momento:** Distribuição de material didático (Pasta, textos, caderno e caneta);
  - ✓ **3º Momento:** Exercício: Varal de imagens;
  - ✓ **4º Momento:** Exercício: Desenho;
  - ✓ **5º Momento:** Leitura e análise de texto;
  - ✓ **6º Momento:** Reflexões sobre as atividades realizadas.

2º Encontro: 23.10.2015 (Sexta)

- **Inicio: 08:00h.** **Término: 15:00h.**

  - ✓ **1º Momento:** Memória do encontro anterior e planejamento das atividades do dia;
  - ✓ **2º Momento:** Exercício: Patrimônio afetivo;
  - ✓ **3º Momento:** Exercício: Carta docente;
  - ✓ **4º Momento:** Exercício: Cidade imaginária;
  - ✓ **5º Momento:** Exercício: Entre ruas e imagens.
  - ✓ **6º Momento:** Reflexões sobre as atividades realizadas.

3º Encontro: 31.10.2015 (Sábado)

- **Inicio: 08:00h.** **Término: 15:00h.**

  - ✓ **1º Momento:** Memória do encontro anterior e planejamento de atividades;
  - ✓ **2º Momento:** Chão escolar;
  - ✓ **3º Momento:** Elaboração de texto;
  - ✓ **3º Momento:** Citação de texto;
  - ✓ **4º Momento:** Leitura e análise de texto.
  - ✓ **5º Momento:** Reflexões sobre as atividades realizadas

4º Encontro: 07.11.2015 (Sábado)

- **Início: 08:00h.** **Término: 15:00h.**

  - ✓ **1º Momento:** Memória do encontro anterior e planejamento de atividades;
  - ✓ **2º Momento:** Andar de olhos vendados pela cidade;
  - ✓ **3º Momento:** Vídeo-documentário;
  - ✓ **4º Momento:** Leitura e análise de textos;
  - ✓ **5º Momento:** Reflexões sobre as atividades realizadas.

5º Encontro: 13.11.2015 (Sexta)

- **Início: 08:00h.** **Término: 15:00h.**

  - ✓ **1º Momento:** Memória do encontro anterior e planejamento de atividades;
  - ✓ **2º Momento:** Tirinhas pedagógicas;
  - ✓ **3º Momento:** Recortes de revista;
  - ✓ **4º Momento:** Confecção de fanzine*;*
  - ✓ **5º Momento:** Leitura e análise de texto;
  - ✓ **6º Momento:** Reflexões sobre as atividades realizadas.

6º Encontro: 22.12.2015 (Terça)

- **Início: 08:00h.** **Término: 15:00h.**

  - ✓ **1º Momento:** Memória do encontro anterior e planejamento das atividades;
  - ✓ **2º Momento:** Avaliação das atividades realizadas e confraternização;
  - ✓ **3º Momento:** Recebimento de portifólio das atividades realizadas;
  - ✓ **4º Momento:** Entrega de Certificados;
  - ✓ **5º Momento:** Encerramento.

FICHA DE INSCRIÇÃO

Professor (a): _____

Série/ano: _____

Disciplina (s) que leciona:
_____

_____

Grau de instrução:
( ) Graduação ( ) Especialização ( ) Mestrado ( ) Doutorado ( ) Pós-doutorado

Endereço Residencial: _____

Contato: telefone (s) e email: _____

APÊNDICE B

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

QUESTIONÁRIO DO PROFESSOR COLABORADOR

Mestrando: Hugo de Melo Rodrigues
Orientador: Profº Dr. José Albio Moreira de Sales
Pesquisa: Patrimônio Cultural de Barbalha na Formação Estética de Professores do Ensino Básico: Elementos do Círculo estético-dialógico.
Campo de Pesquisa: Escola de Ensino Fundamental Senador Martiniano de Alencar.

Nome Completo:
Endereço:
Contatos telefônicos:
Email:

1. IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

1.1. Identifique a sua faixa etária:
Menos de 20 anos _____
Entre 20 e 29 anos _____
Entre 30 e 39 anos _____
Entre 40 e 49 anos _____
Entre 50 e 59 anos _____
Mais de 60 anos _____

1.2. Formação em nível de graduação
_____ Bacharelado
_____ Licenciatura
_____ Bacharelado e Licenciatura
_____ Outro _____

1.3. Nome do curso de graduação 1 – Nome da instituição - Ano de conclusão
_____

1.4. Nome do curso de graduação 1 – Nome da instituição - Ano de conclusão
_____

1.5. Maior titulação
_____ Graduação
_____ Especialização
_____ Mestrado
_____ Doutorado
_____ Pós-doutorado

1.6. Situação da maior titulação: _____ Concluída _____ Cursando

2. IDENTIFICAÇÃO PROFISSIONAL

2.1. Situação profissional
_____ Efetivo
_____ Contratado

2.2. Tempo de experiência docente no ensino básico
_____ menos de 01 ano
_____ de 01 a 02 anos
_____ de 03 a 05 anos
_____ de 05 a 10 anos
_____ de 10 a 15 anos
_____ mais de 15 anos

2.3. Carga horária de trabalho semanal: _____

2.4. Disciplinas que leciona (no momento):
_____

Barbalha - CE., 02 / Outubro / 2015

Assinatura do (a) Professor (a)

HUGO DE MELO RODRIGUES
Pesquisador

CONTATOS DO PESQUISADOR:
ENDEREÇO:
TELEFONE:
CELULARES:
E-MAIL:

APÊNDICE C

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estimado (a) Professor (a)

O presente documento trata da sua participação na pesquisa intitulada: "Patrimônio Cultural de Barbalha na Formação Estética de Professores do Ensino Básico: Elementos do Círculo estético-dialógico". A pesquisa está sendo desenvolvida pelo professor HUGO DE MELO RODRIGUES, mestrando em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará-UECE. O estudo visa compreender a formação estética de professores da Educação Básica, com apoio em elementos do patrimônio cultural da cidade de Barbalha. A principal técnica de investigação constitui de um Curso investigativo-formativo, sobre o patrimônio cultural de Barbalha - Ceará, por meio do "Círculo estético-dialógico", realizado em seis encontros presenciais e acompanhamento virtual do período correspondente a 02 de outubro a 21 de dezembro de 2015.

Obtendo a sua anuência, será feito uso de gravador, filmagens e fotografias dos momentos vivenciados no curso.

O material gerado será tratado com todo o respeito e ética, sendo manuseado somente pelo pesquisador, orientador da pesquisa e possível colaborador técnico.

Sua participação é voluntária. A qualquer momento você pode desistir da pesquisa e retirar o seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

A sua participação no estudo não traz riscos e nem complicações legais para você. O benefício será a contribuição da pesquisa para fortalecer o campo de estudos da formação estética docente na relação com o patrimônio cultural de Barbalha-Ceará. Você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por colaboração.

As informações obtidas através deste estudo serão confidenciais. O sigilo da sua participação será garantido. Neste sentido, os dados serão publicados de forma a não revelar sua identificação, preservando o seu anonimato.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador, podendo tirar suas dúvidas sobre a pesquisa e sobre a sua participação, agora ou a qualquer momento.

Após estes esclarecimentos, solicito abaixo o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa.

Eu li este termo de consentimento e concordei em participar desta pesquisa.

NOME DO PRTICIPANTE

ASSINATURA DO PARTICIPANTE

NOME DO PESQUISADOR

ASSINATURA DO PESQUISADOR

Fortaleza – Ceará, 02 de Outubro de 2015.

CONTATOS DO PESQUISADOR:
ENDEREÇO:
TELEFONE:
CELULARES:
E-MAIL:

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, _____

Professor (a) da Escola de Ensino Fundamental Senador Martiniano de Alencar, concordo em participar da pesquisa do mestrando Hugo de Melo Rodrigues, do Programa de Pós-graduação em educação – PPGE da Universidade Estadual do Ceará - UECE, intitulada "**Patrimônio Cultural de Barbalha na Formação Estética de Professores do Ensino Básico: Elementos do Círculo estético-dialógico**", através do Curso investigativo-formativo e do Círculo estético-dialógico.

Fortaleza, 02 /Outubro /2015

NOME DO PRTICIPANTE

ASSINATURA DO PARTICIPANTE

NOME DO PESQUISADOR

ASSINATURA DO PESQUISADOR

Fortaleza – Ceará, 02 de Outubro de 2015.

CONTATOS DO PESQUISADOR:

ENDEREÇO:
TELEFONE:
CELULARES:
E-MAIL:

APÊNDICE D

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA
CONCEPÇÕES SOBRE PATRIMÔNIO

1. Para você, o que é patrimônio?
2. Para você, o que é patrimônio cultural?
3. Cite 01 (um) exemplo de patrimônio cultural barbalhense (apresentando as características desse patrimônio).
4. Para você o que significa monumento?
5. Cite 01 (um) exemplo de monumento em Barbalha (apresentando as características desse monumento).
6. Especifique alguma iniciativa de valorização do patrimônio cultural desenvolvida em Barbalha?
7. Quais as dificuldades para se desenvolver alguma iniciativa de valorização do patrimônio cultural em Barbalha?
8. Especifique alguma iniciativa de valorização do patrimônio cultural barbalhense desenvolvida na escola em que você trabalha?
9. Quais as dificuldades para se desenvolver alguma iniciativa de valorização do patrimônio cultura barbalhense na escola em que você trabalha?
10. Descreva alguma iniciativa de valorização do patrimônio cultural barbalhense que você desenvolve em sua prática pedagógica
11. Quais as dificuldades para se desenvolver alguma iniciativa de valorização do patrimônio cultural barbalhense em sua prática pedagógica?
12. Como o patrimônio cultural barbalhense se faz presente em sua vida?
13. Como o patrimônio cultural barbalhense contribui em seu processo formativo?
14. Qual a sua relação com a cidade de Barbalha?
15. Como você caracteriza a cidade de Barbalha (antiga) e a cidade de Barbalha (atual).
16. Quais as suas memórias do patrimônio cultural barbalhense (as mais antigas) que você destacaria
17. Como você idealiza a cidade de Barbalha do futuro